

CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DA COMPANHIA DE JESUS

*FACULDADE DE TEOLOGIA*

*Jacinta Webler*

**“EU TE DESENHEI NA PALMA DAS MÃOS” (Is 49,16)**

A misericórdia e a compaixão no Dêutero-Isaías, na teologia latino-americana e na espiritualidade cristã – um estudo integrativo

*Dissertação de Mestrado*

**Orientador: Prof. Dr. Jaldemir Vitório**

**BELO HORIZONTE**

**2006**

CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DA COMPANHIA DE JESUS

***FACULDADE DE TEOLOGIA***

***JACINTA WEBLER***

**“EU TE DESENHEI NA PALMA DAS MÃOS” (Is 49,16)**

A misericórdia e a compaixão no Dêutero-Isaías, na teologia latino-americana e na espiritualidade cristã – um estudo integrativo

***Dissertação de Mestrado***

**Orientador: Prof. Dr. Jaldemir Vítório**  
**BELO HORIZONTE**

2006

## **AGRADECIMENTO**

A Deus pelo amor misericordioso e compassivo revelado em Jesus de Nazaré; às Irmãs da Comunidade Cristo Rei pelo apoio e compreensão; ao Professor Dr. Jaldemir Vitório pela atenção, dedicação, incentivo e orientação; às Irmãs Ministras dos Enfermos de São Camilo pela acolhida e partilha fraterna; às Irmãs Filhas do Amor Divino da Província Nossa Senhora da Anunciação e aos familiares, pela sintonia; à Direção, Professores(as) e Secretárias da FAJE pelo empenho; aos Colegas de Mestrado pela amizade; a todas as pessoas que prestam serviços na FAJE pela solidariedade.

## RESUMO

Este trabalho centra-se no estudo do tema da misericórdia e da compaixão no Dt-Is, na Teologia latino-americana e na práxis cristã. Busca-se uma melhor compreensão do tema, a fim de responder à desafiadora questão de como retomar o tema da misericórdia num contexto de injustiça, para suscitar esperança no coração do povo latino-americano, sem cair em idéias enganadoras ou em teologias alienadoras de consciência.

A pesquisa está dividida em três capítulos: no primeiro, desenvolve-se o tema dêutero-isaiano da misericórdia e da compaixão. Apresenta-se a exegese de dois textos (Is 41,8-14; 49,14-26), que permitem delinear sua característica teológica.

No segundo capítulo, com o princípio misericórdia, mostra-se como a teologia da misericórdia, em contexto latino-americano, retoma as grandes linhas da teologia dêutero-isaiana e reporta-se ao ensinamento e à práxis de Jesus, estabelecendo o mundo dos pobres como lugar teologal, a partir do qual Sobrino desenvolve sua teologia da misericórdia.

No terceiro capítulo, retoma-se as grandes linhas das reflexões anteriores, verifica-se sua sintonia com os ensinamentos evangélicos e as exigências práticas apresentadas à fé cristã. Enfim, mostra-se que a misericórdia e a compaixão são características centrais, sempre atuais, para a vivência e a práxis cristã em qualquer contexto histórico e geográfico.

## ZUSAMMENFASSUNG

Diese Arbeit befaßt sich mit dem Studium der Barmherzigkeit und des Mitleids in Deutero-Jesaja, in der lateinamerikanischen Theologie und in der christlichen Praxis. Sie stellt den Versuch eines besseren Verständnisses des Textes dar, um Antwort zu finden auf die herausfordernde Frage nach der Wiederaufnahme des Themas der Barmherzigkeit in einem Kontext der Ungerechtigkeit, um im Lateinamerikanischen Volk die Hoffnung zu erwecken, ohne irrigen Ideen oder das Bewußtsein entfremdenden Theologien zu verfallen.

Die Untersuchung ist in drei Kapiteln unterteilt: Im Ersten wird die deutero-jesajische Thematik der Barmherzigkeit und des Mitleids entwickelt. Aufgrund der Darstellung der Exegese zweier Texte (Jes 41,8-14; 49,14-26) wird ihr theologisches Merkmal umrissen.

Das zweite Kapitel zeigt das Prinzip der Barmherzigkeit als Theologie der Barmherzigkeit im lateinamerikanischen Kontext, es weist auf die großen Linien der deutero-jesajischen Theologie und auf die Praxis Jesu hin und stellt die Welt der Armen als theologalen Ort dar, von dem aus Sobrino seine Theologie der Barmherzigkeit entwickelt.

Im dritten Kapitel werden die großen Linien der vorhergehenden Überlegungen aufgenommen, um ihre Synthonie mit der Lehre des Evangeliums und die praktischen Forderungen an den christlichen Glauben zu verifizieren. Schließlich wird aufgezeigt, daß Barmherzigkeit und Mitleid in jedem historischen und geografischen Kontext wesentliche und stets aktuelle Merkmale der christlichen Erfahrung und Praxis darstellen.

PALAVRAS CHAVE:

Compaixão

Esperança

Humanização

Misericórdia

Práxis cristã

Perdão

Pobres

Povos crucificados

Redentor

Solidariedade

Ternura

Vida

## SUMÁRIO

	<b>AGRADECIMENTO .....</b>	<b>2</b>
	<b>RESUMO .....</b>	<b>3</b>
	<b>ZUSAMMENFASSUNG .....</b>	<b>4</b>
	<b>PALAVRAS CHAVES .....</b>	<b>5</b>
	<b>LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS .....</b>	<b>9</b>
	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1</b>	<b>O DÊUTERO-ISAÍAS: TEÓLOGO DA MISERICÓRDIA E DA COMPAIXÃO .....</b>	<b>14</b>
	<b>Introdução .....</b>	<b>14</b>
<b>1.1</b>	<b>O teólogo e seu contexto .....</b>	<b>14</b>
1.1.1	Delimitação do livro do Dêutero-Isaías .....	15
1.1.2	O Dt-Is e seu lugar teológico .....	17
1.1.3	O contexto histórico em que se situa o Dt-Is .....	20
1.1.4	A situação problemática do povo exilado na Babilônia .....	22
1.1.5	O Dt-Is, teólogo da misericórdia e da compaixão .....	23
1.1.6	O objetivo do Dt-Is e sua pedagogia .....	26
1.1.7	A misericórdia e a compaixão no Dt-Is e as imagens para expressá-las ...	28
1.1.8	A mensagem do Dt-Is .....	30
1.1.9	Os traços do rosto de Deus sublinhados na teologia dêutero-isaiana .....	31
<b>1.2</b>	<b>Exegese de textos seletos .....</b>	<b>32</b>



1.2.1	Is 41,8-14.....	33
1.2.1.1	O texto e sua delimitação.....	33
1.2.1.2	Divisão da perícopes e análise de superfície.....	34
1.2.1.3	Exegese.....	36
1.2.1.4	A teologia da misericórdia e da compaixão em Is 41,8-14.....	44
1.2.2	Is 49,14-26.....	46
1.2.2.1	O texto e sua delimitação.....	46
1.2.2.2	Divisão da perícopes e análise de superfície.....	47
1.2.2.3	Exegese.....	49
1.2.2.4	A misericórdia e a compaixão em Is 49,14-26.....	56
<b>1.3</b>	<b><i>Grandes linhas da teologia dêutero-isaiana da misericórdia.....</i></b>	<b>58</b>
1.3.1	Características da teologia dêutero-isaiana da misericórdia .....	58
1.3.2	A imagem de Deus que a teologia dêutero-isaiana apresenta .....	59
	<b>Conclusão .....</b>	<b>61</b>
<b>2</b>	<b>“O PRINCÍPIO MISERICÓRDIA” NA TEOLOGIA LATINO-AMERICANA .....</b>	<b>64</b>
	Introdução.....	<b>64</b>
<b>2.1</b>	<b>Os pobres e a vivência da fé cristã em contexto latino-americano.....</b>	<b>65</b>
2.1.1	<b>Os pobres na América Latina</b> .....	65
2.1.2	<b>A Igreja latino-americana ante a realidade dos pobres</b> .....	68
<b>2.2</b>	<b>Jon Sobrino: o teólogo e seu contexto .....</b>	<b>70</b>
2.2.1	<b>Jon Sobrino, teólogo da misericórdia</b> .....	70
2.2.2	<b>A situação dos pobres da América Latina na visão de Jon Sobrino.....</b>	72
2.2.3	<b>Os povos crucificados impelem à ação misericórdia.....</b>	78
2.2.4	<b>Princípio Misericórdia, serviço à humanidade</b> .....	81
<b>2.3</b>	<b>“O Princípio Misericórdia”: uma teologia situada .....</b>	<b>85</b>

2.3.1	<b>“O Princípio Misericórdia” e seu lugar teológico</b>	86
2.3.2	<b>A imagem de Jesus apresentada na teologia da misericórdia</b>	88
2.3.3	<b>A pragmática da reflexão teológica de Sobrino</b>	95
2.3.4	<b>Os grandes eixos da teologia do princípio misericórdia</b>	100
2.3.5	<b>Fundamentos bíblicos da teologia sobriniana e sua relação com o Dt-Is, e com a práxis de Jesus.....</b>	102
	<b>Conclusão.....</b>	<b>106</b>
<b>3</b>	<b>A MISERICÓRDIA E A COMPAIXÃO NA PRÁXIS CRISTÃ .....</b>	<b>108</b>
	<b>Introdução .....</b>	<b>108</b>
<b>3.1</b>	<b>Os principais eixos da teologia da misericórdia do Dt-Is e de Jon Sobrino.....</b>	<b>108</b>
3.1.1	<b>Uma nova leitura do Êxodo.....</b>	109
3.1.2	<b>Identificar Deus presente na história.....</b>	111
<b>3.2</b>	<b>Relação entre a teologia do Dt-Is e a práxis misericordiosa de Jesus...</b>	<b>113</b>
3.2.1	<b>Uma mensagem de consolação e de misericórdia.....</b>	113
3.2.2	<b>O pobre como lugar teológico .....</b>	115
3.2.3	<b>A recuperação da fé e a esperança do pobre oprimido diante da face misericordiosa de Deus .....</b>	117
3.2.4	<b>A imagem de um Deus misericordioso e compassivo .....</b>	118
3.2.5	<b>O anúncio da Boa-Nova.....</b>	120
<b>3.3</b>	<b>Exigências práticas da teologia da misericórdia à vida cristã.....</b>	<b>122</b>
3.3.1	<b>Refazer a vida com a atitude misericordiosa do amor-perdão.....</b>	123
3.3.2	<b>Historizar no mundo a práxis misericordiosa de Jesus a partir das vítimas</b>	127
3.3.3	<b>Refazer a vida, deixando-se orientar pelo princípio misericórdia.....</b>	130
3.3.4	<b>Uma práxis misericordiosa que fortaleça a fé e anime a esperança dos</b>	134

<b>pobres.....</b>	
Conclusão.....	<b>137</b>
 CONCLUSÃO .....	 <b>139</b>
 BIBLIOGRAFIA .....	 <b>145</b>

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

a.C.	Antes de Cristo
art. cit.	Artigo citado
AT	Antigo Testamento
Cf.	Confere (confira; conforme)
Dt-Is	Dêutero-Isaías
DM	Documento de Medellín
FJC	SOBRINO, J., <i>A Fé em Jesus Cristo</i>
Idem	Mesmo autor
JAL	SOBRINO, J., <i>Jesus na América Latina</i>
JCL	SOBRINO, J., <i>Jesus, O Libertador</i>
n.	Número
NT	Novo Testamento
<i>op. cit.</i>	<i>Opus citatum</i>

OPM	SOBRINO, J., <i>O Princípio Misericórdia</i>
p.	Página
pp.	Páginas
p. ex.	Por exemplo
s.	Seguinte
ss.	Seguintes
TDR	SOBRINO, J., <i>Teologia desde la realidad</i>
v.	Versículo
vv.	Versículos
<i>YHWH</i>	<i>Iahweh</i>

Usaremos para as citações bíblicas a tradução brasileira da Bíblia de Jerusalém. Porém, optamos por usar o tetragrama *YHWH*, ao invés, de *Iahweh*, como consta na tradução. Se, por acaso, fizermos uso de outra tradução, será devidamente observado.

## INTRODUÇÃO

“Eu te desenhei na palma das mãos” (Is 49,16).

O tema da misericórdia e da compaixão no Dêutero-Isaías (Dt-Is), na Teologia latino-americana e na práxis cristã, foi escolhido para esta dissertação. Como retomar o tema da misericórdia num contexto de injustiça, suscitando esperança no coração do povo latino-americano sem cair em idéias enganadoras ou em teologias alienadoras de consciência será o objeto do estudo.

A opção por esse tema tem origem nos estudos específicos na área bíblica, particularmente os referentes à literatura profética que abordam o tema da misericórdia, compaixão e ternura de Deus. A urgência de misericórdia que experimentam os povos crucificados, como aborda Jon Sobrino, teólogo latino-americano, convocando todo cristão(ã) a uma re-ação misericordiosa, interpela a aprofundar o tema. Desafia-me fortemente a aprofundar o tema, a missão carismática da nossa Congregação: Filhas do Amor Divino, irmãs e herdeiras do patrimônio histórico espiritual de Madre Francisca Lechner, chamadas e enviadas para “tornar visível o amor de Deus” pelos caminhos da encarnação, em mística de compaixão solidária, junto às pessoas humilhadas da história: “Nenhum coração sofredor sem uma palavra de consolo”! No processo de discernimento dessa escolha do tema, soma-se o apoio e incentivo do orientador, Professor Doutor Jaldemir Vitório, que ajudou na sua definição. Há imagens de Deus introjetadas que requerem revisão das interpretações recebidas, a fim de se chegar a novas introspecções teológicas que alimentem expectativas mais profundas.

A misericórdia e a compaixão exigem que se vá até aonde existem feridas, que se entre em lugares onde há sofrimento; que se compartilhem os desânimos, os temores, as angústias do outro. Essas realidades humanas desafiam o cristão a clamar com aqueles que

estão em situação inumana, a lamentar-se com o abandonado, a chorar com quem está em lágrimas e a enxugar as lágrimas de quem chora. A misericórdia e a compaixão requerem que se assuma ser fraco ao lado dos fracos e impotentes. A misericórdia e a compaixão representam uma imersão total na condição do ser humano que sofre. É mais do que uma simples benevolência ou sensibilidade externa; é uma reação profunda, até mesmo um protesto ante a dor e o sofrimento do outro, um sofrer com, em busca de estratégias capazes de erradicar as causas deste sofrimento para que a face misericordiosa do verdadeiro Deus volte a ser perceptível a todos os seus filhos e filhas. O teor desta dissertação orienta-se nessa perspectiva da misericórdia e constitui-se de três capítulos:

No primeiro, lança-se o olhar sobre a teologia da misericórdia do Dêutero-Isaías. Apresenta-se o teólogo, seus interlocutores e o seu contexto histórico. Fala-se do lugar teológico a partir do qual o Dt-Is desenvolve a sua missão de reconfortar e reconduzir os israelitas no caminho de recuperação da fé e da esperança em *YHWH*, ajudando-os a fazer uma nova experiência do Deus misericórdia e compaixão. Mostra-se a sua mensagem, acentuando os traços do rosto misericordioso do verdadeiro Deus e sua ternura benevolente no relacionamento com Israel, seu povo. Finalmente, partindo da exegese de dois textos do Dt-Is (Is 41,8-14; 49,14-26), se delineia sua característica teológica, de modo especial, no que se refere à misericórdia e compaixão de *YHWH* para com Israel.

No segundo capítulo, expõe-se o tema da misericórdia desenvolvido no pensamento de Jon Sobrino, mostrando sua preocupação com a situação inumana e anti-misericordiosa dos pobres dentro do contexto latino-americano e a urgência de misericórdia que experimentam esses pobres povos crucificados. Eles constituem o lugar teológico a partir do qual Sobrino desenvolve sua teologia da misericórdia. Mostra-se também como a sua teologia, em contexto latino-americano, retoma as grandes linhas da teologia dêutero-isaiana e inspira-se no ensinamento e na práxis de Jesus em quem a misericórdia divina encontrou a sua máxima expressão histórica. Evidencia-se a imagem de Jesus que Sobrino apresenta para suscitar a esperança dos pobres e a pragmática de sua reflexão. Por fim, procura-se estabelecer a relação deste capítulo com o primeiro e busca-se apresentar os fundamentos bíblicos da teologia sobriniana da misericórdia.

No terceiro capítulo, retomam-se as grandes linhas das reflexões anteriores, verifica-se sua sintonia com os ensinamentos e com a práxis de Jesus. Além disso, aponta-se para as exigências práticas que a teologia da misericórdia apresenta à fé cristã. Procura-se mostrar como a práxis da misericórdia e da compaixão levam o cristão, orientado por esse

princípio, a uma conversão pessoal e ao compromisso ético solidário com as vítimas, defendendo-as, libertando-as, refazendo-lhes a vida e assim atualizando e tornando crível à humanidade sofredora a presença compassivo-misericordiosa do verdadeiro Deus.

Por fim, na conclusão, aponta-se para a necessidade da conversão contínua e da fidelidade cristã no compromisso autêntico com a prática da misericórdia, a fim de mostrar aos pobres e deserdados deste mundo a face do verdadeiro Deus ternura e compaixão. Este compromisso cristão requer uma atitude de abertura para acolher a ação misericordiosa de Deus revelando-se na história sofrida dos povos crucificados e desafiando à fidelidade aos seres humanos mediante uma prática samaritana de compaixão-misericórdia, em proximidade solidária e devotamento materno junto aos humilhados da história.

## 1 - O DÊUTERO-ISAÍAS: TEÓLOGO DA MISERICÓRDIA E DA COMPAIXÃO

### ***Introdução***

O tema da misericórdia e da compaixão é desenvolvido de modo peculiar e único em Is 40-55, parte do livro do profeta Isaías atribuída a um autor anônimo a quem se convencionou chamar de Dêutero-Isaías (Dt-Is). Neste primeiro capítulo, desenvolve-se o tema dêutero-isaiano da misericórdia e da compaixão. Serão apresentados o Dt-Is, seu lugar teológico, seus interlocutores e sua mensagem, bem como, seu contexto histórico, particularmente a situação de crise e desalento vivido pelos israelitas exilados na Babilônia. Em seguida, o foco da reflexão recairá sobre os grandes eixos da sua teologia, o seu objetivo de reavivar a fé e a esperança dos israelitas exilados através da recuperação da memória do êxodo, a fim de ajudá-los a fazer uma nova experiência de Deus. Então, será possível captar na sua mensagem os traços do rosto de Deus e de seu relacionamento com o povo de Israel numa perspectiva de recuperação da fé e da esperança em *YHWH*, o único Deus salvador. Finalmente, partindo da exegese de dois textos do Dt-Is (Is 41,8-14; 49,14-26), será possível delinear sua característica teológica, de modo especial, no tocante à misericórdia de *YHWH* para com Israel.

### **1.1 O teólogo e seu contexto**

Neste item faz-se a delimitação literária do Dt-Is, descreve-se seu lugar teológico, seu contexto histórico e a situação de crise e desalento dos israelitas exilados na Babilônia, a



quem o Dt-Is, teólogo da misericórdia e compaixão, leva uma mensagem de salvação regeneradora e re-confortadora.

#### 1.1.1- Delimitação do livro do Dêutero-Isaías

O Dt-Is (Is 40-55) está inserido no livro do profeta Isaías. Entretanto, percebe-se que esta porção constitui um livro à parte pelas seguintes razões:

- Seu conteúdo e contexto histórico são posteriores à obra apresentada nos capítulos de Is 1-39, referentes ao século VIII a.C., que têm como tema principal oráculos ameaçadores com alusões aos acontecimentos dos reinados de Acáz e de Ezequias<sup>1</sup>.

- Por razões literárias, históricas e teológicas nitidamente diferentes das que compõem Is 1-39, o Dt-Is é considerado como um livro à parte. Sua linguagem é abundante e solene, bem próxima ao discurso sapiencial e da composição de hinos, o que faz dele o mais sedutor e o mais acessível de todos os profetas<sup>2</sup>. Situa-se no século VI a.C., na época em que Jerusalém foi tomada pelo exército de Nabucodonosor, rei da Babilônia, por volta de 597 a.C., marcando o início do exílio babilônico (cf. Is 44,26-28; 51,3; 52,9). Em 587 a.C., o povo foi deportado para o cativeiro na Babilônia (cf. Is 42,22; 43,14; 46,1-2). O teólogo baseia-se no fato de que Jerusalém e o templo foram destruídos (Is 44,26-28; 51,3; 52,9) e de que o povo está no cativeiro (Is 42,22; 43,14; 46,1-2)<sup>3</sup>. Portanto, o contexto histórico, do qual a profecia do Dt-Is procede, se situa num período posterior à época do Isaías pré-exílico. De maneira concreta, o teólogo fala desse ponto de vista histórico. Dirige-se a um círculo definido de leitores e ouvintes, os judeus da fase final do exílio. O que ele fala é específico, refere-se particularmente à angústia dos exilados (Is 40,27ss.)<sup>4</sup>. Suas palavras retratam a época difícil do exílio babilônico e prenunciam seu fim, levando Israel a meditar sobre a salvação, principalmente sobre os meios de que Deus se serve para realizar sua obra<sup>5</sup>.

- Além disso, o Dt-Is anuncia uma profecia de consolação, e não de ameaça como o faz o Proto-Isaías. Fala do único Deus fiel e presente ao longo da história, um Deus

---

<sup>1</sup> Cf. VAN DEN BORN, A. "Isaías". In: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1987, pp. 741-743.

<sup>2</sup> Cf. MONLOUBOU, L. / DU BUIT, F. M. "Dêutero-Isaías". In: *Dicionário Bíblico universal*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 192.

<sup>3</sup> Cf. RIDDERBOS, J. *Isaías*. Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2004, pp. 32-34.

<sup>4</sup> Cf. Idem, *op. cit.*, p. 34.

<sup>5</sup> Cf. MONLOUBOU, L. / DU BUIT, F. M. "Dêutero-Isaías". In: *Dicionário Bíblico universal*, *op. cit.*, p. 192.

que tem piedade de Israel e que manda um salvador na pessoa de Ciro (cf. Is 41-45), enquanto os deuses da Babilônia estão condenados a perecer (cf. Is 47-48)<sup>6</sup>. De forma poética, apresenta a situação de vida e a experiência de fé do povo empobrecido e escravizado durante o exílio na Babilônia. Trata-se de uma mensagem de reconforto e de esperança para o povo exilado na qual o teólogo anuncia que a salvação é possível (cf. Is 40,27ss).

- A ascensão de Ciro e suas vitórias entre 550 a.C. e 539 a.C. fornecem um significativo contexto para a leitura das profecias do Dt-Is<sup>7</sup>. Por volta de 549 a.C., Ciro, imperador da Pérsia, tendo vencido seu adversário Creso, rei da Lídia, e apoderando-se de Sardes, a capital, torna-se uma ameaça para a Babilônia<sup>8</sup>. Essa tomada de Sardes causou entre os israelitas, exilados na Babilônia, uma extrema alegria; nesse fato viram um sinal da queda da Babilônia e de sua libertação (cf. Is 41,2-7.25). Ciro foi um imperador tolerante e respeitador das minorias étnicas e religiosas, restaurando o direito violado e restabelecendo os cultos locais. Em suas primeiras vitórias, o Dt-Is via a aurora de um mundo novo<sup>9</sup>. O Dt-Is incentivou a esperança dos israelitas cativos, afirmando que *YHWH* é a origem das vitórias de Ciro, “Pastor” de *YHWH*; chamou-o também “ungido” de *YHWH*, seu “messias” (Is 44,48; 45,1). *YHWH* “chamou-o” por seu nome, (Is 45,4-5)<sup>10</sup>. Ciro parece tomar o lugar que coubera outrora a Moisés. No entanto, a sua função é limitada. A sua escolha revela um aspecto da condução divina da história. O poder de *YHWH* estende-se a todas as nações: ora encarrega Babilônia do castigo, ora envia o soberano persa como libertador. Ciro é agraciado com um título, embora não conheça *YHWH*. Diferente de Moisés, ele não conduz o povo do novo êxodo: o próprio *YHWH* assume essa função (Is 52,12). Ciro executa uma missão de ordem política e militar<sup>11</sup>.

O Dt-Is aprendera de seu mestre Isaías que as nações servem aos desígnios de *YHWH*; elas lhe servem para o castigo do povo e para sua salvação. Ciro procura conquistar a simpatia das diversas nações conquistadas e deportadas para a Babilônia, permitindo o

<sup>6</sup> Cf. VAN DEN BORN, A. Isaías. In: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, op. cit., p. 742.

<sup>7</sup> Cf. AMSLER, S. / ASURMENDI, J. *Os Profetas e os Livros Proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 304.

<sup>8</sup> “Durch den Perserkönig Cyrus, der 44,28 und 45,1 mit Namen genannt ist, wird Jahve das stolze Babel niederschlagen und sein Volk aus der Gefangenschaft erlösen”. (Cf. FISCHER, J. *Das Buch Isaias*. Bonn: Peter Hanstein, 1939, p. 2).

<sup>9</sup> Cf. Idem, op. cit., p. 305.

<sup>10</sup> A propósito Steinmann comenta que Ciro possivelmente figura, no texto da Bíblia, com a honra e a glória atribuídas ao maior dos não-judeus que os profetas aludiram. (Cf. STEINMANN, J. *O livro da consolação de Israel* e os profetas da volta do exílio. São Paulo: Paulinas, 1976, p. 57).

<sup>11</sup> Cf. AMSLER, S. / ASURMENDI, J. *Os Profetas e os Livros Proféticos*, op. cit., p. 332.

regresso dos judeus para a Palestina, a reconstrução do Templo de Jerusalém e devolve ao templo os vasos sagrados confiscados por Nabucodonosor (Esd 1,1-10; cf. 2Cr 36,23). Escreve um decreto autorizando aos israelitas a retomada do culto conforme as suas antigas tradições (cf. Esd 6,2-5). Assim, suscitado por *YHWH*, dá liberdade aos judeus israelitas para voltarem à sua terra e praticarem a sua religião<sup>12</sup>.

### 1.1.2 - O Dt-Is e seu lugar teológico

Trata-se de um teólogo anônimo que vive no meio do povo desanimado no exílio babilônico<sup>13</sup>. O Dt-Is desenvolve o tema da consolação e retrata as condições de vida e a experiência de fé do povo judeu empobrecido e escravizado durante o exílio na Babilônia, entre os anos 550 e 540 a.C. Apresenta, de modo eloqüente e único, o amor apaixonado e fiel de Deus pelo povo de Israel. Seus escritos deixam entrever sua experiência do Deus ternura e misericórdia na situação de crise e de sofrimento no exílio da Babilônia e, por isso, não se cansa de nomeá-las: “Por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem, eu não me esqueceria de ti. Eis que te gravei nas palmas da minha mão” (Is 49,15-16).

No Dt-Is, encontram-se oráculos de salvação de caráter mais emocionante e terno, diferentes dos de outras literaturas proféticas<sup>14</sup>. Caracterizam-se pelo espírito de alegria, pela linguagem de intimidade pessoal e pela afirmação de que já ocorreu mudança do julgamento para a salvação. Sua linguagem é animadora e encorajadora<sup>15</sup>.

A certeza de que Deus é fiel a seu povo e o acompanha em sua caminhada leva o teólogo a anunciar, com convicção, a sua Palavra viva e eficaz que o reconforta no cativeiro. “Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus, falai ao coração de Jerusalém e dizei-lhe em alta voz que o seu serviço está cumprido, que a sua iniquidade está expiada, que ela recebeu da mão de *YHWH* paga dobrada por todos os seus pecados” (Is 40,1-2). Para reavivar a fé e a

<sup>12</sup> Cf. ALONSO SCHÖKEL, L. & SICRE DIAZ, J. L. *Profetas*. Grande comentário bíblico. São Paulo: Paulinas, 1991, pp. 269-270, vol. I.

<sup>13</sup> Cf. MONLOUBOU, L. / DU BUIT, F. M. “Dêutero-Isaías”. In: *Dicionário Bíblico universal*, op. cit., p. 192.

<sup>14</sup> “Diferentemente dos grandes profetas clássicos, o Segundo Isaías é o homem de uma só idéia, de um único tema: a libertação. Ele só tem uma obsessão e conhece apenas uma promessa. O Dt-Is soube variar seu discurso pelo emprego de diferentes formas poéticas”. (Cf. STEINMANN, J. *O livro da consolação de Israel*, op. cit., p. 205).

<sup>15</sup> KLEIN, R. W. *Israel no Exílio*. Uma interpretação teológica. São Paulo: Paulinas, 1990, pp. 124-125.

esperança do povo, o Dt-Is ajuda-o a fazer memória da presença de *YHWH* ao longo da história e reconhece, no exílio da Babilônia, uma situação de miséria e opressão semelhante à que Israel viveu no Egito no início de sua formação, reencontrando, assim, o mesmo Deus libertador ao lado do seu povo no presente obscuro. A memória do êxodo torna-se força que alimenta a resistência e a esperança. O teólogo preocupa-se em dizer que *YHWH* está sempre presente e que ainda hoje fala aos seus. Ele os ajuda, a partir da experiência do exílio, a despertar a consciência de que um novo jeito de viver é possível, baseado na justiça e na solidariedade <sup>16</sup>.

O Dt-Is faz a opção pelos pobres sofridos do cativo da Babilônia e sua mensagem se estende aos pobres de todos os tempos. Procura reuni-los e organizá-los na resistência contra o opressor. Em cada uma de suas páginas, há sinais de esperança e, ao mesmo tempo, a insistência em afirmar que *YHWH* está do lado dos pobres e enfraquecidos. Ajuda-os a refletir, sobretudo, o que acontece, reanimando-os na sua caminhada (cf. Is 40,12-14. 21. 25-27). Estabelece com eles um diálogo em pé de igualdade: “O Senhor *YHWH* me deu uma língua de discípulo para que eu soubesse trazer ao cansado uma palavra de conforto. De manhã ele me desperta, sim, desperta o meu ouvido para que eu ouça como os discípulos” (Is 50,4-5). Levanta o ânimo do povo exilado na Babilônia e ajuda-o a redescobrir a presença escondida de Deus e a proclamá-la (Is 40,9-11; 52,7-10).

O teólogo Dt-Is proclama, de muitas maneiras, o poder salvador de *YHWH*. Reconstrói sua figura e apresenta-o como aquele que pode e, sobretudo, quer salvar o seu povo. Para Croatto, o projeto salvífico de *YHWH* é o núcleo da mensagem do Dt-Is. Usa com frequência a expressão “compadecer-se”, o que dá matiz afetivo a essa mensagem de salvação de *YHWH*<sup>17</sup>. Acredita que a mensagem do Dt-Is estende-se para além do exílio da Babilônia. No seu entender, trata-se de um paradigma da situação da diáspora dos judeus e israelitas dispersos por todo o mundo <sup>18</sup>.

O Dt-Is é o teólogo e poeta inspirado que, de modo entusiasta e, sobretudo, com uma palavra de Deus, contagia os exilados, reanimando a sua esperança em *YHWH*, fiel a seu povo. Como mensageiro de boas notícias ligadas a história do povo sofrido, promove a esperança e a certeza da presença do Deus libertador (cf. Is 49,2; 50,4; 51,16). Com algo de

<sup>16</sup> Cf. WIÉNER, C. *O Profeta do Novo Êxodo*. “O Dêutero-Isaías”. Coleção: Cadernos Bíblicos – 7. São Paulo: Paulus, 1980, p. 5.

<sup>17</sup> Cf. CROATTO, J. S. “O Dêutero-Isaías, profeta da utopia”. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 24, Vozes, 1996, p. 42.

<sup>18</sup> Cf. CROATTO, J. S. “Isaías” – A palavra profética e sua releitura hermenêutica. Vol. II: 40-55. A Libertação é possível. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 12.

Moisés e com muita coisa de profeta, anuncia os fatos com entusiasmo poético, com imagens e símbolos, num horizonte aberto e com uma visão nova, olhando para além do presente escuro. Transborda os fatos limitados e exprime em símbolos esplêndidos a glória do novo êxodo, apontando para a realidade superior, a libertação autêntica.

Esse novo êxodo retoma o antigo, atualiza-o e o eleva a novo nível histórico. Assim, o retorno do exílio é, ao mesmo tempo, uma recordação histórica e um anseio e anúncio futuro. O povo sai ou é tirado do cativeiro porque, na frente, sai o Senhor pessoalmente. Transpondo o esquema, o autor mostra de que maneira primeiramente sai da boca de Deus uma ordem que se há de cumprir, um anúncio que será realizado: e a Palavra de Deus (Is 55,11), o Senhor (Is 42,13), o povo, (Is 55,12). Assim como o Senhor tirou do Egito o povo do primeiro êxodo (cf. Ex 12, 51), tira também o povo do exílio da Babilônia da escravidão (Is 49,7). Liberta-o do cativeiro (Is 52,2), da prisão (Is 42,7; 51,14), da escuridão (Is 49,9), do serviço obrigatório (Is 40,1s), da opressão (Is 47,6; 52,4; 54,14). Por causa de seu amor fiel e de sua misericórdia, o Senhor se torna o “resgatador” (*go'él*) do seu povo e o faz gratuitamente (cf. Is 43,1; 44,22s; 48,20; 51,10; 52,3. 9) <sup>19</sup>.

O Dt-Is, com imagens muito expressivas, esclarece a difícil situação do cativeiro ao povo, pela sua dificuldade de crer na presença de Deus em meio à realidade que o esmagava (Is 42,1-6). Recordando os fatos do passado, ajuda-o a perceber como o Deus da Criação acompanha-o com carinho, sendo fiel à sua Palavra, Fonte de Vida (Is 41,1-5; 42,18-25). A vocação do Dt-Is fundamenta-se na Palavra de Deus (cf. Is 42,1. 5-7; 43,1-2) <sup>20</sup>.

A maior parte dos oráculos de salvação está descrita numa forma literária própria que é iniciada com uma palavra de encorajamento ao povo sofrido, recorda a promessa “eu te ajudo” (Is 41,10); “eu te resgatei” (Is 43,1), e concluída com uma motivação: “estarei contigo” (43,2); “... eu sou *YHWH*, o teu Deus” (Is 43,3); “Não temas, vermezinho de Jacó, e tu bichinho de Israel. Eu mesmo te ajudarei, oráculo de *YHWH*; o teu redentor é o Santo de Israel. Eis que farei de ti um trilho capaz de malhar, novo e bem cortante” (41,14-15); “Tu te regozijarás em *YHWH*, no Santo de Israel te gloriarás” (41,16).

<sup>19</sup> Cf. ALONSO SCHÖKEL, L. & SICRE DIAZ, J. L. *Profetas, op. cit.*, pp. 271-273.

<sup>20</sup> Cf. MESTERS, C. *A Missão do Povo que sofre*. Os Cânticos do Servo de Deus no Livro do profeta Isaías. Petrópolis: Vozes, 1981, pp. 51-52.

### 1.1.3 - O contexto histórico em que se situa o Dt-Is

No início do século VI a.C., os exércitos babilônicos conquistaram Judá. A partir daí desencadearam-se sérios problemas socioeconômicos. Já em 597 a.C., aconteceu a primeira deportação de Judá por Nabucodonosor. Foram deportados o rei Joaquin, membros da família real, nobres, proprietários de terras, líderes militares, anciãos sacerdotes e profetas (cf. 2Rs 24,12-16; Ez 1,1-3; Jr 52,8). Essa primeira deportação marca o início do exílio babilônico<sup>21</sup>.

Nos anos seguintes à primeira deportação, Judá viveu sob Sedecias que, em 589 a.C., rebelou-se contra o senhorio babilônico, levando Nabucodonosor a sitiar Jerusalém. Em 587 a.C., Sedecias foi capturado pelo exército de Nabucodonosor, Jerusalém tomada, o Templo incendiado e o povo exilado na Babilônia (cf. 2Rs 25,2-7; Jr 52,10-14). Nessa 2ª deportação, muitos levitas foram levados para a Babilônia onde foram tratados como escravos, outros ficaram nos arredores da cidade de Jerusalém e no interior de Judá (cf. 2Rs 25,8-12; Jr 52,28-32). A vida do Dt-Is está toda marcada pela experiência do exílio, mas também pela expectativa de volta para a terra.

O exílio deu origem a uma terrível situação de cativo, tanto para os exilados na Babilônia, como para os que permaneceram na terra (2Rs 25,1-21). Significou para eles verdadeira morte e destruição. A deportação exerceu um forte impacto sócio-econômico, psicológico, e teológico. Essa difícil situação levou muitos ao desespero. Diziam: “YHWH me abandonou! Esqueceu-se de mim!” (Is 49,14)<sup>22</sup>. Desencadeou-se uma profunda crise teológica entre os exilados. Além disso, os deuses babilônicos eram uma grave ameaça para os judeus exilados.

Os deportados viram Jerusalém saqueada e destruída, o templo roubado, profanado e incendiado, as promessas divinas de terem terra, descendência e um grande nome caíram por terra. O templo era o símbolo da eleição do povo e a lembrança das ações infalíveis de Deus na história a seu favor. Esse templo destruído colocou Deus em questão: ou havia divindades mais poderosas ou superiores a YHWH, ou ele havia rejeitado o seu povo e o seu lugar. Parecia não

---

<sup>21</sup> Cf. KLEIN, R. W. *Israel no Exílio*, op. cit., p. 11.

<sup>22</sup> Cf. Idem, op. cit., p. 12.

haver mais sentido em continuar acreditando em *YHWH*<sup>23</sup>. Além disso, o povo no cativeiro acreditava ser o exílio castigo de Deus por causa de seus pecados (cf. Is 40,2; 42,24).

De acordo com a compreensão da época, a derrota do povo podia ser entendida como castigo e derrota de seu deus. Assim, *YHWH*, o Deus de Israel, fora vencido por Marduk, deus da Babilônia, gerando outro problema teológico: a fidelidade do Deus da promessa davídica. Estava em jogo a dinastia eterna que *YHWH* havia prometido a Davi (2Sm 7). Através dele as bênçãos de Deus eram canalizadas ao povo (Sl 72,6 e 16). Houve grandes reis como Asa, Ezequias, Josias que demonstravam a validade da promessa. Porém, agora, Sedecias fora preso e cegado, seus filhos assassinados, seu sobrinho Joaquin, que reinara por três meses, em 597 a.C., era prisioneiro em Babilônia<sup>24</sup>.

Além disso, a promessa da terra e de descendentes era fundamental na tradição patriarcal. *YHWH* era o senhor da terra e a sua doação a Israel fora aclamada pelo deuteronomista e pelos salmistas (cf. Gn 24,7; Nm 33,53ss; Dt 26,1-9). A terra, herança de Israel, foi para as mãos dos estrangeiros. O povo questiona a promessa de *YHWH*. Com as deportações, as maldições da aliança tinham caído sobre Israel. A aliança fora rompida por Israel (Jr 31,32). O Sl 137,4 expressa a queixa e o desânimo do povo em terra estrangeira.

O poder e a proteção do Deus do Êxodo do Egito (Jz 5,11) pareciam superados ou deixado de ser prova adequada do reino de *YHWH*, ou serviam de acusação da infidelidade de Israel. Parecia que o Deus fiel havia perdido sua força ante outros deuses. Tudo isso levou o povo exilado a ser tentado pelos deuses babilônicos. *YHWH* é acusado de inimigo do seu povo (cf. Lm 2,4-5; Jr 12,7; 30,14). Alguns reagem ao exílio protestando a própria inocência. Queixam-se de que os pecados dos pais foram vingados nos filhos inocentes (Jr 31,29; Ez 18,2) ou ainda que o pecado de alguns provocou a ira de *YHWH* sobre todos (cf. Sl 44,17-18; 79,8)<sup>25</sup>.

O Dt-Is critica o povo pela fascinação por outros deuses (Is 45,20; 46,8-9; 48,5b. 11), bloqueando assim o projeto salvífico de restauração. Tenta recompor a figura de *YHWH* destacando seus atributos de criador, redentor, libertador, consolador e os contrapõe aos atributos do grande Deus do império da Babilônia, Marduk. O incomparável Deus é *YHWH* e não Marduk. Este motivo teológico é caro ao Dt-Is (Is 40,18. 25; 43,10. 11. 13; 44,6-8; 46,5. 9b)<sup>26</sup>.

---

<sup>23</sup> Cf. Idem, *op. cit.*, p. 14.

<sup>24</sup> Cf. Idem, *op. cit.*, p. 14.

<sup>25</sup> Cf. Idem, *op. cit.*, pp. 15-16.

<sup>26</sup> Cf. CROATTO, J. S. "Composição e Querigma do livro de Isaías". *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*, Petrópolis, n. 35/36, Vozes, 2000, p. 56.

A conquista da Babilônia por Ciro que, em seguida, libertou os judeus exilados tornou-se um marco positivo à vida e à caminhada de fé dos israelitas (Is 43,14; cf. 45,11-13). O Dt-Is saúda Ciro e designa-o “ungido” (cf. Is 41,1-5). Interpreta seus avanços como estando dentro do projeto de *YHWH*. Suas conquistas são consideradas prova visível da ação libertadora do Deus de Israel (Is 41,2-7.25)<sup>27</sup>. Por um lado, a vitória dos persas voltará a dar futuro aos exilados: libertação do cativo (Is 45,13). Por outro lado, assinalará a universalidade do senhorio de *YHWH*. A abrangência do domínio de Ciro aponta para a globalidade da ação do Deus dos exilados que preanunciara a ascensão dos persas (Is 45,6)<sup>28</sup>.

Ciro é chamado pastor e libertador dos judeus deportados e designado para restaurar Jerusalém e o templo (Is 44,28). No primeiro ano de seu reinado, em Babel, promulgou o edito permitindo aos exilados sua volta para Jerusalém e a reconstrução do templo, marco importante para Israel (2Cr 36,22s; Esd 1,1-4; 6,3-5).

Em meio a esse contexto, o Dt-Is tenta recuperar a fé e a esperança dos israelitas desolados, ajudando-os a rever as ações salvíficas de *YHWH* ao longo da história (cf. Lm 1,18; Jr 31,34). Assim, o exílio babilônico se tornou um meio para fazê-los ver a grandeza de *YHWH* e perceber o seu amor fiel. Essa experiência lhes serviu para resgatar e fortalecer a fé em *YHWH* e organizar-se na resistência.

#### 1.1.4 - A situação problemática do povo exilado na Babilônia

Em muitas passagens do Antigo Testamento, encontra-se descrita a situação de dor e de sofrimento que marca a história do povo exilado na Babilônia. O imperativo “consolai” (Is 40,1), no início do Dt-Is e que é dominante no seu livro, dá a entender que o povo está vivendo numa situação de aflição, causada pela opressão do exílio babilônico. A maior parte do povo geme sob as condições de vida em terra estranha. Jerusalém e as cidades de Judá estão abandonadas (Is 40,27).

Os exilados na Babilônia sentiam-se escravos, pois lhes haviam arrancado, à força, suas terras. Não eram livres, viviam em assentamentos especiais onde estavam confinados. O exílio de Israel na Babilônia foi a humilhação mais terrível passada por esse povo em toda a sua

<sup>27</sup> Cf. MONLOUBOU, L. / DU BUIT, F. M. “Dêutero-Isaías”. In: *Dicionário Bíblico universal*, op. cit., p. 192.

<sup>28</sup> Cf. SCHWANTES, M. *Sofrimento e Esperança no Exílio: história e teologia do povo de Deus no séc. VI a.C.* São Paulo: Paulinas, 1987, p. 94.



história. Tudo o que tinham de mais importante e que os sustentava existencialmente, desvaneceu-se. Israel sentiu que Deus o abandonara à sorte dos outros deuses que, pelos acontecimentos que se seguiram, pareciam mais fortes que *YHWH*. Parecia que tudo caíra por terra<sup>29</sup>. O povo passou pela experiência da escuridão em sua caminhada de fé.

A situação do povo era tão desoladora que já não percebia mais a presença libertadora de Deus acompanhando-o com o mesmo amor de sempre (Is 49,15; 42,18-20; 43,8). Esta situação não só se fazia sentir no meio do povo exilado e no cativeiro da Babilônia, mas era também sentida no campo político, onde ocorriam mudanças profundas com a chegada de Ciro, o rei da Pérsia (Is 41,2-5. 25; 44,28; 45,1-7)<sup>30</sup>.

Assim, no final desse amargo período de exílio, o Dt-Is exerceu seu ministério. Sua mensagem de salvação para os israelitas exilados é de consolo e de reconforto. Com a pedagogia da releitura, revendo os fatos do passado, o Dt-Is ajudou-o a recordar a presença fiel de Deus ao longo da história<sup>31</sup>. A situação de sofrimento desafiou-os a redescobrir e a experimentar, de modo novo, o Deus ternura e misericórdia que não os abandonou, mas os acompanha sempre com amor compassivo e solidário.

#### 1.1.5 - O Dt-Is, teólogo da misericórdia e da compaixão

O Dt-Is em sua teologia não apresenta um Deus ameaçador, mas ajuda o povo a fazer uma experiência do seu amor terno e misericordioso. O “Livro da consolação” (Is 40-55), desde o seu começo (Is 40,1), apresenta uma característica única e singular que permite identificá-lo como teólogo da ternura e da compaixão. Com seus gestos e atitudes, resgata, no povo exilado na Babilônia, a face misericordiosa de Deus, reaviva a esperança de Israel, reconforta-o e anima-o em sua experiência de perda e de fracasso.

Nenhum profeta havia apresentado, desse modo, a mensagem terna e compassiva de *YHWH*. Através da boca do Dt-Is, *YHWH* se inclinou profundamente para aproximar-se do seu povo, encorajá-lo e inspirar-lhe confiança. Ele nunca havia falado deste modo afável pela

<sup>29</sup> ARANGO, J. R. “Deus solidário com seu povo”. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*, Petrópolis, n. 18, Vozes, 1994, pp. 49-50.

<sup>30</sup> Cf. MESTERS, C. *Estudo sobre Isaías*. “O Dêutero-Isaías”. São Paulo: Paulinas, 1985, pp. 5-7; cf. também MESTERS, C.; OROFINO, F.; VAONA, D. *Série A Palavra na vida*. Revelar a ternura de Deus. São Leopoldo: CEBI Gráfica & Editora, 2004, pp. 13-15.

<sup>31</sup> Cf. ARANGO, J. R. “Deus solidário com seu povo”, art. cit., p. 50.

boca de um profeta. Jamais se inclinou tão profundamente em suas palavras para aproximar-se de seu povo, e despojou-se de tudo o que o fazia temível, para não amedrontar nenhum daqueles que haviam perdido a coragem. Neste diálogo, o Dt-Is apela para todos os meios de persuasão, dirige-se ora à razão ora ao sentimento, argumenta e procura demonstrar o amor de Deus para atrair e reconduzir o coração de Israel, endurecido por um excessivo sofrimento<sup>32</sup>. O Dt-Is encontrou fórmulas que revelam o coração de Deus de uma maneira nunca vista. Do começo ao fim, fala da misericórdia compassiva de Deus. Todo o enfoque de sua mensagem recai, principalmente, sobre o consolo, o reconforto e o amor de ternura com que Deus acompanha os seus filhos e filhas<sup>33</sup>.

Os poemas e cânticos reunidos no Dt-Is, destinados a consolar e a animar o povo, confirmam a sua identidade terna e compassiva. Ele encontrou fórmulas reveladoras do coração misericordioso de Deus de maneira singular e única. Revela um Deus piedade e cheio de compaixão. Sua misericórdia (cf. Is 49,15) é comparada à compaixão de uma mãe em dores de parto (Is 42,14).

Em outro momento, compara o amor misericordioso de Deus ao cuidado amoroso de um pastor: “Ele apascenta seu rebanho, com o braço reúne os cordeiros, carrega-os no regaço, conduz carinhosamente as ovelhas que amamentam” (Is 40,11). A maneira de apresentar a ternura e a misericórdia de Deus revela o seu compromisso com o povo sofrido. Expressa, de modo criativo, o amor intenso e a compaixão de Deus que toca radicalmente as profundezas do seu coração, revelando-o como um Deus de ternura amorosa, comprometido com seu povo.

O Dt-Is anuncia, com tenacidade, a misericórdia de Deus para com seu povo, apesar das oposições que também aparecem nos seus textos. “O meu caminho está oculto a *YHWH*; o meu direito passa despercebido a Deus?” (Is 40,27). “*YHWH* me abandonou; o Senhor se esqueceu de mim” (Is 49,14). Em resposta a essas reações, apresenta os oráculos de salvação, buscando reconfortar a fé do povo exilado no Deus fiel que o acompanha ao longo da história. A Palavra de *YHWH* descrita no Dt-Is é Palavra de encorajamento e de reconforto para o povo: “Não temas!” (Is 41,10), afirmando um amor misericordioso mais forte que o pecado. Em relação à teologia da misericórdia, o Dt-Is concebe o perdão de Deus como um acontecimento totalmente inesperado, sobre o qual recebeu missão de falar neste momento da história<sup>34</sup>.

<sup>32</sup> RAD, G. von. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1974, vol. II, p. 240.

<sup>33</sup> Cf. MACKENZIE, J. “Isaías”. In: *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 454.

<sup>34</sup> Idem, *op. cit.* (nota 8), p. 241.

A teologia dêutero-isaiana leva a crer que ele fez, em sua própria vida, a experiência do amor terno e misericordioso de Deus. Essa experiência autorizou-o a afirmar, com certeza, que é tempo de perdão e de libertação, de perceber a misericórdia de Deus. Ele não se cansa de anunciar a vontade de Deus de libertar seu povo e aponta para um novo Êxodo, o povo saindo da Babilônia. Mostra, de forma poética, como a ternura e a misericórdia de Deus se revelam pela natureza: “Saireis com alegria e em paz sereis reconduzidos. Na vossa presença, montes e outeiros romperão em canto, e todas as árvores do campo baterão palmas” (Is 55,12). Como teólogo da misericórdia, o Dt-Is suscita no povo sofrido coragem e ânimo para continuar caminhando com a certeza da presença de Deus em sua vida.

Apresentada de forma viva e carregada de esperança, a sua mensagem teológica leva o povo a fazer uma nova e forte experiência do amor de Deus. Nas imagens que usa para expressar o relacionamento com Deus, recorre à dimensão pessoal, terna e familiar. Ajuda os israelitas a recordar que eram receptores do cuidado especial de Deus. Um povo eleito desde a concepção até a morte. Deus sustentou-os durante toda a vida (Is 46,3). Com carinho, o teólogo os incentiva a lembrar-se disso durante a aflição do exílio.

O Dt-Is apresenta Deus como Pai-Mãe. Dirigindo-se ao povo com a Palavra de Deus, usa imagens de ternura materna. Diz: “Vós a quem carreguei desde o seio materno, a quem levei desde o berço” (Is 46,3). A expressão hebraica *raḥamîm* (entranhas maternas) é usada para comparar o amor de Deus ao amor materno. Lembra a terna misericórdia divina que tem raiz no amor e na graça voluntária que Deus tem pela humanidade<sup>35</sup>. Seu amor é mais forte que o amor de uma mãe, pois jamais esquece seus filhos: “Por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem, eu não me esqueceria de ti. Eis que te gravei nas palmas da mão” (Is 49, 15-16a). O amor de Deus, comparado com o amor terno da mãe para com o filho que amamenta, do qual o Dt-Is fala, pode designar o amor de ternura de Deus Pai/Mãe (cf. Sl 103,13).

Às vezes, o Dt-Is compara os sofrimentos de Deus por seus filhos a dores de parto, para expressar a força de seu amor: “Há muito que me calei, guardei silêncio e me contive. Como mulher que está de parto, eu gemia, suspirava, respirando ofegante” (Is 42,14). Apresenta Deus como marido do povo: “Não temas, porque não tornarás a envergonhar-te;

<sup>35</sup> O termo *raḥamîm* mostra a ligação entre *raḥam*, “ter compaixão” (piel), e *reḥem/raḥam*, “ventre”, pois *raḥamîm* pode designar o centro das emoções. O vocábulo *reḥem* é utilizado na descrição do amor de uma mãe para com o filho que ela amamenta. Também pode designar o amor de um pai (Sl 103,13). Parece que esse verbo tem a conotação do sentimento de misericórdia que as pessoas têm umas pelas outras porque são seres humanos (Jr 50,42) e é despertado pessoas frágeis e indefesas (Is 13,18). (Cf. HARRIS, R. L. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, pp. 1416-1417).

não te sintas humilhada, porque não serás confundida. Com efeito, esquecerás a condição vergonhosa da tua mocidade, não tornarás a lembrar o opróbrio da tua viuvez, porque o teu esposo será teu criador, *YHWH* dos Exércitos é seu nome” (Is 54,4-5). A apresentação singular de uma imagem de Deus terno e misericordioso pelo Dt-Is permite identificá-lo como teólogo da misericórdia e compaixão.

#### 1.1.6 - O objetivo do Dt-Is e sua pedagogia

O Dt-Is quer despertar o ânimo do povo esmagado e sofrido pelo exílio na Babilônia<sup>36</sup>. Ajuda-o a fazer uma nova experiência de fé, levando-o a reencontrar a face terna e misericordiosa de Deus. Incentiva-o a fazer memória da sua história (Is 43,26; 46,9)<sup>37</sup>, usando o método de reler os fatos do passado para recordar a história da aliança de Deus com Noé, em defesa da vida (cf. Gn 9,11-15). Nessa releitura, o povo percebe o Deus compassivo que o acompanha sem nunca o abandonar: “Em momento de cólera escondi de ti o rosto, mas logo me compadeci de ti, levado por amor eterno, diz *YHWH*, o teu redentor. Deus age na vida de seu povo de modo a levá-lo a fazer a confissão do reconhecimento do seu amor e a submeter-se a esse chamado<sup>38</sup>. Como nos dias de Noé, quando jurei que as águas de Noé nunca mais inundariam a terra, do mesmo modo juro agora que nunca mais me encolerizarei contra ti, que não mais te ameaçarei” (Is 54,8-9)<sup>39</sup>.

A história de Abraão e de Sara é recordada, transformando-se em fonte de coragem e esperança. O povo volta à mesma terra de onde eles saíram (cf. Gn 11,31), para ser sinal de resistência e de fé: “Ouvi-me, vós, que estais à procura da justiça, vós que buscais *YHWH*. Olhai para a rocha da qual fostes talhados, para a cova de que fostes extraídos. Olhai para Abraão, vosso pai, e para Sara, aquela que vos deu à luz. Ele estava só quando o chamei, mas eu o abençoei e multipliquei” (Is 51,1-2). A bênção de Deus é garantia de sua presença protetora à descendência de Abraão.

O povo lembra-se também do êxodo no qual Deus olhou com ternura e compaixão para seu povo e o tirou do Egito. Assim também agora, *YHWH* vai tirar água da rocha para

<sup>36</sup> A sua motivação forte é a de consolar o povo de Israel (Cf. STEINMANN, J. *O Livro da consolação de Israel*, op. cit., p. 8).

<sup>37</sup> Cf. HARRIS, R. L. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, op. cit., p. 1419.

<sup>38</sup> Cf. Idem, op. cit., p. 1419.

<sup>39</sup> Cf. MESTERS, C. *A Missão do Povo que Sofre*, op. cit., p. 84-85.

matar a sua sede no deserto do cativeiro: “Os pobres e os indigentes buscam água, e nada! Sua língua está seca de sede, mas eu, *YHWH*, os atenderei, eu, o Deus de Israel, não os abandonarei. Farei jorrar rios por entre montes desnudos, e fontes no meio de vales. Transformarei o deserto em pântanos e a terra seca em vertentes de água” (Is 41,17-18).

Deus manda o povo lembrar a travessia do Mar Vermelho para dar-lhe a certeza de que, em seu amor fiel, vai fazer algo maior que já estava acontecendo: “Assim diz *YHWH*, aquele que abre um caminho pelo mar, uma vereda por meio das águas impetuosas, que conduziu para a luta carros e cavalos, um exército de homens de valor, todos unidos. Ei-los prostrados, para não tornarem a levantar-se; extinguiram-se, foram apagados como mecha” (Is 43,16-17). Convida-o a olhar para o futuro, para o novo que está para acontecer: “Não fiquéis a lembrar coisas passadas, não vos preocupeis com acontecimentos antigos. Eis que farei uma coisa nova, ela já vem despontando: não percebeis? Com efeito, estabelecerei um caminho no deserto, e rios em lugares ermos” (Is 43,18-19). A pedagogia usada pelo Dt-Is envolve Israel na busca de sua libertação e lhe inspira confiança.

O Dt-Is aponta os fatos da política (Is 45,1-7), convida a observar a natureza (Is 40,26) e pergunta: Quem suscitou tudo isto? (cf. Is 41,4b). Com estas evocações, que recordam o amor fiel com que Deus acompanhou seu povo no primeiro êxodo, aponta ainda para outras mais que expressam o seu cuidado: o fim da escravidão e o caminho pelo deserto (Is 40,2-3); o cântico novo à beira do Mar Vermelho (Is 42,10); a travessia pela água (Is 43,2); a água que brota da terra seca e a efusão do Espírito (Is 44,3); a aliança concluída ao pé do Monte Sinai (Is 42,6; 49,8; 55,3); a Lei dada ao povo no Sinai, que agora está no coração (Is 51,4. 7); bem como o maná que alimentou o povo é um novo convite para comer e beber (Is 55,1-5).

Ao recordar os fatos do passado para perceber a fidelidade de Deus, começam a reaparecer os traços do rosto de *YHWH*, o Deus presente na história, particularmente no meio do seu povo oprimido e exilado: “Não temas, porque estou contigo” (Is 41,10). “Pois és precioso aos meus olhos” (Is 43,4). É no meio do povo pobre que *YHWH* quer ser procurado (Is 55,6). Dali, quer irradiar-se sobre o mundo como “Luz dos Povos” (Is 42,6). Diante dessa presença de Deus que o povo vai re-descobrimo ao reler os fatos da história, o Dt-Is o convoca: “Olhai e vede, ó cegos! Ouvi ó surdos!” (Is 42,18). “Não percebeis?” (Is 43,19). Esta é a Boa-Nova anunciada ao povo: “O teu Deus reina!” (Is 52,7). Ajudar o povo de Israel a recordar os fatos marcantes da vida e da história tornou-se uma forma familiar pela qual o Dt-Is fez reavivar sua fé em Deus.

O povo volta a perceber a presença de Deus na história (cf. Is 45,15). Ele está no meio do povo exilado e excluído! Como outrora no êxodo, desceu para junto de seu povo quando celebrava a Páscoa (Ex 12,13), desceu novamente para estar junto dos oprimidos e exilados: “Eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores; pois conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e fazê-los subir... para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel” (Ex 3,7-8). Por iniciativa gratuita, desce até o seu povo e revela-se através dos acontecimentos da vida e da história.

A releitura do passado proposta pelo Dt-Is tem um alcance importante para a vida dos exilados. A história não é passada, continua no presente e Deus é o mesmo; usa o mesmo poder e mostra a mesma ternura e o mesmo amor. Continua sustentando seu projeto iniciado desde os tempos de Noé, Abraão, e Moisés.

A maneira com que o Dt-Is descreve a história do passado faz com que o povo perceba nele o reflexo do presente. Ele atinge a fonte onde nasceu e recupera a mesma experiência de fé do passado. Essa pedagogia ensina-o a enfrentar seus problemas, a recuperar sua esperança e a reequilibrar-se na vida. A face de Deus reaparece. O povo desperta (Is 51,9. 17; 52,1), rompe em alegres cantos (Is 42,10; 49,13; 54,1), recupera seu vigor (Is, 48,20) e torna-se resistente na fé e na esperança.

A pedagogia do Dt-Is marca profundamente a vida do povo judeu no retorno à terra e na busca da reconstrução de sua história. Ele interpreta a profecia da consolação como provocação para uma reflexão que suscita resistências e anima-o a continuar caminhando na certeza de que Deus quer a vida em plenitude<sup>40</sup>. *YHWH* é o Deus da vida e da esperança.

#### 1.1.7 - A misericórdia e compaixão no Dêutero-Isaías e as imagens usadas para expressá-las

A misericórdia e a compaixão estão expressas na atitude de benevolência com que o Dt-Is apresenta a imagem de Deus. Em todo o livro, o amor misericordioso de Deus é descrito com um acento especial. O universo é obra do amor criador de Deus que, como oleiro, formou o povo e gratuitamente lhe deu a vida e dela cuida com amor de ternura (Is 42,6; 43,1; 44,2). O Dt-Is insiste em afirmar que *YHWH* é o criador do universo, sempre presente na história recriando e regenerando a vida de seu povo: “*YHWH* é Deus eterno,

<sup>40</sup> Cf. VASCONCELLOS, P. L. Profecia: Resistência e Esperança. In: *A História da Palavra I. A Primeira Aliança*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 118.

criador das eternidades da terra. Ele não se cansa nem se fadiga, sua inteligência é insondável. Ele dá força ao cansado, que prodigaliza vigor ao enfraquecido” (Is 40,28-29).

A misericórdia e a compaixão de Deus, apresentadas pelo Dt-Is, encorajam Israel a descobrir o novo sentido dos acontecimentos e a perceber os sinais de sua presença ao longo de toda a sua história. As imagens muito expressivas mostram o amor terno e misericordioso de Deus. Seu amor é comparado ao amor de uma mãe para com seu filho (Is 46,3; 49,15-16); ao noivo e ao esposo do seu povo, “o teu esposo será teu criador, *YHWH* dos Exércitos é seu nome” (Is 54,5). Carrega-o como imagem desenhada nas palmas de sua mão (Is 49,16).

Outra imagem bem forte é a do pastor apascentando seu rebanho com gestos de carinho. *YHWH* é o pastor que reúne o povo a seu redor e, ao voltar para Jerusalém, protege-o e acompanha-o (cf. Is 40,9-11; 49,8-14). O Dt-Is destaca, particularmente, os gestos de carinho deste pastor<sup>41</sup>. Essa imagem é muito querida aos profetas (cf. Jr 23,3; Ez 34,1s) e está muito presente nos Salmos (cf. Sl 23,1s; 79,13; 80,11; 95,7), sublinhando a atitude carinhosa de Deus. Ele é o pastor de Israel e assume a guarda de seu povo<sup>42</sup>.

Deus caminha com seu povo e intervém com sua força e com o seu amor libertador nos acontecimentos mais fortes da sua história: “Uma voz clama: ‘No deserto, abri um caminho para *YHWH*; na estepe, aplainai uma vereda para o nosso Deus. Seja entulhado todo o vale, todo monte e toda colina sejam nivelados; transformem-se os lugares escarpados em planície, e as elevações, em largos vales’” (Is 40,3-4).

Imagem particularmente significativa é a que apresenta Deus como redentor, o (*go’el*), parente próximo que resgata o povo: “Eu mesmo te ajudarei, oráculo de *YHWH*; o teu redentor é o santo de Israel” (Is 41,14; 43,14; 44,6). É um Deus que se compromete com seu povo e intervém na história como *go’el*, libertador e vingador, para estabelecer a justiça e o direito<sup>43</sup>. Todas essas imagens ajudam o povo a superar a crise de desalento pela qual estava passando e a retomar o caminho de volta para o único Deus salvador. A teologia do Dt-Is desafiou-o a redescobrir e experimentar, de novo, a presença viva de Deus na história e na vida. Essa redescoberta ajudou-o a encarnar na vida essa mensagem e transformá-la em Boa-Nova (cf. Is 40,9-11; 52,7-10; 57,14-18).

<sup>41</sup> Cf. CROATTO, J. S. “*Isaías*” – A palavra profética e sua releitura hermenêutica, *op. cit.*, p. 33.

<sup>42</sup> “O pastor simboliza a vigília; sua função é um constante exercício de vigilância: ele está desperto e vê. Sabe qual o alimento que convém ao rebanho sob seus cuidados”. (Cf. CHEVALIER, J. / GHEERBRANT, A. “Pastor”. In: *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1999, pp. 691-692).

<sup>43</sup> Cf. GUTIÉRREZ, G. *O Deus da Vida*. São Paulo: Loyola, 1992, p.51.

### 1.1.8 - A mensagem do Dêutero-Isaías

O Dt-Is apresenta uma mensagem humana de vida e de esperança. Leva o povo a fazer uma nova experiência do amor de Deus. Essa mensagem lhe foi confiada pelo espírito de *YHWH*, para promover o direito entre as nações, na fidelidade e com perseverança (cf. Is 42,1-4). Ela provém do amor, da ternura e da fidelidade de Deus para com seu povo, agindo em seu favor e manifestando a sua justiça misericordiosa e sua ternura amorosa: “Eu, *YHWH*, te chamei para o serviço da justiça, tomei-te pela mão e te modelei, eu te constitui como aliança do povo, como luz das nações” (Is 42,6) conferindo-lhe a missão de abrir os olhos aos cegos e realizar a libertação (cf. Is 42,7).

O Dt-Is anuncia a mensagem da Boa-Nova de *YHWH* e, ao apresentá-la, diz: “As primeiras coisas já se realizaram, agora vos anuncio outras, novas” (Is 42,9a). A Boa Nova tem um lugar de destaque na mensagem do Dt-Is. Ela desafia ao compromisso: “Sobe a um alto monte, mensageira de Sião; eleva tua voz com vigor, mensageira de Jerusalém; eleva a voz, não temas; dize às cidades de Judá: ‘Eis aqui o vosso Deus’” (Is 40,9). Ela é anúncio da Boa Nova da alegria, da salvação e do reino de *YHWH*: “Como são belos, sobre os montes, os pés do mensageiro que anuncia a paz, do que proclama boas novas e anuncia a salvação, do que diz a Sião: ‘O teu Deus reina’” (Is 52,7). Toda a mensagem do Dt-Is é perpassada da ternura e da misericórdia de Deus que vai ao encontro do seu povo pobre, exilado e sofredor, com o seu perdão para libertá-lo.

Levar o povo a reencontrar o caminho de volta ao Deus misericórdia que, no seu amor fiel, defende a sua vida ameaçada, é a mensagem perpassada de esperança que o Dt-Is apresenta. Um desafio para a missão de reconstruir o povo e a terra: “Modelei-te e te pus por aliança do povo a fim de restaurar a terra, a fim de redistribuir as propriedades devastadas” (Is 49,8). É uma mensagem que compromete e faz o povo abrir os ouvidos e o coração à prática da justiça e do amor (cf. Is 50,4).

O Dt-Is, diferentemente dos demais profetas, centra-se na própria pessoa do Senhor: “Eu sou o primeiro e o último, fora de mim não há Deus” (Is 44,6). “Eu sou *YHWH*



teu Deus, aquele que ensina para o teu bem” (Is 48,17)<sup>44</sup>. Quer suscitar a fé e a esperança e reafirmar a certeza da presença terna e misericordiosa de Deus junto a seu povo. Sua mensagem restaura (Is 51,3), encoraja, reconforta (Is 51,12; 52,9), e ajuda-o a sonhar novamente com o encontro de uma nova terra. Ela o faz descobrir que Deus é um eterno apaixonado por seus filhos e filhas, sempre disposto a renovar a sua aliança, ajudando-os a se reunir, a organizar-se e a continuar a caminhada em busca da libertação.

#### 1.1.9 - Os traços do rosto de Deus sublinhados na teologia dêutero-isaiana

Os traços do rosto de Deus que sobressaem na teologia dêutero-isaiana revelam ternura e amor gratuito, poder criador, presença fiel e de santidade exigente. São traços que respondem aos anseios mais profundos do coração humano e que transparecem em todos os capítulos do livro do Dt-Is. Em alguns textos, eles aparecem particularmente mostrando o Deus misericórdia presente a seu povo sofrido no cativeiro: um Deus com face amorosa que revela uma bondade, que promove e liberta (cf. Is 41,8-20; 54,1-10); um Deus com força libertadora que, com seu poder criador, tem tudo nas mãos (cf. Is 40,12-31; 44,6-8); um Deus fiel cuja presença amiga nunca falta (cf. Is 44,21-28); um Deus santo que pede justiça, exige fidelidade e envia à missão (cf. Is 43,22-28). No conjunto da mensagem do Dt-Is, esses traços de inconfundível misericórdia estão unidos: o rosto de Deus é amor, força, fidelidade e santidade; o seu poder é amoroso, constante e justo; a sua fidelidade é bondosa, poderosa e exigente e a sua santidade é benevolente e dedicada.

Um dos vocábulos bíblicos freqüentemente usados que mostra os traços do rosto de Deus em sua ternura e amor gratuito é *raḥamîm*. Ele descreve a clemência e a misericórdia de Deus. Palavra que provém da raiz *reḥem*, que significa o útero materno, *raḥamîm* refere-se àquele lugar do corpo da mulher onde a criança é concebida, nutrida, protegida, onde cresce e depois é dada à luz. A palavra *raḥamîm* é usada para comparar o amor de Deus ao de uma mãe<sup>45</sup>.

<sup>44</sup> “O nosso profeta está preocupado antes de tudo em dizer ao seu povo que o Senhor está sempre aí e que ainda hoje fala ao seu povo”. (Cf. WIÉNER, C. *O Profeta do Novo Êxodo*, op. cit., pp. 19-20).

<sup>45</sup> O Papa João Paulo II menciona as *raḥamîm* na Encíclica *Dives in Misericordia*: “Do vínculo mais profundo e originário, ou melhor, da unidade que liga a mãe ao filho, brota uma particular relação com ele, um amor particular. Deste amor se pode dizer que é totalmente gratuito, não fruto de merecimento, e que, sob este aspecto, constitui uma necessidade interior: é uma exigência do coração. É uma variante como que ‘feminina’ da fidelidade masculina para consigo próprio, expressa pelo *hesed*. Sobre este fundo psicológico, *raḥamîm* dá origem a uma gama de sentimentos, entre os quais a bondade e a ternura, a paciência e a compreensão, que o mesmo é dizer a prontidão para perdoar”. (Cf. *Dives in Misericordia*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 15, nota 52).

O Dt-Is fala desse amor paterno-maternal (Is 49,15) que aparece também em Jr 31,20: “Será Efraim para mim filho tão querido, criança de tal forma preferida, que cada vez, que falo nele quero ainda lembrar-me dele? É por isso que minhas entranhas se comovem por ele, que por ele transborda minha ternura”. Esse amor invencível de Deus é expresso, de muitos modos, na teologia dêutero-isaiana. É proteção e salvação de perigos e inimigos diferentes, é perdão para os pecados do povo, é também prova da fidelidade de Deus, mantendo promessas e impulsionando à esperança, apesar da infidelidade do povo de Israel (Os 14,5; Is 45,8-10; 55,7). Esses textos das Escrituras permitem perceber os traços maternos do rosto de Deus e seu modo terno de relacionar-se.

Até o presente momento, procurou-se situar o Dt-Is em seu contexto histórico e na sua missão de teólogo da misericórdia e compaixão, junto ao povo do exílio babilônico. Mostrou-se sua pedagogia para reconfortar, reunir e organizar os israelitas desalentados na resistência ao opressor. Para isso o Dt-Is apresenta uma linguagem carregada de símbolos e de esperança, mostrando um Deus de amor compassivo, solidário, cheio de misericórdia caminhando com seu povo ao longo da vida e da história. Sua fidelidade perpassa toda a teologia do Dt-Is. A exegese das perícopes apresentada no passo seguinte destaca a imagem do Deus misericórdia e compaixão sublinhada acima.

## **1.2 Exegese de textos seletos**

Este item ocupar-se-á com a exegese de dois textos seletos: Is 41,8-14 e Is 49,14-26, nos quais são abordados, de modo particular, os temas da misericórdia e da compaixão, características da teologia dêutero-isaiana. Recorrendo ao método da análise literária, será feita uma leitura dos textos isaianos tentando evidenciar suas articulações e os temas subjacentes. Para tanto, faz-se a delimitação dos textos escolhidos e a análise de sua divisão, estudam-se, separadamente, os versículos dos textos concluindo-se com uma síntese da mensagem teológica de cada um. O interesse maior será o de perceber a imagem de Deus apresentada no Dt-Is para resgatar-lhe a face misericordiosa e, assim, mostrar sua capacidade de recuperar a esperança de Israel na sua experiência de perda e de fracasso.

### 1.2.1 - Is 41,8-14

#### 1.2.1.1 - O texto e sua delimitação

<sup>8</sup> E tu, Israel, meu servo, Jacó, a quem escolhi, descendência de Abraão, meu amigo,

<sup>9</sup> tu, a quem tomei desde os confins da terra, a quem chamei desde os seus recantos longínquos e te disse: “Tu és o meu servo, eu te escolhi, não te rejeitei”.

<sup>10</sup> Não temas, porque estou contigo, não te apavores, pois eu te ajudei; eu te fortaleci, sim, eu te ajudei; eu te sustentei com a minha destra justiceira.

<sup>11</sup> Serão envergonhados e humilhados todos os que se inflamam contra ti. Serão reduzidos a nada e perecerão, aqueles que querelavam contigo.

<sup>12</sup> Tu os procurarás, e não os encontrarás, os que te combatiam; serão reduzidos a nada, serão aniquilados aqueles que te faziam guerra.

<sup>13</sup> Com efeito, eu, *YHWH*, teu Deus, te tomei pela mão direita e te direi: “Não temas, sou eu que te ajudo”.

<sup>14</sup> Não temas, vermezinho de Jacó, e vós, pobres pessoas de Israel. Eu mesmo te ajudarei, oráculo de *YHWH*; o teu redentor é o Santo de Israel.

Is 41,8-14 constitui uma unidade. No v. 8, tem-se o início de uma perícopa que muda o discurso em relação à unidade anterior na qual o autor evoca, com ironia, a fabricação dos ídolos. Os vv. 6 e 7 são uma interpolação que se liga a Is 40,19-20. Para Croatto, o Dt-Is fala a Israel sobre o seu Deus *YHWH* cuja ação salvífica passada é comparada, algumas vezes, à ausência histórica daqueles ídolos. Os exilados estão comprometidos com aqueles deuses e desiludidos com *YHWH*. Assim, o Dt-Is usa todos os argumentos para recuperar a figura deteriorada de *YHWH* e tornar crível o seu projeto de libertação<sup>46</sup>. A polêmica contra os deuses pagãos é um tema frequente no Dt-Is (cf. Is 44,9-20; 41,21; 42,8. 17; 45,16. 20).

---

<sup>46</sup> Cf. CROATTO, J. S. *Isaías. A Palavra profética e sua releitura hermenêutica*, op. cit., p. 53.

A partir do v. 8, a mensagem dirige-se, de modo pessoal, a Israel com a expressão “e tu...” que contrasta com o que foi dito na unidade anterior. Pela boca do Dt-Is, *YHWH* dirige-se, em primeira pessoa, num discurso direto, a Israel com um oráculo de salvação. Terna e carinhosamente, inspirando confiança, *YHWH* se dirige a Israel para consolá-lo<sup>47</sup>. Trata-o como “meu servo” e assegura-lhe que não é preciso temer, pois será resgatado por Deus, seu Salvador.

A perícope apresenta a Palavra de Deus passando pelas etapas geralmente presentes na apresentação de um oráculo de salvação. Indica os destinatário; “Israel, meu servo” (v. 8a), “Tu és meu servo” (v. 9b); usa a fórmula característica “não temas” (v.10a), apelando à confiança; fala da promessa: “Tu, a quem tomei, desde os confins da terra, a quem chamei... Tu és o meu servo, eu te escolhi, não te rejeitei” (v. 9); expressa a motivação acentuando o fundamento da esperança: “Eu mesmo te ajudarei, oráculo de *YHWH*; o teu redentor é o Santo de Israel” (v. 14).

O versículo 14 apresenta a fórmula característica: “oráculo de *YHWH*” que indica o término da perícope. O v. 15 assinala o início de um novo oráculo de salvação. Mostra o que *YHWH* fará com Israel, pequeno qual vermezinho, embora frágil será capaz de desfazer montes e colinas. Vencerá e esmagará seus inimigos não pela própria força, mas pela vinda de Deus. Diante de seus inimigos, *YHWH* o transformará em um trilho cortante, novo e eficiente. Israel então agirá. “Trilharás os montes, reduzindo-os a pó, dos outeiros farás um montão de palha” (Is 41,15b). “Montes e outeiros” são metáforas dos poderosos inimigos que serão esmagados e soprados para longe como palha<sup>48</sup>.

#### 1.2.1.2 – Divisão da perícope e análise de superfície

Nas suas diversas partes, a unidade 41,8-14 se articula, segundo o seguinte esquema:

vv. 8-9. Indicação do destinatário

v. 10. Recordação da promessa e afirmação de salvação

vv. 11-12. Motivação à confiança

<sup>47</sup> Cf. RIDDERBOS, J. *Isaías*. Introdução e comentário, *op. cit.*, p. 328.

<sup>48</sup> Cf. Idem, *op. cit.*, p. 130.

vv. 13-14. Retomada e confirmação dos motivos de confiança

A unidade 41,8-14 evidencia o acento forte colocado pelo Dt-Is no relacionamento de proximidade amorosa entre *YHWH* e Israel<sup>49</sup> que, se dá num discurso direto entre o “eu” e o “tu”, como será apresentado a seguir:

vv. 8-9: Indicação do destinatário.

Nesses vv. 8-9, o Dt-Is apresenta o destinatário da mensagem – Israel – que é referido por meio de um pronome pessoal, “tu”, de substantivos nominais, “Israel”, “Jacó”<sup>50</sup>, e de dois pronomes adjetivos, “meu servo” e “meu amigo”, com uma ampliação: “tu a quem tomei... e te disse”, imprimindo uma marca de eleição<sup>51</sup>. O título “servo” é assinalado de duas maneiras, v. 8a. “E tu, Israel, meu servo...” e no v. 9b. E te disse: “Tu és meu servo...”, conferindo-lhe maior significação. A forma cruzada da expressão assinala a unidade de todo o versículo. A referência “meu servo” dada aos exilados, num contexto de opressão e escravidão, dá-lhe ressonância especial, sobretudo pelos sufixos de pertença “meu servo”. Israel é pertença exclusiva de *YHWH*<sup>52</sup>. Essa referência de pertença a *YHWH* exprime também a força da sua amizade profunda e da sua ternura amorosa em relação a Israel. Com a expressão nominal “e tu”, o Dt-Is mostra *YHWH* dirigindo-se, em linguagem pessoal e afável, a seu povo Israel. Introduce a palavra de consolação dirigida a Israel em contraposição às contendas judiciais dirigidas às nações<sup>53</sup>.

v. 10: Recordação da promessa e afirmação da salvação.

Recordando a promessa e afirmando a salvação no v. 10, o Dt-Is apresenta a certeza da presença de Deus com substanciações nominais em linguagem de “eu” para “tu”: “não temas”,

<sup>49</sup> Cf. KLEIN, R. W. *Israel no Exílio*, op. cit., p. 125.

<sup>50</sup> “Certamente os nomes de Israel e de Jacó designam aqui o próprio povo, representado, porém, por seu antepassado epônimo. Os profetas anteriores ao Segundo Isaías haviam, raramente, evocado a gesta patriarcal. Abraão lhes era indiferente” (cf. STEINMANN, J. *O livro da consolação de Israel*, op. cit., p. 117).

<sup>51</sup> Cf. CROATTO, J. S. “*Isaías*”: A palavra profética e sua releitura hermenêutica, op. cit., pp. 54-55.

<sup>52</sup> Cf. Idem, op. cit., pp. 54-55.

<sup>53</sup> Cf. KLEIN, R. W. *Israel no Exílio*, op. cit., p. 125.

“porque estou contigo”, e de substanciações verbais: “eu te fortaleço”, “eu te sustento com minha destra”<sup>54</sup>. Nesse v. 10, há um duplo “eu” que é enfatizado: *YHWH* está com Israel “estou contigo” (no presente), assim como estava (no passado) com Moisés para a libertação do Egito (Ex 3,12) e é o Deus próprio de Israel (“teu Deus”) que o ajudou e o fortaleceu (v. 10b.)<sup>55</sup>.

vv. 11-12: Apresentação dos motivos de confiança.

Nos vv. 11-12, o Dt-Is procura gerar esperança, justificando, com motivos fortes, a confiança plena que Israel pode e deve ter em *YHWH* que assegura sua intervenção em favor de Israel. Para Croatto, a expressão: “Serão reduzidos a nada” (v. 11b) que se repete no v. 12b denota o resultado da promessa<sup>56</sup>.

vv. 13-14: Retomada e confirmação dos motivos de confiança.

Nos vv. 13-14, o Dt-Is retoma e sintetiza os vv. 8-10 através da repetição dos temas principais para reforçar os motivos de confiança de Israel em *YHWH*<sup>57</sup>. Dando ênfase aos motivos de confiança, *YHWH* se auto-denomina em relação a Israel com mais uma substanciação nominal “o teu redentor”, como um parente próximo, e mais do que um parente, seu resgatador. Assegura-lhe que quem o redime “é o Santo de Israel” (v.14)<sup>58</sup>.

### 1.2.1.3 - Exegese

Apresentar-se-á a exegese do texto Is 41,8-14, tendo-se presente o esquema acima nas suas diversas partes. Após a explicação exegética, faz-se uma conclusão buscando decifrar a mensagem teológica transmitida pelo Dt-Is.

<sup>54</sup> Cf. Idem, *op. cit.*, pp. 125-128.

<sup>55</sup> Cf. CROATTO, J. S. “*Isaías*”: A palavra profética e sua releitura hermenêutica, *op. cit.*, p. 55.

<sup>56</sup> Cf. Idem, *op. cit.*, p. 56.

<sup>57</sup> Cf. Idem, *op. cit.*, p. 56.

<sup>58</sup> Cf. KLEIN, R. W. *Israel no Exílio*, *op. cit.*, p.126.

Destinatário (vv. 8-9). Israel, destinatário da mensagem.

O v. 8 inicia referindo-se ao destinatário: “Tu, Israel, meu servo”. *YHWH* dirige-se a ele, seu servo escolhido, na primeira pessoa, mostrando sua predileção e amizade profunda enraizada na história da aliança de Deus com Abraão (cf. Gn 12,7; 13,15-16; 17,7-9) e renovada no presente. A designação “tu” é central nessa perícopa. O novo povo, como Abraão, é escolhido nominalmente para ser servo de *YHWH*. A escolha e o pacto de amizade são uma história de amor que partiu da gratuidade de Deus e nunca foi por ele esquecida.

*YHWH* chama Israel de “meu servo”. O termo “meu servo” ocorre aqui pela primeira vez na pregação do Dt-Is. Para compreender seu alcance é necessário ter presentes todos os dados veterotestamentários dessa raiz. Essencialmente, o termo “servo” (*‘ebed*) exprime e sublinha ou o momento da dependência que é proteção, certeza ou segurança, ou aquele da submissão e obediência. No caso do v. 8, no apelo de Deus a Israel, o elemento da dependência é o mais grifado; ser *‘ebed* significa, nessa perspectiva, confiança, honra, proteção, analogamente àquilo que significa para o servo de Abraão no relato de Gn 24. Para Israel, ser servo de *YHWH* significa, antes de tudo, que ele tem um senhor que o protege, com o qual pode contar. Ser servo desse senhor significa servi-lo e o serviço de Israel é, portanto, entendido sob esse ponto de vista<sup>59</sup>.

A série de chamadas nominais - “Israel meu servo” (...) “descendência de Abraão” (...) “a quem chamei” (...) “eu te escolhi” (...) “meu amigo” (...) “a quem te tomou pela mão” - (Is 41,8-9; 43,10. 20; 44,1. 2; 45,4) imprime uma idéia de posse freqüente e importante para o Dt-Is. O conteúdo dessa idéia corresponde àquele expresso no apelativo “meu servo” (assim no v. 9b repete-se ainda “tu és meu servo, eu te escolhi”). A expressão aplicada a Israel recebe no Antigo Testamento a sua qualificação particular, especialmente no Deuteronômio (cf. Dt 7,6). Deus escolheu-o entre muitos povos. Com a eleição, deu à sua existência um significado que ninguém lhe poderá tirar senão ele mesmo<sup>60</sup>.

A referência pessoal, “tu Israel, meu servo, Jacó, a quem escolhi” (Is 41,8), diz, portanto, que Israel é privilegiado e distingue-se de todas as outras nações. É privilegiado por ser escolhido gratuitamente por Deus. O seu povo é chamado de “descendência de Abraão,

<sup>59</sup> Cf. WESTERMANN, C. *Isaias* (cap. 40-66). Brescia: Paideia Editrice, 1978, pp. 89-90.

<sup>60</sup> Cf. Idem, *op. cit.*, p. 91.

meu amigo” (Is 41,8c). Deus dirige-se a Israel chamando-o “meu servo”, expressão que se refere à aliança que *YHWH* estabeleceu com Abraão na qual Israel está incluído (cf. Gn 12,3). A expressão “tu” também aparece no Novo Testamento para designar, antes de tudo, Jesus como o verdadeiro Servo anunciado por Is. Porém, o termo “Filho” substitui a expressão Servo (cf. Mt 3,17; Mc 1,11), significando que mais do que ser servo é ser filho.

O Dt-Is ajuda o povo a perceber que *YHWH* é coerente com os fatos que realizou por seu povo no passado<sup>61</sup>. Israel deve recordar sempre isto: sua identidade é ser “Servo de *YHWH*” (Is 41,8), plano de *YHWH* para o povo ao criá-lo como tal, ao formá-lo (Is 44,21)<sup>62</sup>. O modo de se exprimir revela a gratuidade do amor no relacionamento de *YHWH* com Israel/Jacó, que tem sua raiz no pacto da sua aliança com Abraão e retrata a íntima relação entre *YHWH* e Israel (cf. Gn 12,7; 13,15. 16; 17,7-9).

No Dt-Is é freqüente o tratamento pessoal “Tu és meu servo, eu te escolhi” (Is 41,9; cf. 41,14a; 44,1. 2). Ele relaciona a eleição de Israel a sua condição de servo de *YHWH* (cf. Is 42,1; 43,10), dependente do chamado e do cuidado de Deus<sup>63</sup>. O povo precisa tornar essa memória presente em sua história e em sua vida.

Israel é escolhido para ser servo de *YHWH*: “Tu és meu servo, eu te escolhi, não te rejeitei” (v. 9). A referência feita à escolha de Israel, “desde os recantos longínquos” (v. 9), na qual Deus diz: “Tu és meu servo, eu te escolhi” é uma provável alusão ao êxodo do Egito e expressa a relação íntima de amizade e de confiança entre *YHWH* e seu povo<sup>64</sup>.

Deus escolheu Israel para ser o seu servo a fim de manifestar e realizar a missão de justiça e de libertação. É uma escolha que mostra sua preferência pelos pobres, sofridos e massacrados. São esses pequenos e oprimidos os escolhidos para serem servos de *YHWH*<sup>65</sup>. Em Is 42, 2-4, o teólogo descreve o jeito de ser do servo escolhido e eleito “ele não clamará, não levantará a voz, não fará ouvir a voz nas ruas; não quebrará a cana rachada, não apagará a mecha bruxulenta, com fidelidade trará o direito. Não vacilará nem descoroçoará até que estabeleça o direito na terra; e as ilhas aguardem seu ensinamento”.

---

<sup>61</sup> A propósito Steinmann comenta que o Segundo Isaías, porém, é um devoto do passado. Ele evoca poeticamente a vocação de Abraão, origem de eleição do povo. Anuncia, solenemente a derrota dos inimigos de Israel (cf. STEINMANN, J. *O livro da consolação de Israel*, op. cit., p. 117).

<sup>62</sup> Cf. ARANGO, J. R. “Deus solidário com o seu povo”, art. cit., p. 48.

<sup>63</sup> Cf. KLEIN, R. W. *Israel no Exílio*, op. cit. p. 125.

<sup>64</sup> Cf. MORIARTY, F.L. Isaías. In: LA SAGRADA ESCRITURA. Texto y comentario. Antiguo Testamento V. Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid, 1967, p. 343.

<sup>65</sup> Cf. KLEIN, R. W. *Israel no Exílio*, op. cit., p. 125.



O servo é aquele que busca instaurar o direito e a justiça sem demagogia, sem violência e sem deixar-se contaminar pela opressão, mas fiel e resistente na luta. Com esse testemunho, o povo do cativeiro já se manifestava como servo e Deus o estabelece e confirma como tal: “Tu és meu servo, eu te escolhi” (Is 41,9b) e o apresenta: “Eis o meu servo que eu sustento, o meu eleito em quem tenho prazer” (Is 42,1).

O Deus que é desde toda a eternidade escolhe e chama o seu povo a ser servo (Is 41,9b), “Eu, *YHWH*, te chamei para o serviço da justiça, tomei-te pela mão e te modelei” (Is 42,6; cf. Gn 2,7). A expressão “Eu, *YHWH*” (Is 42,1), lembra o Deus compromissado com Israel desde o passado, caminhando com ele e libertando-o da escravidão do Egito (Ex 3,13-15). Ele é o mesmo que também caminha com os exilados da Babilônia, cumprindo seu dever de justiça, continuando a chamar o povo a ser seu servo (Is 42,6)<sup>66</sup>.

Promessa (v.10). Recordação e afirmação de salvação.

No v. 10, a expressão “Não temas” é um convite à confiança. Esse tipo de apelo é freqüente no livro do Dt-Is (cf Is, 40,9; 41,10. 13. 14; 43,1. 5), para ajudar Israel a lembrar-se da fidelidade de Deus que jamais o abandonou, descrevendo as atitudes e os gestos de *YHWH* que fundamentam a sua relação de amor apaixonado e misericordioso: “Porque sou teu Deus, estou contigo, te fortaleci, te ajudei, te sustentei” (v.10). A expressão “Não temas”, garantia de *YHWH* de estar com seu povo, Israel (Is 41,10a. 14b; 43,1b. 5a; 54,5), encontra-se também em outros textos bíblicos como expressão tranquilizadora “eu estou contigo” foi esse o argumento único de que precisaram Moisés (Ex 3,12), Gedeão (Jz 6,16) e Jeremias (Jr 1,8) para dar a garantia da presença de Deus a seu povo<sup>67</sup>.

O Dt-Is descreve as atitudes de *YHWH* em relação a Israel: amor fiel, proximidade, força, amizade, presença e sustento na caminhada. Embora o povo tenha medo por causa da situação difícil em que se encontra (cf. v. 5), Israel não precisa temer, pois *YHWH* está com ele: “Estou contigo” (v. 10a); fortalece-o, ajuda-o e o sustenta pela sua “destra justiceira” (v. 10c),

<sup>66</sup> Cf. MESTERS, C. *A missão do povo que sofre*, op. cit. pp. 36-47.

<sup>67</sup> Cf. Idem, op. cit. p. 126.

pelo seu poder. É fiel a seu pacto de amor<sup>68</sup>. Essa expressão “não temas” encontra-se em outras passagens bíblicas no sentido de encorajar (cf. Gn 15,1; Dn 10,12; Js 8,1; Lm 3,57).

O apelo à confiança coloca peso no relacionamento terno e misericordioso de Deus e expressa a salvação, idéia que predomina no Dt-Is. *YHWH* dá as razões pelas quais o povo deve confiar: “porque estou contigo... eu sou o teu Deus; te fortaleci... eu te ajudei; te sustentei” (v. 10). Os verbos no tempo passado indicam que *YHWH* interveio em favor de Israel no passado e assim também intervém em seu favor no presente.

O convite à confiança, mostrando o desejo de *YHWH* de salvar, encontra-se em muitas outras passagens (cf. Is 43,5; Jr 30,11). Ele manifesta a presença terna de Deus que continuamente anima e encoraja seu povo ajudando-o a levantar-se e a fazer de novo a experiência do seu amor fiel. A exortação à confiança e a não temer perpassa toda a teologia dêutero-isaiana.

#### Motivação (vv. 11-12). Apresentação dos motivos de confiança

A ajuda de *YHWH*, a que se refere o v. 10, afeta a relação de Israel com seus opressores, fazendo-o triunfar sobre eles de forma que sejam envergonhados e pereçam. Esta vitória será tão completa que Israel não será capaz de achá-los mais (v. 12). A promessa de ajuda de *YHWH* repete-se no v. 13, dando a entender a força do seu amor-compaixão e insistindo para que Israel deixe de lado todo o medo<sup>69</sup>.

“Serão envergonhados e humilhados todos os que se inflamam contra ti” (v. 11). “Serão reduzidos a nada, serão aniquilados aqueles que te faziam guerra” (v. 12). Estes versículos recordam a promessa. O povo de Israel não está sozinho na luta. Tem a garantia de que o exílio babilônico está chegando a seu final; não durará muito tempo (v. 11). Deus intervém na luta de seu povo e os inimigos “serão reduzidos a nada e perecerão” (vv. 11 e 12). O v. 11 fala do que acontecerá aos inimigos opressores, lembrando a linguagem de alguns Salmos: (Sl 35,26-27; 40,15-17; 63,10-11), enquanto o v. 12 fala do que acontecerá ao servo Israel. A comparação com o nada e o vazio já apareceu em Is 40,17 e 40,23.

<sup>68</sup> Cf. CROATTO, J. S. *Isaías – A palavra profética e sua releitura hermenêutica*, op. cit., p.54.

<sup>69</sup> Cf. RIDERBOS, J. *Isaías*. Introdução e comentário, op. cit., p. 329-330.

### Retomada (vv. 13-14). Confirmação dos motivos de confiança

Diante da fragilidade e da situação de incerteza do povo de Israel, o teólogo retoma as atitudes e gestos de Deus em relação a ele, seu servo escolhido, reforçando as suas expressões de afeto, de ternura amorosa e de misericórdia. Assim, no v. 13, repete-se o que já apareceu antes no texto: “Com efeito, eu, *YHWH*, teu Deus” (v. 13) // “pois eu sou o teu Deus” (v. 10a); “te tomei pela mão direita” (v. 13) // “eu te sustentei com a minha destra justiceira” (v. 10b); “sou eu que te ajudo” (v. 13) // “eu te fortaleci, te ajudei” (v. 10a); “e te direi: ‘Não temas’” (v. 13) // “Não temas” (v. 10a).

O Deus que se inclinou e se revelou a seu povo no primeiro êxodo, como “Eu sou o Deus de teus pais...” (Ex 3,6) continua a revelar-se ao longo da história. O Deus de Israel não é um Deus qualquer: “Eu sou aquele que é” (Ex 3,14), aquele que fez Israel sair da terra do Egito (cf. Ex 20,2; Dt 5,6). Não há outro Deus. Diz *YHWH* “Eu, *YHWH*, sou o primeiro, e com os últimos ainda estarei” (Is 41,4; 44,6; 48,12); “Eu sou Deus, desde toda a eternidade, eu sou” (Is 41,14; 43,13; 46,4).

O Dt-Is conhece aquilo que Deus diz de si mesmo ao revelar-se como o Deus do êxodo na fórmula resumida “Eu sou!” (Ex 3,14), que melhor se explicita referindo-a ao nome misterioso revelado na sarça ardente na véspera do êxodo (Is 41,4; 43,10. 13. 25; 46,4). O Deus do êxodo é, em primeiro lugar, um Deus redentor e salvador para Israel<sup>70</sup>. Assim, a teologia do primeiro êxodo está na base da teologia do Dt-Is. As expressões de força e encorajamento de *YHWH*, apresentadas por Moisés no primeiro êxodo, estão presentes na mensagem dêutero-isaiana. *YHWH* é o único e não há outro Deus (Is 44,6b. 8b; 45,21b; 46,9b). A fórmula “eu sou”, própria do Dt-Is (cf. 41,4b; 43,10. 13. 25; 46,4; 48,12; 52,6), auto-define *YHWH* como o único<sup>71</sup>, sempre interessado na salvação de seu povo, Israel.

A relação de Deus com Israel mostra que *YHWH* ama profundamente seu povo (Is 41,13; 43,1. 3; 48,17) e acentua que Israel lhe pertence (Is 41,13; 43,1). A identidade de *YHWH* define-se por uma relação de solidariedade estabelecida pelo próprio Deus ao realizar ações em favor de Israel. Essas ações mostram-no como o Deus de Israel e a esse, como o

<sup>70</sup> Cf. BLENKINSOPP, J. “Alcance e Profundidade tradição do Êxodo no Dêutero-Isaías, 40-55”. *Concilium*. Petrópolis, Vozes. n. 10, p. 45, 1966.

<sup>71</sup> Cf. CROATTO, J. S. “Composição e querigma do livro de Isaías”, art. cit., p. 56.

povo de *YHWH*. É o próprio Deus da Aliança, da eleição, que fala pela boca do Dt-Is (Is 54,10), o Deus historicamente solidário com Israel<sup>72</sup>.

*YHWH* toma Israel pela mão direita para encorajá-lo e lhe assegura: “Eu sou o Deus de teus pais” (Ex 3,6), “Eu estarei contigo” (Ex 3,12). O Deus de Israel é o Deus da Aliança que em virtude da promessa é também o *go’el* (redentor) do povo descendente dos Patriarcas. Como *go’el*, liberta seu povo da escravidão e da opressão do Egito (cf. Ex 20,2). Essa escravidão ameaçava a própria existência do povo dos Patriarcas. No Sl 107, encontra-se um retrato de Deus como parente misericordioso e próximo de seu povo. Ali, ele se manifesta como redentor (Sl 107,2); o que auxilia os peregrinos e os guia (vv. 4-5); liberta os cativos (v. 10); visita os enfermos (v. 17); fecunda e rega as terras para dar de beber aos sedentos e dar de comer aos famintos (v. 33).

Vários Salmos bíblicos ilustram aspectos da fé no Deus redentor e libertador de seu povo (cf. Sl 19,15; 69,14. 19; 74,2; 103,4. 17; 106,1. 10; 107,2). A certeza da presença fiel do Deus de Israel junto a seu povo está muito presente na teologia dêutero-isaiana. A vinculação livre e gratuita da Aliança de Deus com Israel continua e, por isso, ele nada tem a recear. O Dt-Is interpreta a ação libertadora de Deus do cativeiro babilônico como um novo êxodo porque é o mesmo Deus que continua libertando seu povo da escravidão (Is 41,14; 43,1. 14; 44,6. 22-23; 47,4; 49,26).

O mesmo Deus da Aliança encoraja o seu povo dizendo: “não temas” (Is 41, 14) inspirando confiança e sublinhando a presença re-confortadora de *YHWH* junto a seu povo, Israel. A expressão “Com efeito, eu, *YHWH*, teu Deus”, no início do v. 13, é uma das fórmulas características do pacto da aliança que o Dt-Is frequentemente usa nos textos alusivos ao pacto existente entre Deus e Israel. *YHWH* recorda-se sempre da aliança com seu povo.

A metáfora “vermezinho de Jacó” (v. 14) expressa a misericórdia e compaixão que Deus sente em relação às pessoas pobres de Israel. Em Is 40,5-6, Israel é comparado à erva do campo, porém, não é abandonado por seu “Redentor”, “o Santo de Israel” (v. 14b; cf. Is 1,4); Ele é o Redentor, o *go’el* do povo de Israel, aquele que vai ao seu encontro e o resgata. O *go’el* (redentor) significa o parente mais próximo das vítimas, o protetor de direito de seus parentes. Tem o dever de impedir a alienação das suas terras (Lv 25,14. 23-25; Rt 3,11-12; 4,1-6)<sup>73</sup>. É uma importante designação de Deus na Bíblia provinda da experiência do

<sup>72</sup> Cf. ARANGO, J. R. “Deus solidário com seu povo”, art. cit., p. 47.

<sup>73</sup> Cf. RIDDERBOS, J. *Isaías*. Introdução e comentário, op. cit., p. 330.

povo hebreu. É o defensor do pobre, aquele que liberta, resgata, protege, é o vingador do sangue. Encontra-se o seu sentido original na história de Israel. O parente mais próximo das vítimas tem a obrigação de vingar, resgatar os bens e as pessoas que caíram nas mãos de estrangeiros (cf. Lv 25,47-49).

O vocábulo *go'el* é, portanto, usado como metáfora da redenção de Israel do Egito (Ex 6,6) ou do exílio, sendo *YHWH* o Redentor. Deus é visto como o parente próximo, protetor e vingador do povo, especialmente dos pobres de Israel. Assim, quando o povo é ofendido, *YHWH* toma sua defesa (cf. Is 41,14; 43,14; 47,4; 48,17; 49,7. 26; 54,5; Jr 50,34; Sl 19,15). Como *go'el* de seu povo, Deus revela sua justiça em favor do pobre e do fraco. Intervém para libertar a nação israelita da opressão estrangeira, resgatando-a da escravidão na Babilônia “Assim diz *YHWH*, vosso Redentor, o Santo de Israel: Por vossa causa enviei alguém à Babilônia e mandei pôr abaixo todos os seus ferrolhos” (Is 43,14).

*YHWH* revela-se como criador e redentor e o povo de Israel reconhece-o como tal: “Assim diz *YHWH*, o rei de Israel, *YHWH* dos Exércitos, o seu redentor. Eu sou o primeiro e o último, fora de mim não há Deus (...). Assim diz *YHWH*, o teu redentor, aquele que te modelou desde o ventre materno” (Is 44,6. 24). Deus não só se revela como parente e protetor nacional de Israel; declara-se, sobretudo, defensor, *go'el* dos pobres. “Pai dos órfãos, justiceiro das viúvas, tal é Deus em sua morada santa; Deus dá casa aos solitários, livra os cativos para a prosperidade” (Sl 68,6-7). Deus, *go'el*, toma a defesa de seu povo pobre e oprimido, garantindo a sua efetiva intervenção em seu favor, dando-lhe confiança a ponto de fazê-lo abandonar-se a *YHWH* também no presente<sup>74</sup>.

As ações de Deus foram realizadas no passado: libertação do Egito, caminhada pelo deserto, pacto no Sinai e entrada na terra da promessa. Nelas, *YHWH* se comprometeu com Israel cumprindo as promessas feitas aos Patriarcas e se manifestou como o Deus fiel (Is 54,10) e solidário. Por isso, afirma que “*YHWH*; o teu Redentor é o santo de Israel” (Is 41,14; 43,1. 3.14. 15; 47,4; 48,17; 49,7), ao ligar-se por amor a esse povo, através das realizações salvíficas em seu favor. Todo o mistério da eleição se condensa nessa fórmula. Deus, o “completamente outro”, diferente do homem, entrou na história do povo de Israel salvando-o e libertando-o. Por isso, Israel é o especial povo de Deus<sup>75</sup>. Deus *go'el*, portanto, é um Deus próximo de seu povo.

<sup>74</sup> Cf. ARANGO, J. R. “Deus solidário com seu povo”, art. cit., pp. 47-48.

<sup>75</sup> Cf. Idem, art. cit., p. 47.

Por meio do Dt-Is ele se aproxima de seu povo para consolá-lo, para colocar-se a seu lado, em seu caminho, e lhe fala (Is 41,14), anima-o, fortalece-o, auxilia-o (Is 41,14), e dá-lhe esperança (cf. 41,8-16; 44,2; 51,12). Lembra-lhe quem é o verdadeiro Deus, fazendo memória de sua história de salvação e mostrando-lhe sua presença atual, continuando a dirigir-se a seu povo com carinho. O mesmo Deus que acompanhou o povo do Êxodo no passado continua no meio de Israel.

A palavra consoladora do Dt-Is torna a presença de *YHWH* perceptível ao povo que sofre no Exílio babilônico. Ele, o *go'el* de Israel, não o abandonou à sua sorte. A história da fidelidade de *YHWH* não terminou com a perda da terra prometida nem com a destruição do templo. Deus intervém novamente para libertar seu povo das mãos do opressor. Ele o resgatará; o libertará (Is 43,14; 51,14). *YHWH*, o *go'el*, conduz seu povo pelo caminho de saída da Babilônia, que é caminho do novo êxodo (cf. Is 48,20)<sup>76</sup>. O Dt-Is mostra assim ao Israel exilado um Deus aparentado e solidário, movido por um amor de misericórdia gratuito.

#### 1.2.1.4 - A teologia da misericórdia e da compaixão em Is 41,8-14.

Essa perícopa marca o início do tema do “servo” que ocupa lugar importante na pregação do Dt-Is. Esse tema tem ligação com a eleição (cf. Is 43,10. 20; 44,1. 2; 45,4). Recorda o chamado de Abraão. Torna presente sua descendência “Israel meu servo, Jacó, a quem escolhi” (Is 41,8) para ser testemunha de *YHWH* (Is 43,10). Lembra seu amor fiel mesmo que Israel tenha sido infiel (Is 42,19). Deus não abandona, mas perdoa e salva (Is 44,1-5; 48,20). A relação de servo a que o Dt-Is se refere não é uma relação de senhor-escravo, e sim uma relação que implica confiança e amor. Deus escolhe seu povo por iniciativa do seu amor livre e gratuito (Is 41,9). O servo pertence a *YHWH* (Is 41,8) que o protege sem se cansar e fatigar (Is 40,28-31). *YHWH* transmite sua força ao servo Israel (Is 41,9-10)<sup>77</sup>. Assim, a relação de Deus com seu servo Israel é de confiança e revela o seu amor livre e gratuito.

Em Is 41,8-14, sente-se a insistência do Dt-Is em incentivar o povo desanimado e sofrido a recuperar a fé e a esperança no Deus de Israel. Com uma mensagem de encorajamento, de ânimo e de esperança o Dt-Is apresenta a imagem de um Deus muito próximo. É o mesmo Deus do Êxodo que conduziu Moisés e o povo de Israel na caminhada

<sup>76</sup> Cf. Idem, art. cit., p. 48.

<sup>77</sup> Cf. CROATTO, J. S. “Isaías”. *A palavra profética e sua releitura hermenêutica*, op. cit., p. 55.

pelo deserto que agora o chama de “meu servo”. Essa expressão de ternura supõe uma relação de proximidade, de amizade profunda e de compromisso entre Deus e Israel. Serviço da parte do servo Israel e atitude misericordiosa de sustento e de proteção da parte de *YHWH*. Deus selou um pacto de amor e de fidelidade com seu povo que perpassa a história e as gerações.

Acentua-se, desde o início, a dimensão do relacionamento de confiança, de amizade e de gratuidade entre *YHWH* e Israel (cf. Is 41,8). Ao longo da história, esse pacto de amor continua com a descendência de Abraão, aqui representado pelo povo de Israel, novo povo escolhido, como Abraão, para ser servo de *YHWH* “Tu és meu servo, eu te escolhi, não te rejeitei” (Is 41,9). O Dt-Is enfatiza essa escolha de predileção e de carinho, e, na situação de crise e de medo em que o povo se encontra, como no primeiro êxodo (Ex 6,1s), exorta-o: “Não temas, porque estou contigo” (Is 41,10). O amor de compaixão e de misericórdia interpela a fé e a esperança. O teólogo insiste em recuperar a memória histórica do povo para sublinhar a fidelidade de Deus que jamais abandona seus filhos e filhas. Procura animá-lo e encorajá-lo, ajudando-o a perceber a presença de Deus e a manter a sua esperança n’Ele, mesmo em tempo de crise e de obscuridade.

O Deus de Israel é fiel em seu amor (cf. Is 41,10. 13). Ele o fortalece, ajuda e sustenta. O povo de Israel tem a garantia de que *YHWH* o acompanha, e de que a Babilônia não exercerá, por muito tempo, o domínio sobre Israel (cf. Is 41,11-12). A força do amor terno e misericordioso de *YHWH* vence qualquer poder opressor; porém, para ser percebida, requer atenção cuidadosa. Deus revela-se nos acontecimentos da vida e da história, principalmente na vida e história das pessoas que estão sob o jugo da miséria e da opressão, as excluídas e injustiçadas, sob as mais diversas formas de dominação.

O teólogo transmite uma mensagem de esperança e de reconforto. Através de sua palavra, Deus se revela como força e sustento de seu servo Israel e ajuda-o na realização de sua missão. Sua palavra de encorajamento expressa a misericórdia e a compaixão de *YHWH* para com seu povo. Essa presença força de *YHWH* aparece do início ao fim da unidade. “Eu mesmo te ajudarei, o teu redentor e o santo de Israel” (Is 41,14b). Ele é o defensor e o resgatador de seu servo escolhido com amor de benevolência e de misericórdia.

Em síntese, a mensagem teológica de ternura e de misericórdia que perpassa o texto é a interpelação carinhosa que Deus faz, através do Dt-Is, para reconstruir a esperança nos momentos mais difíceis da vida do povo, e também para sensibilizá-lo na percepção dos traços da ternura misericordiosa de Deus, presente na vida e na história do povo frágil e indefeso, em situação de crise e de desconforto. O Deus de Israel é um Deus justo e fiel. Age

com amor condescendente em relação ao povo frágil e com justiça implacável com os que oprimem e esmagam os indefesos. Assim, o Dt-Is ajudou o povo a refazer a experiência de Deus vivida no passado, reacendendo a chama de sua fé e levando-o a continuar a caminhada com renovada esperança. Essa experiência de Deus levou-o a reconstruir a sua vida e a convivência em novas bases.

### 1.2.2 - Is 49,14-26

#### 1.2.2.1 – O texto e sua delimitação

<sup>14</sup> Sião dizia: “*YHWH* me abandonou; o Senhor se esqueceu de mim”.

<sup>15</sup> Por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem eu não me esqueceria de ti.

<sup>16</sup> Eis que te gravei nas palmas da mão, teus muros estão continuamente diante de mim.

<sup>17</sup> Teus reedificadores se apressam, os que te arrasaram e te devastaram vão-se embora.

<sup>18</sup> Levanta os olhos em torno e vê: todos se reúnem e vêm a ti. Por minha vida, oráculo de *YHWH*, todos eles são como um adorno com que te cobres, tu te cingirás deles como uma noiva.

<sup>19</sup> Com efeito, tuas ruínas, teus escombros, tua terra desolada são agora estreitos demais para os teus habitantes, e teus devoradores estão longe.

<sup>20</sup> Teus filhos, de que estavas privada, ainda dirão aos teus ouvidos: “O espaço é muito estreito para mim, arranja-me lugar para que tenha onde morar”.

<sup>21</sup> Então dirás no teu coração: “Quem me deu à luz todos estes? Pois eu estava desfilhada e estéril, exilada e rejeitada! Estes, quem os criou? Eu fora deixada só. Onde, então, estavam estes?”

<sup>22</sup> Assim diz o Senhor *YHWH*: Eis que levantarei a mão para as nações, darei um sinal aos povos e eles trarão os teus filhos nos braços, as tuas filhas serão carregadas nos ombros.



<sup>23</sup> Reis serão os teus tutores, suas princesas serão tuas amas-de-leite. Prostrar-se-ão diante de ti com o rosto em terra e lambeirão o pó dos teus pés. Então saberás que eu sou *YHWH*: aqueles que esperam em mim não serão confundidos.

<sup>24</sup> Por acaso pode alguém arrancar ao valente a presa? Pode alguém libertar o prisioneiro de um tirano?

<sup>25</sup> Pois bem, assim diz *YHWH*: Sim, o prisioneiro será arrancado ao valente, e a presa do tirano será libertada. Eu mesmo contenderei com aqueles que contendem contigo; eu mesmo trarei a salvação aos teus filhos.

<sup>26</sup> Obrigarei teus opressores a comerem a sua própria carne! Eles embriagar-se-ão com o seu sangue como com vinho novo. E toda carne saberá que eu, *YHWH*, sou teu salvador, que teu redentor é o Poderoso de Jacó.

Is 49,14-26 forma uma perícope fechada que se distingue pela característica da linguagem no feminino singular e cujo foco central é Jerusalém<sup>78</sup>. Há um corte claro com relação ao v.13, onde o discurso é formulado no masculino, encerrando o oráculo anterior com uma erupção lírica em que céus e terra são convocados para se juntarem em manifestação de júbilo pela salvação que o Senhor outorgou a seu povo.

No v. 14, muda-se o cenário. O discurso continua sendo dirigido aos cativos na Babilônia. Porém, *YHWH*, num tom de consolação, abre um novo horizonte. O Dt-Is usando uma imaginação metonímica apresenta Sião como cidade e como mãe (vv. 14-15). No estilo, transparece a redundância, com repetição de palavras na mesma frase como o verbo “esquecer” (três vezes, cf. 49,15). O aceno a Jerusalém pode ter ligação com a caminhada citada em Is 48,20-21 e 49,9b-11, que leva o povo de volta a ela.

A perícope 49, 14-26 termina com o v. 26 afirmando a garantia da salvação. O próprio *YHWH* se declara o “Salvador” e “Redentor” de seu povo. Em Is 50,1, muda-se, novamente, o cenário. O discurso dirigido a um interlocutor feminino é interrompido, passando a dirigir-se a um “vós”, não especificado no texto<sup>79</sup>.

#### 1.2.2.2 – Divisão da perícope e análise de superfície

<sup>78</sup> Cf. RIDDERBOS, J. *Isaías*. Introdução e comentário, *op. cit.*, p. 400.

<sup>79</sup> Cf. CROATTO, J. S. *Isaías*, *op. cit.*, p. 224.

Is 49,14-26 constitui uma unidade literária fechada. É uma composição ampla dividida em três partes: vv. 14-20; 21-23; 24-26. Evidencia-se o início de cada parte vv. 14. 21. 24, pela apresentação de uma objeção feita por *YHWH* como possível pensamento de Israel. A cada objeção cabe uma resposta de *YHWH* vv. 15-20. 22-23. 25-26, contradizendo a afirmação de Israel. Cada resposta, por sua vez, divide-se em comparações. As três partes tornam-se um anúncio de salvação<sup>80</sup>. Nas suas partes, a unidade 49,14-26 se articula, segundo o seguinte esquema:

Primeira parte: vv. 14-20

v. 14. Apresentação da primeira objeção – Sião queixa-se do desamparo.

vv. 15-20. Resposta de *YHWH*

v. 15. Primeira comparação de *YHWH* – A mãe e seu filho – *YHWH* e seu povo

vv. 16-17. Segunda comparação - Sião tatuada nas mãos de *YHWH* é um projeto a construir

vv. 18-20. Promessa de *YHWH* - Sião exaltada como noiva diante de outros povos

Segunda parte: vv.21-23

v. 21. Apresentação da segunda objeção - Sião mostra-se surpresa diante da ternura de Deus.

vv. 22-23. Resposta de *YHWH* através de comparações - Exaltação de Sião.

v. 22. Primeira comparação: os desfiles de vitória após a guerra.

v. 23. Segunda comparação: a inversão do poder - reis e princesas tornam-se escravos.

Terceira parte: vv. 24-26

v. 24. Apresentação da terceira objeção - Sião duvida perante o poder dos inimigos.

vv. 25-26. Resposta de *YHWH* – Confirmação da promessa de proteção e auxílio.

---

<sup>80</sup> Cf. WESTERMANN, C. *Isaia* (capp. 40-66), *op. cit.*, pp. 262-264.

v. 25. Primeira comparação: salvar a presa

v. 26. Castigo aos opressores

Cada uma das três partes citadas se inicia contradizendo, claramente, uma objeção de Israel. A primeira, no v. 14, apresenta a objeção de Israel a *YHWH*, queixando-se de ser abandonada e esquecida por ele. *YHWH* responde fazendo comparações e usando expressões de ternura materna para mostrar o contrário (v. 15).

A segunda, no v. 21, apresenta a objeção de Israel, em primeira pessoa, manifestando-se incrédula diante da ternura de Deus ao ver os numerosos filhos. *YHWH* novamente responde (vv. 22-23), fazendo comparações para provar o seu amor e sua fidelidade.

Na terceira parte, no v. 24, Israel apresenta mais uma objeção, manifestando sua incredulidade perante o inimigo. *YHWH* responde (vv. 25-26), contradizendo a objeção manifestada por Israel.

Assim, é possível reconhecer, claramente, a composição da divisão da perícope. O que une as três partes entre si é a introdução a cada uma delas. Todas se iniciam com a alusão ao lamento de Israel (cf. vv. 14. 21. 24) seguido da resposta de *YHWH*, contradizendo a lamentação e anunciando a salvação (vv. 15-20; 22-23; 25-26).

O tema de Deus voltado para seu povo está desenvolvido, particularmente, na primeira parte (vv. 15. 16) e está presente em todo o texto. O sujeito gramatical nos vv. 17-20.22-23.25-26 é a intervenção de *YHWH* que, em cada caso, assume um tom, segundo a lamentação em questão. O objetivo está expresso nas segunda e terceira partes: v. 23, “então saberás...”; e no v. 26, “e toda carne saberá...”. A divisão confirma, portanto, que 49,14-26 constitui uma perícope organizada e planejada. Uma divisão semelhante encontra-se em Is 40,12-31<sup>81</sup>.

### 1.2.2.3 - Exegese

Neste item apresenta-se a exegese da perícope Is 49,14-26, seguindo o esquema apresentado na sua divisão.

Primeira objeção (v. 14). – Sião queixa-se do desamparo

---

<sup>81</sup> Cf. Idem, *op. cit.*, pp. 264-265.

O v. 14 apresenta a queixa de Sião manifestando a dor do seu desamparo: “Sião dizia: *YHWH* me abandonou; o Senhor se esqueceu de mim”. Essa queixa ressoa como a de Is 40,27 ou como a de Lm 5,3. 20. Poderia ser formulada assim: como outrora Moisés (cf. Nm 11), *YHWH* se cansou de seu povo, dos seus pecados (Is 43,24), de sua teimosia (Is 48,4), e o colocou em terra estrangeira para desfazer-se dele. Em meio ao sofrimento provocado pelo exílio babilônico, o povo de Sião sente-se desamparado e esquecido por *YHWH*. Ele, porém, lhe responde em linguagem terna e maternal.

Resposta de *YHWH* (v.15). – Primeira comparação de *YHWH*.

No v. 15, *YHWH*, em resposta à objeção, enfatiza a relação amorosa entre ele e Sião: “Por acaso uma mulher se esquecerá de sua criancinha de peito?”. Sião é tida como esposa de *YHWH*. Sua queixa é como a dor de uma mulher abandonada pelo seu marido: “Abandonou-me”. *YHWH*, porém, reafirma seu amor misericordioso por Sião<sup>82</sup>. Ele é mais forte e supera o amor da mãe por seu filho. Ainda que as mulheres se esquecessem de seus filhos, *YHWH* não pode esquecer Sião. O seu amor gratuito excede qualquer forma de amor humano.

O Dt-Is quer incutir no povo derrotado, expatriado e humilhado a certeza da fé e a firme esperança de que, apesar da destruição da cidade de Jerusalém e apesar do exílio babilônico, Deus mantém sua fidelidade. O colorido afetivo expresso no amor de *YHWH* pelo Dt-Is lembra a linguagem afetiva usada pelo profeta Os (cf. Os 11). Seu amor por Sião é inconfundível, não há amor humano maior nem igual.

O Dt-Is assegura a fidelidade e o amor de *YHWH* para com Jerusalém. Assim como em Is 40,1, Israel “ainda é meu povo”, agora Sião é “ainda a esposa” de *YHWH*<sup>83</sup>. No final do v. 15 reafirma-se a fidelidade conjugal (da aliança) de *YHWH* com Jerusalém que, como figura feminina, representa Israel. Croatto chama a atenção para o uso do feminino plural no v. 15 - “ainda que as mulheres se esquecessem” -, quando o antecedente gramatical

---

<sup>82</sup> O Dt-Is apresenta a imagem de um Deus, “tomando a iniciativa de reatar a relação, Iahweh se revela Deus de uma ternura e afeição, cujo amor é comparável ao de uma mulher por seus filhos (Is 49,15). Ao contrário de uma Babilônia impiedosa (Is 47,6), ele se compadece de Sião com ternura toda maternal. A sua mensagem para Jerusalém é antes de tudo consolação”. (Cf. AMSLER, S. / ASURMENDI, J. *Os Profetas e os Livros Proféticos*, op. cit., p. 334).

<sup>83</sup> Cf. CROATTO, J. S. *Isaías. A Palavra profética e sua releitura hermenêutica*, op. cit., p. 214.

está no singular (uma mulher). Esse plural, na compreensão de Croatto, provavelmente se refere aos habitantes de Jerusalém que se esquecem de *YHWH*<sup>84</sup>.

Em Is 40,26, o Dt-Is direcionou o olhar desesperado de seus ouvintes às estrelas e, através delas, ao criador. De maneira semelhante, em Is 49,15, aponta para a mãe e seu filho. Duas comparações como símbolos vivos e sempre presentes da ação do Criador: as estrelas no céu e a criança no colo da mãe. As estrelas e uma mãe que amamenta são manifestações do poder e da bondade de Deus<sup>85</sup>. O Dt-Is mais uma vez convida o povo a olhar para as ações amorosas de Deus. Essas ultrapassam qualquer amor humano possível, até o amor materno.

O amor de *YHWH* com acento de paixão maternal não se baseia na resposta da criança. É um amor invencível, gratuito e eterno (cf. Nm 11,12; Is 44,21). O Dt-Is fala muitas vezes desse amor maternal de *YHWH*, amor baseado na confiança e na fidelidade, que nunca falha (cf. Jr 31,3. 20; Is 43,4; Dt 4,37; 10,15; Os 2,25; 11,1ss).

#### Resposta de *YHWH* (vv. 16-17). – Segunda comparação de *YHWH*.

No v. 16, para mostrar a intensidade do amor fiel de *YHWH*, o Dt-Is retrata-o de modo diferente, usando a comparação da “tatuagem”, figuras diversas marcadas na pele com ponta de agulha e vivificadas com o uso de tintas<sup>86</sup>. Conforme se lê em Lv 19,28, em Israel, esse costume era proibido. Mas, o Dt-Is, apesar disto, faz a comparação. Assim *YHWH* também gravou uma imagem, irremovível, nas palmas de suas mãos, imagem dos muros de Sião. Ela expressa o pensamento de maneira forte e comovente. Da mesma forma como alguém em cuja mão foi tatuado um nome ou uma imagem é obrigado a vê-la constantemente, sem poder apagá-la da sua mente, “estendendo as mãos, *YHWH* vê Jerusalém gravada em suas palmas”<sup>87</sup>. Embora os muros tenham sido derrubados, ele os tem sempre diante de si. Isto é a garantia de que serão reedificados<sup>88</sup>. Essa é a imagem expressiva pela qual a misericórdia amorosa de Deus por Sião é descrita.

<sup>84</sup> Cf. Idem, *op cit.*, p. 214.

<sup>85</sup> Cf. WESTERMANN, C. *Isaia, op. cit.*, p. 265-266.

<sup>86</sup> Cf. CHEVALIER, J. / GHEERBRANT, A. In: *Dicionário de Símbolos, op. cit.*, p. 871.

<sup>87</sup> STEINMANN, J. *O livro da consolação de Israel, op. cit.*, p. 182.

<sup>88</sup> Cf. RIDERBOS, J. *Isaías. Introdução e comentário, op. cit.*, p. 401.

Sião, “tatuada” nas palmas da mão de *YHWH*, é um projeto a ser construído continuamente. Será reconstruída e não será esquecida<sup>89</sup>. Com essa imagem, o Dt-Is reforça a certeza do amor de Deus por Jerusalém, nação de seus filhos e filhas que ama com amor entranhado.

Sião recebe a promessa de rápida reconstrução<sup>90</sup>. Os re-edificadores (filhos de Sião) virão e os destruidores se afastarão. Sião será reconstruída pela força do amor de *YHWH* por Jerusalém. Os seus filhos e filhas apressam-se a voltar (v. 17). Com seu retorno, sua população será tão numerosa que surgirão queixas de superpopulação, levando-a a maravilhar-se da total reversão da sua esterilidade no exílio (vv. 17-20; cf. 54,1-10)<sup>91</sup>. Assim, o que era ruína volta a ser povoado. O teólogo não poupa imagens de carinho para que o povo perceba a ação misericordiosa de Deus.

Promessa de *YHWH* (vv. 18-20). – Sião exaltada como noiva.

Os vv. 18-20 apresentam Sião exaltada como noiva diante de outros povos. É a realização da promessa de *YHWH*. O Dt-Is convoca-a a levantar o olhar a fim de ver seus maravilhosos prodígios. Esse convite, no início do v. 18, “Levanta os olhos em torno e vê”, é característico do estilo do Dt-Is. Ainda no v. 18b, referindo-se ao amor inalterável de *YHWH* por Sião, o texto faz alusão ao cortejo nupcial. *YHWH* jurou que aqueles que retornam de vários lugares (v. 12) formarão o ornamento de Israel. Esse ornamento é o que torna Sião bonita e nobre diante das outras nações<sup>92</sup>. Graças ao grande número de filhos e filhas que retornarão à pátria, Israel readquirirá a sua honra e o seu valor.

Sião terá que alargar o seu espaço para acolher todos os seus filhos e filhas (v. 20; cf. Is 54,1-3). O amor paternal de *YHWH* é celebrado aqui com a imagem da ternura materna, numa densidade inesquecível. Com esse tema são relacionados os textos sobre o amor conjugal que evocam freqüentemente a maternidade de Jerusalém (Is 49,20-21; 51,18)<sup>93</sup>. Diversamente da Babilônia, que sente a carência de filhos, Sião volta a ser fecunda e a ter seus filhos de volta, a ponto de tornar-se pequena. É convidada a voltar o olhar para a cidade

<sup>89</sup> Cf. ALONSO SCHÖKEL, L.; SICRE DIAZ, J. L. *Profetas, op. cit.*, p. 327.

<sup>90</sup> “O oráculo de salvação, promulgado no começo da obra do profeta, é magistralmente retomado. A região da Palestina será restaurada. O povo possuirá heranças, devastadas pela guerra de Nabucodonosor. Os prisioneiros serão libertados. Como um rebanho, voltará a multidão dos exilados. Serão guiados por *YHWH*, como haviam sido por ocasião do primeiro êxodo”. (Cf. STEINMANN, J. *O livro da consolação de Israel, op. cit.*, p. 182).

<sup>91</sup> Cf. KLEIN, R. W. *Israel no exílio, op. cit.*, p. 131.

<sup>92</sup> Cf. WESTERMANN, C. *Isaia, op. cit.*, pp. 266-267.

<sup>93</sup> Cf. WIÉNER, C. *O Profeta do Novo Êxodo, op. cit.*, p. 47.

sendo enfeitada, como noiva, com muitos filhos (v. 19; cf. Os 2,16-17; Ez 16,10-13; Sl 74,3). Os israelitas voltam do exílio, recuperando a honra de Israel.

*YHWH* convida Sião a manter elevado seu olhar para perceber seus filhos e filhas que estão chegando, não somente de Babilônia, mas de todas as direções do mundo (v. 12)<sup>94</sup>. O Dt-Is serve-se de uma mistura de símbolos expressivos como “mãe”, “noiva”, para descrever a força e a profundidade do amor de Deus por Sião. Como o mais rico ornamento não pode ser esquecido por uma noiva (cf. Jr 2,32; 3,16), assim, também os numerosos filhos e filhas de Sião não serão esquecidos. Realiza-se, a seu tempo, a promessa de *YHWH* (cf. Is 49,8). Jerusalém será pequena para acolher os filhos e filhas que voltam de todas as direções (v. 20).

Segunda objeção (v. 21). – Sião, mostra-se surpresa diante da ternura de Deus.

O v. 21 apresenta uma segunda objeção: Sião, estéril e sem filhos, vendo-se povoada expressa sua incredulidade diante da ternura de Deus. O lamento na primeira pessoa é feito em forma de pergunta: “Quem me deu à luz todos estes? Pois eu estava desfilhada e estéril, exilada e rejeitada” (Is 49,21). O motivo do lamento é a esterilidade, o que se encontra também em Lm 1,5. 15-16. 18. 20b; 2,12; 4,2-5. O brado levantado pelo povo foi transferido a Sião: “Eu fora deixada só. Onde, então, estavam estes” (Is 49,21)? Essa objeção assemelha-se à de Sara ao lhe ser anunciado que teria um filho (Gn 18,12); e à de Noemi, tentando convencer suas noras (Rt 1,11-13)<sup>95</sup>.

Encontra-se um acento forte na feminilidade de Jerusalém que transforma sua condição anterior, destacada no livro das Lamentações (Lm 1,5b. 20b “Na rua a espada me deixa sem filhos”). Agora, porém, torna-se uma mãe cheia de filhos. “Passando da metáfora para a realidade significada, Jerusalém voltará a ser a capital de uma grande nação e o centro de um povo numeroso e livre. Esta é a esperança”<sup>96</sup>.

Resposta de *YHWH* (vv. 22-23). – Sião é exaltada, através de comparações.

<sup>94</sup> Cf. FISCHER, J. *Das Buch Isaias, op. cit.*, pp. 110-112.

<sup>95</sup> Cf. ALONSO SCHÖKEL, L.; SICRE DIAZ, J. L. *Profetas, op. cit.*, p. 327.

<sup>96</sup> CROATTO, J. S. *Isaias, op. cit.*, p. 216-217.

A força do amor de *YHWH* traz de volta os filhos e filhas de Sião. Nos vv. 22-23, *YHWH* responde à objeção através de comparações. Na primeira comparação, v. 22 mostra os desfiles de vitória após a guerra. Diz: “Levantarei as mãos para as nações, darei um sinal aos povos e eles trarão os teus filhos nos braços, as tuas filhas serão carregadas nos ombros” (v.22; cf. Nm 11,12). Com um aceno de mão e um sinal aos povos, *YHWH* os mobiliza (Is 11,10-12) para que sejam trazidos de volta<sup>97</sup>. Quando levanta a mão contra as nações e sinaliza contra elas, é um sinal do início da batalha (cf. Jr 31,17; Sl 25,3; 69,7; Br 5,6; Is 11,10-12)<sup>98</sup>. A ação salvífica de Deus é proclamada a Sião, desesperada e desanimada. Ela pode confiar, incondicionalmente, em *YHWH*. Os que nele esperam serão exaltados. Assim, a ação de libertação, que não será esquecida pelos que foram libertados, é o prelúdio de uma nova história<sup>99</sup>.

A segunda comparação, apresentada no v. 23, mostra como se processa uma inversão do poder, reis e princesas tornam-se escravos e demonstrarão por Sião o mais profundo respeito (cf. Is 49,7). No v. 23b, a fórmula de reconhecimento de *YHWH* dirige-se a Sião, “aqueles que esperam em mim”<sup>100</sup>.

Terceira objeção (v. 24). Sião duvida perante o poder dos inimigos.

O v. 24 apresenta mais uma objeção e, desta vez, expressa a incredulidade de Sião perante o inimigo. Começam vários questionamentos: “Por acaso pode alguém arrancar ao valente a presa? Pode alguém libertar o prisioneiro do tirano?” (Is 49,24; cf. Am 3,3-4). Entrecruzam-se dois motivos literários, a presa arrebatada ao valente e o prisioneiro que escapa ao tirano, passando os termos de um similarmente ao do outro. A incredulidade manifestada por Sião refere-se aos opressores babilônicos. A libertação parece impossível; *YHWH*, porém, é mais forte que o poder babilônico e o supera. Assim, Babilônia será presa em suas mãos; enquanto a Israel é concedida a liberdade. *YHWH* disputará em lugar de Israel (cf. Is 41,11).

<sup>97</sup> A propósito Steinmann comenta que *YHWH* ergue um estandarte de reunião em Sião a fim de convocar os povos que para aí devem enviar de volta os judeus exilados. Os exilados são comparados a ovelhas que se carregam sobre os ombros. Os reis pagãos vindos em peregrinação lambeirão os pés de Jerusalém. Tal é a extraordinária reviravolta da história que exprime a dialética da salvação. (Cf. STEINMANN, J. *O livro da consolação de Israel*, op. cit., pp. 182-183).

<sup>98</sup> Cf. WESTERMANN, C. op. cit., p. 221.

<sup>99</sup> Cf. Idem, op. cit., p. 221.

<sup>100</sup> Cf. ALONSO SCHÖKEL, L.; SICRE DIAZ, J. L. *Profetas*, op. cit., p. 327.



Resposta de *YHWH* (vv. 25-26). - Confirmação da promessa de proteção e auxílio.

Os vv. 25-26 confirmam, mais uma vez, que *YHWH* protege, auxilia e salva seu povo. Ele intervirá para libertar os oprimidos. No v. 25a, em resposta à segunda objeção, *YHWH* diz: “Sim, o prisioneiro será arrancado ao valente, e a presa do tirano será libertada. Eu mesmo contenderei com aqueles que contendem contigo”. Os Salmos 74,22; 35,1; 43,1 falam desse auxílio e proteção de *YHWH* a seu povo<sup>101</sup>. O Dt-Is, freqüentemente apresenta *YHWH* com imagens militares (cf. Is 40,10; 42,13). Também no primeiro êxodo, *YHWH* foi “guerreiro” em favor de seu povo (Ex 15,3. 6).

Mais do que defensor em um processo, ele é a fonte da libertação efetiva dos deportados. A expressão do v. 25 “eu mesmo trarei a salvação aos teus filhos” afirma o poder salvador de Deus que, por sua justiça, humilhará os opressores. O Dt-Is mostra, através da cena antropomórfica (v. 26), a autodestruição dos opressores. Segundo Steinmann, *YHWH* persegue os perseguidores de Israel, condenando-os a se devorarem uns aos outros, segundo sua própria lei<sup>102</sup>. Semelhante imagem aparece em Is 9,19. Assim, apesar do império babilônico, dominador e vencedor, *YHWH* está disposto a realizar a salvação.

O v. 26b é semelhante ao v. 23b com a diferença do destinatário. No v. 23, a expressão, “saberás que eu sou *YHWH*” dirige-se a Sião. No v. 26b, a expressão, “e toda carne saberá que eu, *YHWH*, sou teu salvador” o destinatário é a humanidade. Porém, no contexto literário do Dt-Is e desse oráculo, a expressão refere-se ao poder imperial da Babilônia.

Estão expressos no v. 26 três títulos de *YHWH* contendo os dois primeiros o sufixo pessoal: “teu salvador e teu redentor, o Poderoso de Jacó”. O sufixo “teu redentor” encontra-se muitas vezes no Dt-Is (cf. Is 41,14; 43,1. 14; 44,6. 22-24; 47,4; 48,17. 20; 49,7). Os dois aspectos da divindade, “teu salvador” e “teu redentor” fazem parte do conjunto de títulos de *YHWH* que constituem a trama do texto e manifestam seu poder. Ele é o “Poderoso de Jacó”. Esse título já aparece em Gn 49,24 e no Sl 132,2. 5, também em Is 1,24 a expressão encontra-se como o “Forte de Israel”<sup>103</sup>. Deus permanece fiel a seu povo e se manifestará de novo como “o Santo de Israel”, “o Poderoso de Jacó”, “o Redentor e Salvador”.

A atitude terna e misericordiosa de *YHWH* para com os filhos e filhas de Sião, que é central no conjunto da unidade, parece contrastar com a afirmação vingativa: “Obrigarei

<sup>101</sup> Cf. Idem, *op. cit.*, p. 328.

<sup>102</sup> Cf. STEINMANN, J. *O livro da consolação de Israel*, *op. cit.*, p. 183.

<sup>103</sup> Cf. CROATTO, J. S., *op. cit.*, pp. 220-221.

teus opressores a comerem a sua própria carne” (Is 49,26). Contudo, essa situação de dureza oferece uma mensagem positiva: toda carne pode vir a conhecer o amor misericordioso de *YHWH*. A repetição da palavra “carne” realça a condição da humanidade, em contraste com o poder de Deus. O amor misericordioso de *YHWH* muda as relações de força. O poder de Deus tem força de salvação e de redenção<sup>104</sup>. Ele liberta os filhos e filhas de Sião das mãos dos fortes e poderosos e abre a possibilidade de salvação para todas as nações. “E toda carne saberá que eu, *YHWH*, sou teu salvador” (v. 26). A expressão “toda carne” engloba toda a humanidade. O anúncio da volta dos exilados para sua terra tem um tom escatológico e anuncia a vitória de Israel sobre os demais povos<sup>105</sup>.

Na perícope destacam-se, particularmente, as atitudes de misericórdia compassiva e de ternura materna, os gestos de carinho e proteção em relação aos “filhos” (os pequenos e indefesos serão carregados nos braços, vv. 22-23). A expressão “filhos e filhas” é uma expressão de peso que ocupa lugar de destaque na unidade (Is 49,15a. 17. 20a. 22b. 25b, e implicitamente no v. 21)<sup>106</sup>. Assim, confirma-se a afirmação salvadora de *YHWH*: “Aqueles que esperam em mim não serão confundidos” (v. 23). A esperança em *YHWH* é recuperada. O objetivo do Dt-Is, a recuperação da esperança do povo, é atingido (cf. Is 40,31). *YHWH* encarrega-se de conduzir a história porque, em sua misericórdia, é fiel para sempre (Is, 41,20).

#### 1.2.2.4 - A misericórdia e a compaixão em Is 49,14-26

Essa unidade retrata de modo singular o amor misericordioso e compassivo manifestado, particularmente, aos pequenos, fracos e indefesos sob o domínio opressor da Babilônia. O texto dirige-se a Sião, amada de *YHWH*, que ocupa um lugar importante na mensagem que o Dt-Is quer passar.

O foco central dessa unidade é Sião/Jerusalém. O texto faz referência a seu despovoamento, destruição e restauração. Entra em cena Jerusalém, a quem o autor já se dirigiu no início do livro do Dt-Is (cf. Is 40,1. 9). A cidade é novamente retratada como uma pessoa, como esposa a quem se dirige a mensagem expressa em figuras, denotando

<sup>104</sup> Cf. STEINMANN, J. *O livro da consolação de Israel*, op. cit., p. 183.

<sup>105</sup> Cf. NÁPOLE, G. M. “Mi Salvación por Siempre será y Mi Justicia no Caerá”. Salvación en Is. 40-55. *Revista Bíblica*, Buenos Aires, n. 50, p. 146-147, 1988.

<sup>106</sup> Cf. CROATTO, J. S. op. cit., p. 218.

proximidade, ternura amorosa e compaixão. Sião representa as pessoas dessa nação, com sua história machucada e marcada pela experiência de crise e de sofrimento no exílio babilônico, a ponto de se sentir esquecida e abandonada. A sua queixa: “*YHWH* me abandonou; o Senhor se esqueceu de mim” (Is 49,14) expressa o abatimento e o desalento do povo. A mensagem de consolação, ocupando o lugar central, está expressa na resposta eloqüente de *YHWH*, manifestando o seu amor misericordioso e compassivo por seu povo.

Sião/Jerusalém, a quem a mensagem se dirige de modo particular, tem toda uma história que o texto evoca. Jerusalém foi devastada, humilhada, abandonada por seu esposo (cf. Is 40,27). A ela é dirigida agora uma mensagem vital: *YHWH* expressa seu amor-compromisso por Sião, comparando-o ao relacionamento amoroso de uma mãe com seu filho pequeno e indefeso. Mesmo que lhe fosse possível esquecer seu filho, *YHWH* não poderia esquecer Sião; o seu amor excede e supera qualquer forma de amor humano. *YHWH* se revela como um Deus terno; um Deus pai e mãe que conserva o povo de Israel no colo como uma mãe ou um pai segura o filho sobre os joelhos. É uma relação de afeto e de amor profundo<sup>107</sup>.

Ao povo oprimido e desalentado, o Dt-Is dirige uma mensagem de reconforto, utilizando imagens de carinho e de ternura, expressando o amor de Deus. O texto contém expressões de destaque para dar força à mensagem de consolo e reconforto que o Dt-Is busca passar: “Eis que te gravei nas palmas da mão” (Is 49,16). A cidade de Sião, gravada nas mãos e no coração de Deus, em momento algum poderá ser esquecida.

O texto fala da libertação e da restauração de Jerusalém comparando-a a um cortejo nupcial (cf. v. 17-19), manifestação do amor inalterável de *YHWH*. A cidade, como mãe, verá seus filhos vindos de todas as direções para lhe servirem de ornamento. Ela será como uma noiva ornamentada. *YHWH*, com um aceno de mão, fará com que os povos tragam os seus filhos de volta (Is 49,22). Essas atitudes revelam particularmente sua atitude amorosa e terna. Ele carrega seus filhos e filhas pequenos e indefesos nos braços e manifesta-lhes a ternura de seu coração (cf. Os 11,1-11).

Todas as imagens que o texto apresenta revelam o núcleo mais íntimo de Deus: sua ternura amorosa e sua misericórdia. A mensagem central é a compaixão de Deus Pai/Mãe pelos seus filhos e filhas manifestando seu amor fiel, particularmente aos pequenos e indefesos. Seu amor de entranhas maternas revela-se nos gestos de misericórdia.

---

<sup>107</sup> Cf. GUTIÉRREZ, G. *O Deus da Vida*, op. cit., p.70.

O amor misericordioso é o núcleo vital da ação de Deus. Ele é o fio condutor de toda a História de Salvação. A misericórdia é a chave para entender a verdadeira face de Deus, a sua identidade. “Deus que ‘é amor’ (1Jo 4,8) não se pode revelar de outro modo, a não ser como misericórdia” <sup>108</sup>. A face misericordiosa paterna/materna de Deus apresentada pelo Dt-Is é a mensagem confortadora convocando o povo a fazer uma nova experiência de Deus que o reergue, regenera, consola, revigora, anima e reconforta. Essa mensagem aponta um possível caminho de retorno ao resgate da vida e da esperança dos israelitas, levando-os a sair de si para perceber o sofrimento dos outros e a ir-lhes ao encontro com atitudes e gestos de benevolência.

A mensagem proposta na unidade favorece o reencontro com o Deus da vida em meio ao sofrimento, à crise e à injustiça. É um deixar-se tocar e conduzir pela graça da misericórdia do Deus Pai/Mãe, possibilitando a criação de uma nova forma fraterna de conviver ao longo de um difícil processo, tornando-se fonte de união das tribos de Israel e “Luz das Nações” (Is 42,6; 49,6).

O passo seguinte ocupa-se com as grandes linhas da teologia dêutero-isaiana da misericórdia.

### **1.3 Grandes linhas da teologia dêutero-isaiana da misericórdia**

Este item apresentará as grandes linhas da teologia dêutero-isaiana; abordará os grandes eixos da teologia da misericórdia e compaixão, mostrando como se caracteriza e qual foi a imagem de Deus apresentada ao povo do exílio babilônico para ajudá-lo a redescobrir sua face misericordiosa e, assim, resgatar e fortalecer sua fé e sua esperança no Deus da vida.

#### **1.3.1 - Características da teologia dêutero-isaiana da misericórdia**

A teologia dêutero-isaiana da misericórdia tem uma característica própria e particular. Sua raiz é a vida de um povo (Israel) que é obra do amor criador de Deus e, desde o início da criação, foi amado com amor de ternura e de misericórdia (cf. Gn 12,1ss).

---

<sup>108</sup> JOÃO PAULO II. *Dives In Misericordia*. Petrópolis: Vozes, 1983, n. 82.

Caracteriza-se pela atitude benevolente de ir ao seu encontro para ajudá-lo a perceber a ação terna e misericordiosa da salvação de Deus a partir da sua vida e história. Mostra um Deus amigo acompanhando seu povo de perto, indo-lhe ao encontro com gestos de terna benevolência e misericórdia para trazê-lo de volta quando se distancia dele, esquece ou distorce a sua imagem.

Uma característica forte da teologia dêutero-isaiana é a de tomar iniciativa para reatar a relação do povo com Deus, apresentando-o com feições de materna misericórdia e compaixão (Is 49,15). Ao contrário daquele que se dirige a uma Babilônia impiedosa (Is 47,6), ele se compadece de Sião com ternura maternal. Sua mensagem para Jerusalém é, acima de tudo, de reconforto<sup>109</sup>. É notável o modo pelo qual o Dt-Is leva o povo a se envolver na construção teológica pela releitura da sua história de fé, com uma visão nova, despertando o gosto e a sensibilidade para perceber, nos acontecimentos da vida passada, a presença fiel de Deus.

A pedagogia que ajuda o povo a refletir à luz da fé para fazer de novo a experiência de Deus amor sempre presente é característica própria do Dêutero-Isaías (cf. Is 41,8-14). O povo, desolado pela opressão do exílio babilônico, havia esquecido o verdadeiro rosto de Deus. A experiência terna e misericordiosa do seu amor fiel ficara distante. Era necessário recuperá-la; e o Dt-Is usa todos os meios para mostrar este Deus presente numa imagem sem igual. Ele enfatiza a imagem de Deus com ternura de mãe (Is 49,15. 16); compara-a a um pastor que afaga, acaricia e carrega suas ovelhas nos ombros; as conduz, reúne e providencia tudo o que é necessário para sua vida e salvação (Is 40,11); um Deus redentor libertador (Is 41,14; 43,14). Uma imagem de Deus Pai/Mãe que cria, cuida, liberta e acompanha seus filhos(as) com fidelidade e amor gratuito. *YHWH*, o Deus fiel, à Aliança com seu povo Israel, age na história e fala através dos fatos.

A atitude de construir a sua teologia caminhando junto com o povo, fazendo a experiência nova de Deus, a partir da própria história, para fortalecer sua fé e revigorar sua esperança, é a característica que identifica o Dt-Is. Não é uma teologia pronta, mas é construída junto com o povo. De modo criativo, ele utiliza as comparações mais expressivas, tocando o coração humano para mostrar a ternura amorosa e misericordiosa de Deus. Essa imagem de ternura compassiva é passada do começo ao final dos capítulos do livro que lhe é atribuído, cujo início é uma palavra de consolação e cujo final tem esse mesmo tom de

---

<sup>109</sup> Cf. AMSLER, S. / ASURMENDI, J. e MARTIN-ACHARD, R. *Os Profetas e os Livros Proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 334.

ternura, de misericórdia e de reconforto, abrindo um novo horizonte de fé e de esperança, não somente para Israel, mas também para a humanidade de todos os tempos.

### 1.3.2 - A imagem de Deus que a teologia dêutero-isaiana apresenta

A teologia dêutero-isaiana reapresenta uma imagem de Deus, presente na vida e na história. É uma imagem original e única de *YHWH* revelando seu amor gratuito. Ela foi perturbada pelos opressores do povo de Israel, quando ele foi levado para o exílio na Babilônia. É a imagem de um Deus incomparável e de amor eterno (Is 43,10; 44,6; 54,10), um Deus criando e recriando, com amor de predileção, o seu povo Israel (Is 41,8; 43,1. 7. 15), que coloca seu poder criador a serviço do seu projeto de salvação, tirando Israel do exílio babilônico, possibilitando-lhe fazer a experiência de um novo Êxodo (Is 41,17-20; cf. Ex 17,1-7). É a imagem de um Deus com o olhar voltado para seu povo, expressando-lhe amor terno e misericordioso e comprometido com sua vida (Is 44,6; 45,13)<sup>110</sup>. Ele realiza um novo êxodo e convida os israelitas a exultar e celebrar, com alegria, as maravilhas do seu amor (cf. Is 44,23; Ex 3,7).

A imagem dêutero-isaiana de Deus caracteriza-se por seu amor universal. Ele emprega diversos sinônimos para designar a totalidade dos seres humanos: a humanidade, os filhos de Adão, toda carne, o povo, as nações, as ilhas (Is 40,6-7. 15-17; 41,8-9). São designações reveladoras de *YHWH*, o único Deus do universo. Ele convida todos a participar das alegrias da salvação (cf. Is 45,22-24; 55,3-5)<sup>111</sup>.

O Dt-Is apresenta a imagem de um Deus fiel, justo, misericordioso e de ternura amorosa. Ele mesmo fala pela boca do teólogo: “Eu mesmo sou aquele que te consola” (Is 51,12). *YHWH* mesmo abre o livro com a mensagem: “Consolai, consolai meu povo” (Is 40,1); anima, encoraja e dá força a seu povo Israel (cf. Is 40,29; 41,10). É um Deus constante e presente na caminhada: “Não temas porque estou contigo” (Is 43,5). Um Deus Pai/Mãe que ama a partir das entranhas (cf. Is 49,15; 54,7).

Outra imagem muito expressiva é a de Deus comparado ao esposo (cf. Is 54) que cuida dos filhos, carrega-os nos braços e os reúne, qual pastor faz com seu rebanho (cf. Is 40,11). Um Deus que alimenta e sacia a sede de seu povo (cf. Is 49,10), dá-lhe segurança e

<sup>110</sup> Cf. MACKENZIE, J. L. “Isaías”. In: *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984, p.454.

<sup>111</sup> Cf. *BÍBLIA* – Tradução ecumênica. Introdução ao Dêutero-Isaías. São Paulo: Edições Loyola, 1997, p. 594-95.

proteção como um pai que cuida de seus filhos (Is 43,6; 45,10-11). Como um oleiro: “aquele que te fez, que te modelou desde o ventre materno e te sustenta” (Is 44,2), *YHWH* faz e refaz seus filhos e filhas, que podem fazer a experiência de um Deus oleiro, terno e carinhoso, modelando-os (cf. Is 43,1. 7; 44,21. 24; Gn 2,7).

Imagem particularmente forte é a de um Deus fiel e justo<sup>112</sup>; fiel porque seu amor é eterno (Is 55,3). Sua imagem de justiça aparece mais como misericórdia e compaixão; Ele ama com entranhada ternura e misericórdia e cumpre as suas promessas de salvação com justiça (cf. Is 45,8. 21; 46,13; 51,5. 6.8). Essa imagem revela que sua capacidade de amar é tal que supera o pecado da humanidade até apagá-lo (Is 43,25; 44,22) e perdoá-lo, “porque é rico em perdão” (Is 55,7). A misericórdia é uma dimensão da sua justiça que liberta a humanidade oprimida e enfraquecida, regenera-a, reconforta-a e anima-a a voltar do exílio e a recomeçar, de modo novo, a sua fé no Deus da vida e da esperança.

O Dt-Is revela a imagem de um Deus próximo que conhece seus filhos e os chama pelo nome: “Eu sou *YHWH*, aquele que te chama pelo nome” (Is 45,3. 4; cf. 43,1.7), “desde o seio materno *YHWH* me chamou, desde o ventre de minha mãe pronunciou o meu nome” (Is 49,1). A imagem do Deus próximo imprime marcas que jamais se apagam: “Eis que te gravei nas palmas da mão” (Is 49,16)<sup>113</sup>. Essa é a imagem de Deus que a teologia dêutero-isaiana apresenta. Benevolente e misericordioso para com a humanidade, convidando-a a voltar-se para Ele (Is 44,22); a procurá-lo (Is 51,1); a invocá-lo (Is 55,6) e a ouvi-lo (Is 48). Um Deus que inspira confiança e encorajamento, atrai e reúne seus filhos e filhas de todos os povos da terra e os incentiva a assumir, de modo novo, a aliança de amizade com *YHWH* e com a humanidade.

## Conclusão

Percorrendo os escritos do Dt-Is para perceber os grandes eixos da sua teologia da misericórdia, pela qual resgatou a fé e a esperança de Israel, chega-se a algumas conclusões importantes para a continuidade deste trabalho. A teologia dêutero-isaiana mostra que Deus não está alheio à história de seu povo. Ele está presente e toma o lugar dos mais indefesos na luta contra os poderosos (Is 49,25). *YHWH* assegura a libertação de seu povo<sup>114</sup>. Liberta-os

<sup>112</sup> Cf. CROATTO, J. S. “*Isaías*” – A palavra profética e sua releitura hermenêutica, *op. cit.* p. 214.

<sup>113</sup> Cf. Idem, *op. cit.*, p. 215.

<sup>114</sup> Cf. Idem, *op. cit.*, p. 220.

das mãos dos poderosos que oprimem os fracos, resgatando-lhes a fé e a esperança no único Deus verdadeiro.

Em meio à opressão da Babilônia, a teologia dêutero-isaiana procura recuperar a memória do êxodo, afirmando que *YHWH*, em sua misericórdia, novamente vai libertar o seu povo. O Dt-Is usa o método da releitura que recorda os fatos da vida e da história do povo nos quais Deus está presente para ajudá-lo a fazer uma nova experiência de fé.

O tema da ternura e da misericórdia perpassa todo o livro do Dt-Is e está sublinhado de modo particular em Is 41,8-14 e 49,14-26, cuja exegese foi apresentada neste capítulo. A teologia dêutero-isaiana mostra que a justiça de Deus se realiza pela misericórdia e consiste em restaurar a relação da aliança de amizade gratuita do Deus ternura e compaixão com o seu povo. A libertação da opressão babilônica é o acontecimento histórico que possibilita a Israel fazer a experiência nova da benevolência e da justiça reveladas na sua misericórdia.

Deus não somente liberta seus filhos e filhas, mas deles cuida sempre, também nos momentos de obscuridade, indo-lhes ao encontro, com amor, para reconfortá-los (cf. Is 40,1; 52,9). Segundo a teologia dêutero-isaiana, a ação misericordiosa que liberta o povo das amarras opressoras é o verdadeiro reconforto para quem sofre, e é para esses que Deus se inclina com amor de ternura e compaixão.

Pode-se afirmar que a experiência nova de Deus, feita por Israel no exílio, está expressa na imagem de Deus Pai/Mãe agindo movido pelo amor de ternura gratuito. *YHWH* que chamou e formou Israel, seu povo, salvou-o por sua própria iniciativa livre e amorosa, e o constituiu por sua esposa, é fiel à sua obra e, por isso, o resgata e o liberta com amor de entranhada misericórdia. Essa é uma nova e gratuita ação histórica de *YHWH* identificando-o como o Deus da ternura e da misericórdia. Experiência realizada pelo povo de Israel, marcando fundamentalmente a sua história e ajudando-o a se reunir de novo, a organizar-se e a continuar a caminhada de fé em Deus com renovada esperança.

A ação salvífica de *YHWH*, em favor de Israel/Sião, realizada pela palavra profética do Dt-Is abre as portas da salvação a toda a humanidade que, pelo testemunho de Israel, se volta para ele. Deus Pai/Mãe não somente cria, mas conduz e salva a humanidade por sua iniciativa amorosa livre, gratuita e fiel. De acordo com a teologia dêutero-isaiana, Deus é ternura e compaixão, cuida de seu povo com carinho e lhe revela um amor preferencial: “Eu te desenhei na palma das mãos” (Is 49,16).

\*\*\*\*\*



Destacou-se na teologia dêutero-isaiana que o Deus de Israel age em seu favor com um coração cheio de ternura e misericórdia compassiva. Um Deus fiel que não está alheio à história de seu povo, mas se interessa pelas suas angústias, sobretudo dos mais oprimidos e deserdados. Acompanha-os, restaura-os, reconforta-os, redime-os e salva-os com amor de misericórdia e compaixão infinitas. Seu jeito de fazer teologia ajuda Israel a fazer uma nova experiência de fé no Deus da vida.

A missão profética do Dt-Is é de consolar, reconfortar Israel e reconduzir os seus filhos e filhas ao caminho de volta para seu Deus. Sua mensagem mostra um Deus misericórdia revelado como amparo, acolhida, socorro e defesa do pobre. Toda sua pregação e a oração dos salmos manifestam a tendência de Deus voltando-se com ternura materno-paternal aos necessitados, ao proclamar que o Deus de Israel: “faz justiça aos oprimidos; dá pão aos que tem fome; liberta os prisioneiros; abre os olhos aos cegos; levanta os abatidos; protege o estrangeiro; ampara o órfão e a viúva” (Sl 146,7-9).

O sofrimento causado pelo exílio babilônico foi para os israelitas, desolados, ocasião para fazer memória da presença de *YHWH*, ao longo da sua história, e reconhecer que no exílio da Babilônia havia uma situação de miséria e opressão semelhante à que viveram no Egito no início da formação de Israel. O sofrimento foi também a razão para reencontrarem o mesmo Deus libertador presente a seu povo. A memória do êxodo tornou-se para o povo de Israel força que alimentou a sua resistência e esperança em Deus misericórdia e compaixão.

Através da boca do Dt-Is o próprio Deus dirigiu uma palavra de consolação, de encorajamento, de libertação e de salvação a Israel, seu servo. A experiência exílica de Israel mostra que a sua realidade de sofrimento e de crise não matou a esperança, mas a partir dela foi possível tirar o máximo proveito para reconstruir e fortalecer a fé, no único Deus, capaz de resgatar a vida e a esperança de seu povo. *YHWH* é o Deus *Go'el*, o fiel resgatador de seu povo. Sua justiça se realiza pela misericórdia e consiste em restaurar a relação da aliança de amizade gratuita do Deus ternura e compaixão com o seu povo Israel: “E tu, Israel, meu servo” (Is 41,8), “Tu és meu servo, eu te escolhi” (Is 41,9).

A teologia dêutero-isaiana ajudou aos israelitas a compreender que nas dificuldades e incertezas da vida, quando tudo parece escuro, é preciso continuar a viver e a esperar. Suas imagens cheias de luz ajudaram a sustentá-los na busca e na esperança do retorno. A imagem de Deus apresentada pelo Dt-Is supera todo tipo de amor humano possível: Ainda que as mulheres se esquecessem de seus filhos, Deus não se esquecerá jamais (cf. Is

49,15). O amor do seu coração em relação a Israel é comparado a uma imagem impregnada na pele, impossível de ser apagado: “Eis que te gravei nas palmas da mão” (Is 49, 16).

No capítulo seguinte, apresenta-se o tema da misericórdia na teologia latino-americana, mais especificamente, desenvolvido como “o princípio misericórdia” pelo teólogo Jon Sobrino. Mostra-se como essa teologia, iniciando-se no ensinamento e na práxis de Jesus de Nazaré, retoma as grandes linhas da teologia dêutero-isaiana, estabelecendo os pobres povos crucificados da América Latina como o lugar teologal e também os principais destinatários de sua mensagem teológica, no desafio de descê-los da cruz.

## **2 - “O PRINCÍPIO MISERICÓRDIA” NA TEOLOGIA LATINO-AMERICANA**

### **Introdução**

No capítulo anterior viu-se a contextualização do Dt-Is e o seu jeito de fazer teologia para ajudar o povo do exílio babilônico a resgatar a face misericordiosa e compassiva de Deus. A teologia dêutero-isaiana mostra a presença sempre atual de Deus na vida e caminhada de seu povo, acompanhando-o ao longo da história e confortando-o na sua experiência de crise, de perda e de sofrimento. Sua atitude misericordiosa e compassiva revela um caminho de possível resgate da vida e da esperança, fazendo com que o povo releia os acontecimentos da sua vida e tenha uma nova experiência de Deus, re-descobrendo assim sua presença libertadora ao longo da história.

Neste segundo capítulo, com “o princípio misericórdia” na teologia latino-americana, usando o método de leitura hermenêutica crítica, tem-se a intenção de mostrar como a teologia da misericórdia, em contexto latino-americano, sintoniza-se com a teologia isaiana, ao mesmo tempo que se reporta ao ensinamento e à práxis de Jesus, em quem a misericórdia divina encontrou a sua máxima expressão histórica. Foi escolhido um importante teólogo latino-americano, Jon Sobrino, como referência para o estudo. O objetivo deste capítulo consiste em mostrar: a situação inumana dos povos crucificados do continente latino-americano; Jon Sobrino e o tema da misericórdia e da compaixão em seu fazer teológico; que imagem de Jesus apresenta; o lugar teológico a partir do qual define sua teologia; a pragmática de sua reflexão; os grandes eixos de sua teologia de misericórdia. Por fim, será estabelecida a relação deste capítulo com o primeiro, para verificar também os fundamentos bíblicos da teologia de Jon Sobrino, particularmente os relacionados com a teologia da misericórdia dêutero-isaiana e com a prática de Jesus.

“O princípio misericórdia” fala da urgência de misericórdia que experimentam os “povos crucificados”, ou “vítimas deste mundo”, expressões usadas por Sobrino para significar os pobres e oprimidos do Terceiro Mundo, especificamente, os da América Latina. A teologia da misericórdia busca redescobrir o rosto misericordioso de Deus que se revela a partir dessa realidade de vítimas, clamando por compaixão e misericórdia.

## **2.1 - Os pobres e a vivência da fé cristã em contexto latino-americano**

Os pobres ocupam lugar privilegiado na teologia latino-americana. Eles são, no mundo, o rosto de Deus, desfigurado pela opressão, marginalização e injustiça social que desafiam o ser humano e cristão a reagir. É uma situação clamorosa de povos crucificados que pedem por justiça e por uma vida humana mais digna. É uma interpelação ao compromisso cristão de amar com compaixão e misericórdia.

Urge confrontar-se com a realidade dos pobres na América Latina onde a injustiça afeta a maioria da população, constituindo um mundo de vítimas e de povos crucificados. Esses são os pobres visados, de modo particular, pela teologia da misericórdia de Jon Sobrino.

### **2.1.1 - Os pobres na América Latina**

No contexto latino-americano, vive-se uma situação de injustiça que afeta a imensa maioria de seu povo. Enquanto pequenas elites, detentoras do poder, do saber e do ter confiscam para si os destinos de povos inteiros, impõem seus interesses e mantêm seus privilégios com todas as armas disponíveis, instrumentalizando até o próprio cristianismo, seus símbolos sagrados e seu ideal, a serviço de sua causa egoísta, os pobres encontram-se numa situação desumana de sobrevivência, clamando dignidade, direitos fundamentais, relações igualitárias na sociedade e mecanismos de participação mais efetivos para todos. Seu clamor eleva-se até o coração de Deus (cf. *Puebla* n. 27-70)<sup>115</sup>.

---

<sup>115</sup> Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina: conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*, Puebla, 1979. Texto oficial da CNBB. Apresentação didática: J. B. Libânio. São Paulo: Loyola, 1979, n. 27-70.

A pobreza como carência de meios para produzir e reproduzir a vida com um mínimo de dignidade humana é uma das chagas mais dolorosas da história humana que afeta, atualmente, a maioria dos seres humanos da América Latina<sup>116</sup>. Os pobres sem os meios necessários para a sua sobrevivência não são produto do acaso, mas sim gerados por determinadas situações e estruturas econômicas, sociais e políticas injustas (cf. *Puebla* 30; 509; 1.160; 1.264). O pobre já nasce inserido num sistema social no qual, estrutural e historicamente, lhe foi tirada a capacidade de vestir-se, alimentar-se e desenvolver-se fisiológica, psicológica e intelectualmente<sup>117</sup>. As estirpes ameríndias e africanas não eram pobres quando formavam seu próprio contexto social, cultural e político. Empobreceram quando foram colonizadas pelo capitalismo mercantilista, industrial, imperialista e cibernético-atômico<sup>118</sup>.

Na América Latina, a maioria das pessoas vive em uma situação de pobreza. Segundo Pablo Richard, no atual contexto histórico de economia livre de mercado, os pobres são os excluídos, não contam nem como mão-de-obra nem como consumidores. São literalmente sobrantes. Segundo ele, as causas da exclusão são de nível econômico e social, mas também de gênero (mulheres), de raça ou cor (índios, afro-americanos), de geração (crianças, jovens, idosos) ou por outras razões (incapacitados, homossexuais...). Richard afirma que cada dia se torna mais profunda a fenda entre incluídos e excluídos, vinculados e desvinculados. E questiona: o que significa para a fé cristã a estatística evidenciando exclusão total que atinge 35% da humanidade e dos 80% que sofrem algum tipo de exclusão<sup>119</sup>?

Os pobres não estão sós; eles vêm sempre definidos em relação, pois não existem ricos ou pobres em si mesmos. Num sentido econômico, pobre se contrapõe a rico; num sentido político, pobre se opõe a poderoso; num sentido higiênico pobre se distingue do são; num sentido cultural o pobre é o analfabeto em oposição ao letrado. Portanto, o pobre é o necessitado do outro (ser humano ou Deus) para se soerguer, em qualquer nível<sup>120</sup>. É quem se encontra dentro de um sistema social que produz a “morte do ser humano”, reduzindo-o

<sup>116</sup> BOFF, L. *São Francisco: Ternura e vigor*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 68.

<sup>117</sup> Cf. FENGER, A. L. Pobreza. In: *Dicionário de Conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 708.

<sup>118</sup> Cf. Idem, *op. cit.*, p. 708.

<sup>119</sup> Cf. RICHARD, P. “A Igreja que opta pelos pobres e contra o sistema de globalização neoliberal”. *Convergência*. Rio de Janeiro, n. 342, p. 203-204, Maio, 2001.

<sup>120</sup> Cf. BOFF, L. *São Francisco de Assis: Ternura e vigor*, *op. cit.*, p. 70.

continuamente à condição sub-humana. Essa pobreza é forçada pelos opressores por mecanismos econômicos e sociais de exploração e de discriminação que ofendem a justiça<sup>121</sup>.

Pesa sobre os pobres latino-americanos uma violenta cultura de dominação que se sobrepõe às culturas locais obrigando-as a reestruturarem-se e, em grande parte, a dissolverem-se. “Ela, descortina a presença das potências estrangeiras em seu território, a língua, a ciência e a tecnologia, os costumes importados, os valores introduzidos e a própria forma de organização do cristianismo que é romano e ocidental”<sup>122</sup>.

Leonardo Boff crê que os pobres são, hoje, as pessoas que estão sofrendo mais do que nunca; em quase todos os países latino-americanos milhões de seres humanos estão morrendo prematuramente. “Essa é a anti-realidade que nos questiona. Ela não deve ser deixada de lado, nem espiritualizada nem ser inserida dentro de outra, de forma que perca seu caráter de escândalo que exige sua superação”<sup>123</sup>.

A pobreza gerada pela injustiça social é uma situação cruel e impiedosa que desumaniza a ricos e a pobres. Aos pobres traz toda sorte de carências, desestrutura a vida emotiva, as relações para com os outros, impede a vocação essencial do ser humano a desenvolver-se e a expandir sua capacidade para além do instinto da sobrevivência, leva-os ao ódio, à violência contra os que os mantêm na miséria. Aos ricos, desumaniza levando-os a considerar os pobres inferiores, sobranes da sociedade, peso morto da história<sup>124</sup>.

Aos pobres faltam as pré-condições materiais para uma vida humana digna. Sua vida reduz-se a uma situação de fome e de exploração, de atenção insuficiente à saúde e à moradia, de acesso difícil à educação, de baixos salários e desemprego, de lutas pelos próprios direitos e de repressão. Por outro lado, os pobres da América Latina são pobres e, ao mesmo tempo, crentes, cristãos, majoritariamente católicos. Ouviram e aceitaram a mensagem cristã, mas também foram infeccionados por formas alienantes e opressoras da religião trazida pelos colonizadores, conformando a sua religião de acordo com os padrões do cristianismo dos

---

<sup>121</sup> Cf. BOFF, L. *Do lugar do pobre*. Petrópolis, Vozes, 1984, pp. 22-23.

<sup>122</sup> BOFF, L. *Nova Evangelização*. Perspectiva dos Oprimidos. Fortaleza: Vozes, 1990, p. 63.

<sup>123</sup> Idem, *op. cit.*, p. 17.

<sup>124</sup> Boff comenta que as classes dominantes consideram os pobres desqualificados socialmente, evitam-lhes o contato físico, passam ao largo, insensíveis às suas misérias. Os governos dos países latino-americanos controlados pelas classes dominantes, brutalizadas em seus sentimentos de humanidade, desconsideram, em seus planejamentos econômicos, culturais, urbanos, sanitários, os pobres que constituem a maioria desses países. Além disso, qualquer organização e movimento de pobres são logo controlados e reprimidos com brutal violência. Tal situação gera mal estar e apavora. Os pobres pelas contínuas ameaças que sofrem, os ricos com medo da revolta dos pobres. (Cf. BOFF, L. *São Francisco: Ternura e vigor*, *op. cit.*, pp. 68-69).

senhores coloniais. Porém, quando evangelizados, desenvolvem um vigoroso potencial evangelizador, interpelando a Igreja à conversão (cf. *Puebla* 1.147; 88-89). Na sua fé, expressa-se a persistente exigência de estabelecer formas de convivência humana digna, construindo uma sociedade justa e livre (cf. *Puebla* 1.154)<sup>125</sup>.

### 2.1.2 – A Igreja latino-americana ante a realidade dos pobres

A partir do Concílio Vaticano II e, mais especificamente, das Conferências Episcopais de *Medellín* e *Puebla*, a Igreja latino-americana, dentro dessa realidade anti-evangélica, voltou-se para o mundo dos pobres, assumindo sua missão de ser solidária e porta-voz dos sem voz e sem vez. Ela sofre em sua própria carne a paixão dolorosa de seu povo e assume o compromisso profético de colocar-se a seu lado e a seu serviço. Reconhece que a situação desumana em que vivem os pobres é um desafio à sua missão, ao qual deve responder com audácia e urgência. Essa situação, desde o princípio, obrigou-a a elaborar uma reflexão teológica sobre a pobreza<sup>126</sup>. A partir da Bíblia, buscou esclarecer o significado do termo pobre. Isso ajudou-a a perceber que os pobres estão no coração de Cristo. Na interpretação de *Medellín*: “Cristo nosso Salvador, não só amou os pobres, senão que ‘sendo rico se fez pobre’, viveu na pobreza, centralizou sua missão no anúncio aos pobres de sua libertação e fundou sua Igreja como sinal desta pobreza entre os homens”<sup>127</sup>.

Um tal contexto de anti-reino e de não-vida constitui-se num desafio à missão evangelizadora da Igreja. A fidelidade a Deus e a seu projeto exige, necessariamente, fidelidade a esses pobres sofridos e oprimidos. Convoca a assumir, criativamente, em seu favor, atitudes e gestos concretos de solidariedade, de misericórdia, de luta pela implantação da justiça e da libertação. O Deus bíblico é um Deus que toma partido em favor dos pobres e dos injustamente oprimidos (cf. Lc 16,19-31), chamando de bem-aventurados os pobres, os famintos e sedentos de justiça, os perseguidos, os amaldiçoados e os mortos. Vitupera, com terríveis “ai de vós”, os ricos, os fartos, os gozadores e bajuladores (cf. Lc 6,20-26).

<sup>125</sup> Cf. FENGER, A. L. pobreza. In: *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, op. cit., p. 705.

<sup>126</sup> Cf. GUTIÉRREZ, G. *Beber em seu próprio poço*. Itinerário espiritual de um povo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 148.

<sup>127</sup> MEDELLÍN. Pobreza da Igreja. n. 6.

Num mundo contraditório e desumanizado, onde há oprimidos e opressores, Deus usa de misericórdia e ama, preferencialmente os pobres e humilhados. São esses os destinatários do seu Reino (Mt 5,3; Lc 4,18). Este fato teológico vincula o mundo dos pobres à vida e à missão evangelizadora da Igreja. Portanto, a realidade dos pobres não pode estar ausente no seu fazer teológico.

Gutiérrez, ao falar dos destinatários do Reino, diz que a preferência de Deus pelo pobre, pelo fraco, pelo doente, pelo oprimido e pelo insignificante atravessa toda a Bíblia e não pode ser entendida fora da absoluta liberdade e gratuidade do amor de Deus. Caracteriza a gratuidade do amor como uma das maiores exigências com as quais o ser humano defronta-se: “A gratuidade não é o reino do arbitrário e do supérfluo; o gratuito não se opõe nem desmerece a busca da justiça; ao contrário, dá-lhe seu verdadeiro sentido”<sup>128</sup>. Nesse sentido, em sua missão, Jesus deu preferência aos pobres, aos fracos e aos doentes. Em sua prática messiânica, o Espírito compassivo e misericordioso de Deus se apoderava de Jesus e o capacitava para fortalecer e reabilitar aqueles corpos debilitados<sup>129</sup>. A atenção preferencial de Jesus pelos sofredores respalda-se no Antigo Testamento, onde a preocupação com os pobres é uma característica do futuro Messias. Uma importante corrente profética, correspondente à pregação do Dt-Is (cf. Is 41,8-14; 51,14; 58,7), incluía os pobres e oprimidos na categoria daqueles pelos quais Deus tem um cuidado todo particular.

No cenário dos preferidos de Jesus, havia doentes e marginalizados que não conseguiam sair do círculo de sua miséria e de seu constrangimento (cf. Lc 9,37-43; 17,11-19). Esses, sabendo da sua presença, vinham animados para vê-lo, tocá-lo e suplicar-lhe a cura e a libertação (cf. Lc 7,1-10; 13,10-17; 14,1-6). Jesus, o filho de Deus, assumiu a condição humana e se solidarizava com eles. Não só foi sensível a toda dor humana, como se identificou com ela. Por isso, se aproximou dos pobres (cf. Lc 5,12-14; 7,11-17), das mulheres (Lc 7,36-49; 8,40-56; 13,10-13), das crianças (Lc 18,15-17), dos doentes (Lc 18,35-43), dos pecadores (Lc 18,13-14; 19,1-10) e de todos os excluídos e marginalizados das instituições religiosas de sua época, para fazê-los sentir-se dignos, valorizá-los, acompanhá-los e convidá-los a se erguerem de suas prostrações, e, assim, ajudá-los a sair de sua condição de fraqueza e de pecado. Apoiados, os pobres, os excluídos, os necessitados e todos os que tinham a vida ameaçada e em perigo, buscavam Jesus, porque tinha “palavra de vida eterna” (cf. Jo 6,54-63).

<sup>128</sup> Cf. GUTIÉRREZ, G. *O Deus da Vida*. São Paulo: Loyola, 1992, pp. 154-155.

<sup>129</sup> Cf. SUSIN, L. C. *Jesus Filho de Deus e Filho de Maria: ensaio de cristologia narrativa*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 57.



## 2.2 – Jon Sobrino: o teólogo e seu contexto

A realidade de “povos crucificados”, no contexto latino-americano, deveria interpelar qualquer ser humano e cristão a uma reação. O teólogo Jon Sobrino foi despertado para a realidade dos pobres pelos próprios pobres. Qual sua concepção de misericórdia e o que o moveu a colocar seu ser e fazer teológico a serviço da vida e da libertação das “vítimas deste mundo”, visando especificamente, a descê-las da cruz, e orientando-se pelo princípio do amor misericordioso?

### 2.2.1 – Jon Sobrino, teólogo da misericórdia

Jon Sobrino é de família basca, nasceu em Barcelona, Espanha, no dia 27 de dezembro de 1938; entrou na Companhia de Jesus no ano de 1956. Um ano após, outubro de 1957, foi enviado para El Salvador, tendo, posteriormente, recebido a cidadania salvadorenha. Interrompeu por duas vezes sua estada em El Salvador para dar continuidade a seus estudos de filosofia e engenharia na *St. Louis University*, nos Estados Unidos, concluídos em 1965. Seus estudos teológicos foram realizados na *Hochschule Sankt Georgen* de Frankfurt, Alemanha, onde, em 1975, doutourou-se, com um inédito estudo acerca do significado da cruz e ressurreição de Jesus Cristo nas cristologias sistemáticas de W. Pannenberg e J. Moltmann. Os temas da cruz e ressurreição do Senhor são transparentes no seu fazer teológico.

Sobrino, tendo nascido na Europa e realizado seus estudos na Alemanha e Estados Unidos, estando em contato com o mundo dos pobres de El Salvador, conheceu o mundo desenvolvido e da abundância e, também, o mundo da pobreza e da morte<sup>130</sup>. Segundo seu testemunho pessoal considera vital em sua vida de teólogo o pensar e fazer teologia a partir da realidade concreta em que vive<sup>131</sup>.

Jon Sobrino dedica-se à formação teológica na Universidade Centroamericana; é responsável pelo Centro de Pastoral Oscar Romero; é diretor da Revista Latinoamericana de

<sup>130</sup> Cf. SOBRINO, J. *O Princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 12. (A partir de agora, esta obra será referida com *OPM*, seguindo o número da página correspondente).

<sup>131</sup> Cf. SOBRINO, J. “Teología desde la realidad”. In: SUSIN, L. C. (Org.). *O mar se abriu*; Trinta anos de teologia na América Latina. São Paulo: Loyola, 2000, pp. 153-155. (A partir de agora, esta obra será referida com *TDR*, seguindo o número da página correspondente).

Teologia e do Informativo *Cartas a las Iglesias*. Vale destacar que, além de seus ofícios de docente na Universidade já referida, dedica-se a tarefas pastorais, atende a inúmeras solicitações para palestras e encontros em muitos países, dentro e fora da América Latina.

Destaca-se atualmente como um dos grandes teólogos latino-americanos juntamente com G. Gutiérrez e outros. Suas obras e artigos são publicados e traduzidos em vários idiomas. Discorre preferencialmente nas áreas de cristologia, eclesiologia e espiritualidade. De todas as suas produções teológicas, a que interessa conhecer nesta pesquisa é a obra: *O Princípio Misericórdia*. Descer da cruz os povos crucificados, Petrópolis, 1994. Além dessa obra, recorre-se a outras, de sua autoria e a seus artigos publicados em vários periódicos e “verbetes” em dicionários.

O período fundamental de sua formação compreende o contexto pré-conciliar, o imediato à conclusão do Concílio Vaticano II e sua aplicação, e a realização da II Conferência do Conselho Episcopal Latino-americano, em *Medellín*, Colômbia, 1968. Sobrino respirava, nos albores de sua vida de presbítero, um clima teológico-ecclesial de grande fecundidade. Resultou daí a redescoberta e a necessidade de uma reflexão cristológica e teológica latino-americana. Na sua compreensão, “em *Medellín*, a Igreja encontrou sua identidade e relevância num continente fiel e crucificado”<sup>132</sup>.

A partir daí, foi forjando sua linha de pensar e seu fazer teológico, no confronto com a situação de injustiça e de opressão de El Salvador e da América Latina<sup>133</sup>. Ele se encontra dentro do contexto real da Igreja latino-americana que se abre pouco a pouco à causa privilegiada do evangelho de Jesus Cristo: os pobres. Acredita que a situação histórica real de El Salvador e a de toda a América Latina abriu o horizonte do seu pensar e fazer teológicos.

A situação crucial de miséria, pobreza e opressão dos povos latino-americanos oferece um novo horizonte para compreender Jesus Cristo e seu Evangelho. Isso o ajudou a, sem ignorar o *intellectus fidei*<sup>134</sup>, passar a preocupar-se, preferencialmente, com a teologia da libertação como *intellectus amoris*<sup>135</sup>. Para ele, tornou-se urgente fazer uma teologia, teórico-prática, que se preocupa em “descer da cruz os povos crucificados”, *intellectus justitiae*,

<sup>132</sup> SOBRINO, J. “El Vaticano II visto desde América Latina”, *Selecciones de Teología*, Madrid. N.98, pp. 140-144, abril/junio 1986.

<sup>133</sup> Cf. SOBRINO, J. *Jesus Cristo, o Libertador*. I – A História de Jesus de Nazaré. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 21. (A partir de agora, esta obra será referida com *JCL*, seguindo o número da página correspondente).

<sup>134</sup> *OPM* 72.

<sup>135</sup> *OPM* 65-66.

*intellectus liberationis*<sup>136</sup>. Está convencido de que essa teologia que procura “descer da cruz os povos crucificados” é também *intellectus gratiae*<sup>137</sup>.

Na compreensão teológica de Sobrino, conceber a teologia como *intellectus amoris* é, segundo a linguagem paulina, colocar a inteligência da fé a serviço do amor-caridade (cf. Gl 5,6). É também, como *intellectus misericordiae*, uma resposta ou reação ante o mundo sofredor. Sobrino pretende contribuir com uma prática teológica, biblicamente fundamentada no agir misericordioso, colocando-se a serviço da libertação dos povos oprimidos. É uma teologia que se inicia ante o mundo sofredor e se pergunta como deve ser seu *logos* para erradicar esse sofrimento<sup>138</sup>.

A atitude teológica de Jon Sobrino é, portanto, perpassada de amor misericordioso e sua obra, *O Princípio Misericórdia*, mostra que seu fazer teológico não se orienta somente pela inteligência da fé, mas também pela inteligência da misericórdia, da justiça e do amor. Em outras palavras, orienta-se pelo “Princípio Misericórdia” e preocupa-se em descer da cruz os povos crucificados.

### 2.2.2 – A situação dos pobres da América Latina na visão de Jon Sobrino

Os pobres vivem numa situação desumana e desumanizante, geradora de milhões de pobres e vítimas. E não é uma simples realidade social de injustiças estruturais, mas uma verdadeira situação coletiva de pecado, contrária ao desígnio histórico de Deus<sup>139</sup>. São milhões de vítimas que, pelo fato de existirem, interpelam a todos pedindo apenas uma coisa: serem vistos e reconhecidos como seres humanos<sup>140</sup>.

Jesus, em sua vida e missão, mostra que os pobres, os fracos, os marginalizados e os necessitados são as últimas criaturas da história, mas ocupam um lugar preferencial no Reino de Deus. Essa compreensão evangélica de pobreza justifica a teologia da misericórdia de Jon Sobrino. Referindo-se aos pobres da América Latina, toma como ponto de partida o

---

<sup>136</sup> OPM 71-76.

<sup>137</sup> OPM 80.

<sup>138</sup> OPM 66-68.

<sup>139</sup> Cf. SOBRINO, J. “A Injusta e Violenta Pobreza na América Latina”. *Concilium*. Petrópolis, Vozes. n. 215, p. 60, 1988.

<sup>140</sup> Cf. SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*. – II – Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 13-14. (A partir de agora, esta obra será referida com *FJC*, seguindo o número da página correspondente).

Evangelho. Refere-se a Mt 11,5, dizendo serem os pobres os primeiros destinatários da mensagem do Reino de Deus e seus herdeiros (cf. também Mt 5,3-12)<sup>141</sup>. O Evangelista Lucas também mostra isso (cf. Lc 6,20).

Para Jesus, de acordo com Sobrino, “pobres são os que estão embaixo na história e os que são oprimidos pela sociedade e segregados dela; não são, portanto, todos os seres humanos, mas os que estão embaixo”<sup>142</sup>. Este estar embaixo significa ser oprimido e esmagado. A pobreza econômica e também a indignidade moral expressam esse estar embaixo<sup>143</sup>. São os marginalizados e excluídos por estruturas econômicas, políticas e sociais injustas que tornam difícil o acesso ao fundamental para a sobrevivência. São pessoas de quem a morte prematura é provocada por um sistema injusto. Mortes diretas causadas pela violência, pela repressão e pelas guerras, quando os pobres lutam pelo seu direito de viver. São privados de tudo o que lhes possibilita uma vida digna, vítimas da morte provocada pelo anti-Reino. Vítimas da cruz que lhes foi imposta pelos diversos impérios que se apossaram da América Latina ao longo da história<sup>144</sup>. São a realidade encoberta da América Latina, realidade que precisa ser descoberta e assumida com amor misericordioso<sup>145</sup>.

Sobrino sugere que se faça uma leitura, em forma de meditação, dos cantos do Servo de *YHWH*. Ela ajudará a ver o que os textos dizem sobre o Servo e a comparar a condição normal do povo crucificado com a do Servo sofredor do qual o cântico diz: “Homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento” (Is 53,3). O sofrimento dos pobres aumenta quando, como o Servo, buscam “instaurar a justiça e o direito”. Cai sobre eles, então, a mais dura repressão e a morte de modo que seus rostos se tornam desfigurados e sem atrativo. São rostos que se parecem ainda mais com o Servo sofredor pela “feiúra da pobreza cotidiana a que se acrescenta a do sangue desfigurante, o espanto das torturas, das mutilações”<sup>146</sup>. Como o servo, chegam a causar nojo. Mas se escondem também estes rostos para ocultar a verdadeira realidade que não vem do nada, mas é produzida por todo um sistema opressor já importado pelos países que se apossaram da América Latina, os “espanhóis e portugueses

---

<sup>141</sup> FJC 133. (Cf. também SOBRINO, J. Relação de Jesus com os pobres e marginalizados. *Concilium*. Petrópolis, Vozes. N. 10. pp. 18-23, 1979).

<sup>142</sup> JCL 126.

<sup>143</sup> JCL 124-126.

<sup>144</sup> OPM 85-86.

<sup>145</sup> OPM 84.

<sup>146</sup> OPM 88. (Cf. também SOBRINO, J. Meditación ante el Pueblo Crucificado. *Diakonía*. n. 49, pp. 5-8, marzo 1989).

ontem, os Estados Unidos e aliados hoje, seja através de exércitos ou de sistemas econômicos, através de imposições de culturas e de visões religiosas”<sup>147</sup>.

Na sua meditação sobre o “Servo sofredor”, Sobrino considera o povo crucificado como o “desprezado pelos homens” (Is 53,3), de quem tiraram tudo, até a dignidade. Os pobres da América latina são assim explorados e desprezados. Enquanto servem ao sistema opressor são suportados, “mas quando se decidem a viver e a invocar o Deus que os defende e os liberta, então nem sequer são reconhecidos como pessoas de Deus”<sup>148</sup>. São, então, apelidados ofensivamente de todas as formas e, como se isto não bastasse, desprezados e assassinados em vida e, também, desprezados na morte quando, ao invés de se lhes dar uma sepultura, são jogados na lixeira de cemitérios clandestinos<sup>149</sup>.

Os pobres são aqueles que não pronunciam palavra, cujos nomes não são conhecidos nem se sabe quantos são. “Do servo se diz que ‘foi preso sem defesa, sem justiça’, em total impotência ante a arbitrariedade e a injustiça”<sup>150</sup>. Hoje, comenta Sobrino, ao povo crucificado não falta profeta que os defenda, pois muitos lutam por sua vida. Porém, a repressão contra sua luta é brutal. Aos profetas que lutam pela vida e dignidade dos pobres, muitas vezes, é calada a voz e muitos são mortos. Assim, os pobres continuam sendo, na continuidade da história, o Servo sofredor de *YHWH*. Esta realidade do mundo dos pobres, no entanto, é oculta, “porque, como o Servo são inocentes: ‘não houve engano em sua boca nem tinha cometido crime’”<sup>151</sup>. Os pobres, povos crucificados do Terceiro Mundo, particularmente da América Latina, reproduzem essa realidade: são povos sem rosto, privados de toda justiça, tendo seus direitos fundamentais violados, como o servo de *YHWH*, porém procuram implantar a justiça e o direito e lutam pela libertação. Em meio à situação de opressão, procuram encontrar um caminho para a libertação.

Os pobres são a chaga ou o produto do pecado da inumanidade. Sobrino é categórico ao afirmar que, “se eles não são merecedores de tal castigo, então o que injustamente lhes foi infligido é obra de nossas mãos”<sup>152</sup>. Eles mostram a realidade mais profunda da América Latina, o que ela é e o que produz. Segundo Sobrino, esta verdade precisa ser acolhida e assumida, caso

---

<sup>147</sup> OPM 85-88.

<sup>148</sup> OPM 88.

<sup>149</sup> OPM 88.

<sup>150</sup> OPM 89.

<sup>151</sup> OPM 89. (Cf. também SOBRINO, J. “A Fé de um povo oprimido no Filho de Deus”. *Concillium*. Petrópolis, Vozes, n. 173, pp. 35-39, 1982).

<sup>152</sup> OPM 89.

contrário, o pecado continuará matando os filhos e filhas de Deus. Recorre à linguagem de Ellacuría que resume essa realidade pecaminosa afirmando que os sucessivos impérios desfiguraram o continente latino-americano: “Deixaram-no como um Cristo”<sup>153</sup>.

Jon Sobrino tem uma preocupação especial com os pobres. Na apresentação de sua obra - “O Princípio Misericórdia” -, reunindo diversos artigos, fala da sua importância “porque todos versam sobre a realidade mais flagrante do nosso mundo e sobre a reação mais necessária a ela”<sup>154</sup>. Nas considerações de Inácio Ellacuría, este livro quer afirmar que o sinal dos tempos, por autonomasia, é “a existência do povo crucificado”, e a primeira exigência, para qualquer ser humano e cristão, é a de “descê-los da cruz”<sup>155</sup>.

A obra citada versa primordialmente sobre “o povo crucificado”, realidade do Terceiro Mundo e, segundo Sobrino, um sinal dos tempos diante do qual é preciso reagir, hoje como ontem, com uma atitude evangélica de misericórdia. A realidade dos pobres não pode mais ser ocultada, diante dela o mundo precisa despertar e abrir-se generosamente<sup>156</sup>. O apelo é insistente, a teologia e o mundo precisam despertar para a realidade destes pobres oprimidos e subjugados e fazer algo para que tenham uma vida humana digna.

Sobrino vê dois tipos de pobres: o mundo “de povos crucificados” ou “vítimas deste mundo” e “o mundo que é pecado”; no entanto, não se quer reconhecê-lo nem olhá-lo de frente. Este não querer olhar essa realidade ocultando-a é a principal forma de “oprimir a verdade com a injustiça”. Assim, o mundo dos pobres é o grande desconhecido. Não se quer conhecer os “povos crucificados”, pois se estão na cruz é porque alguém os pregou nela. Os pobres são, portanto, produto de mãos humanas<sup>157</sup>.

Os pobres deste mundo não interessam à grande maioria da sociedade, principalmente não interessam aos povos que vivem na abundância, aos que têm algum tipo de poder. Por isso, podem ser definidos desta forma: “Pobres são os que têm contra si todos os poderes deste mundo”. Eles têm contra si todos os poderes e, ao lado desses, um mundo de irmãos que não se preocupam com sua situação de “vítimas deste mundo”. É essa a situação de pobres de um lado, “vítimas”, e de outro, “vitimadores”. Esse mundo Sobrino chama de

---

<sup>153</sup> OPM 90.

<sup>154</sup> OPM 7.

<sup>155</sup> OPM 7.

<sup>156</sup> OPM 11-12.

<sup>157</sup> OPM 17-18.

mundo de pecado e afirma: “O Terceiro Mundo não interessa ao Primeiro Mundo; interessa-lhe, sobretudo, poder depredá-lo para sua própria abundância”<sup>158</sup>.

A realidade dos “povos crucificados”, na sua compreensão, mostra a realidade concreta do Terceiro Mundo, e a partir dela, também a verdade do Primeiro. Em sentido teologal, no povo crucificado, Deus se faz presente e, através dele, pronuncia uma palavra atual que, de acordo com o Documento de *Medellín* (DM), é uma palavra de denúncia contra a injustiça provocadora da pobreza e cujos clamores chegam até o céu (DM Justiça 1); uma palavra de promessa geradora de esperança de libertação de todas as escravidões (DM Introdução 4); uma palavra de ânimo e uma exigência a passar de situações inumanas a outras mais humanas (DM Introdução 6). Os pobres são, portanto, uma interpelação à missão teológica, sinal dos tempos e manifestação atual de Deus a que a teologia não pode ficar indiferente<sup>159</sup>.

Esses “povos crucificados” são a realidade concreta do mundo dos pobres, diante dos quais se tem uma responsabilidade histórica<sup>160</sup>. Eles são também o lugar de onde brota o fazer teológico de Sobrino e, ao mesmo tempo, os destinatários privilegiados de sua mensagem teológica. São também a realidade cruel que exige “olhos novos para ver a verdade da realidade”<sup>161</sup>; a verdade dos seres humanos; a verdade de Deus convocando a um agir misericordioso<sup>162</sup>.

A perspectiva do pobre, na teologia de Sobrino, está fundamentada numa dupla exigência: a predileção de Deus para com os fracos e pequenos deste mundo<sup>163</sup>; a situação de pobreza extrema em que vive grande parte dos seres humanos “encurvados sob o peso da vida: sobreviver é sua máxima dificuldade e a morte lenta é seu destino mais próximo”<sup>164</sup>. Ao falar dos “povos crucificados” como realidade histórica do Terceiro Mundo, menciona Ellacuría: “É bom falar de ‘Deus crucificado’, mas é tanto ou mais necessário falar de ‘povos crucificados’, com o que, ele também elevava a realidade dos povos do Terceiro Mundo à realidade teologal”<sup>165</sup>.

---

<sup>158</sup> OPM 17.

<sup>159</sup> Cf. SOBRINO, J. “Como fazer teologia. Proposta metodológica a partir da realidade salvadorenha e latino-americana”. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 55, p.287, Set./Dez 1989.

<sup>160</sup> FJC 13.

<sup>161</sup> OPM 16-19.

<sup>162</sup> OPM 19-27.

<sup>163</sup> FJC 16.

<sup>164</sup> FJC 13.

<sup>165</sup> JCL 366.

A teologia da misericórdia considera importante a abertura ao horizonte das vítimas. Sobrino crê ser possível estabelecer-se um “*Horizontverschmelzung*” (fusão de horizontes) entre a fé das vítimas e a fé de líderes e pensadores mais conscientes. Ambas as formas de fé histórica e existencial, embora distintas, podem convergir no sofrimento da opressão e na não esperança de libertação. Na solidariedade com as vítimas, apoiando-se mutuamente na fé, abrem-se os olhos das não-vítimas, a fim de aprenderem a ver as coisas de outra maneira, embora nunca totalmente. As vítimas oferecem uma luz específica para ver melhor os conteúdos da teologia: Deus, Cristo, graça, pecado, justiça, esperança, encarnação, utopia<sup>166</sup>.

Estabelece-se uma relação de reciprocidade: de um lado, a perspectiva das vítimas ajuda a entender os textos cristológicos e a conhecer melhor Jesus; de outro, Jesus conhecido desta forma, ajuda a compreender melhor as vítimas e a defendê-las. Para Sobrino, é central, hoje, insistir na relação teologal entre pobre e Deus. É esse o modo que melhor enriquece a fé cristã, pois remete à tarefa de descer da cruz os crucificados da história. Os pobres e as vítimas, como sacramentos de Deus e presença de Jesus Cristo na realidade, oferecem luz e utopia, interpretação e exigência de conversão, acolhida e perdão<sup>167</sup>.

Os pobres, “vítimas deste mundo”, desafiam o fazer teológico. É uma interpelação à conversão, a um abrir-se à realidade trágica, injusta e escandalosa das vítimas, pecado que precisa ser erradicado pela reação do amor misericordioso. Na opinião de Sobrino, optar pelos pobres é expressão de honestidade fundamental frente à realidade do mundo. Fazer opção pelos pobres é libertar para a verdade, o que requer, antes, a libertação e a conversão pessoal profunda do(a) teólogo(a). Requer também a disposição de abrir-se continuamente à verdade da cruel realidade do mundo dos pobres, o que significa dispor-se para o martírio<sup>168</sup>.

Jon Sobrino está convencido de que a verdade, o amor, a fé, o evangelho de Jesus, Deus o melhor que os crentes e os seres humanos têm, passa pelos pobres. Segundo ele, o encontro com os pobres desperta do sono da inumanidade e faz perceber a urgência da misericórdia que, por sua vez, leva a lutar por uma vida mais humana. Para Sobrino, “é possível ser humano e ser crente” na condição de lutar para mudar a mente, o coração e os

---

<sup>166</sup> FJC 18.

<sup>167</sup> FJC 19.

<sup>168</sup> Cf. SOBRINO, J. Como fazer teologia, art. cit., pp. 299-300.



olhos para ver, perceber e acolher a realidade das “vítimas deste mundo” ou “povos crucificados”, deixando-se mover pela compaixão e a misericórdia<sup>169</sup>.

Sobrino crê que os pobres o despertaram para ver o seu mundo real com um novo olhar. Olhar que o tornou testemunha de muitas coisas “o negrume da pobreza e da injustiça, de grandes e terríveis massacres, e também a luminosidade da esperança, da criatividade e generosidade sem conta dos pobres”<sup>170</sup>. Porém, antes de tudo, esse novo olhar o despertou para o descobrimento que é anterior a tudo isto “a revelação da verdade da realidade e, através dela, da verdade dos seres humanos e da verdade de Deus”<sup>171</sup>.

### 2.2.3 – Os povos crucificados impellem à ação misericordiosa

A experiência de Deus num mundo de vítimas não permite que se fique indiferente ante a dor do irmão sofredor e conclama todo ser humano a uma reação misericordiosa.

Jon sobrinho descreve como, ao longo de sua trajetória teológica, foi despertado para perceber com novos olhos a realidade dos povos crucificados em cujo meio estava sem, contudo, vê-la. Esse despertar o fez não somente ver Cristo crucificado no espantoso sofrimento dos pobres, mas o interpelou a inclinar-se como Jesus, com ternura e misericórdia ante as vítimas deste mundo. “O despertar para a realidade de um mundo oprimido e subjugado”<sup>172</sup> foi o toque da graça que mudou nele e em muitos outros o modo de ser e de fazer teologia.

Sobrino vê-se despertar para os pobres e vítimas que são produto do pecado e da opressão humana. Esse despertar repercutiu em todas as dimensões de sua vida: religiosa, eclesial, intelectual, fé e de suas dúvidas de fé. As perguntas teológicas obtiveram primazia sobre os outros despertares. É uma exigência urgente ser honesto com a realidade histórica de crueldade, repressão e mortes massivas e injustas das vítimas. Nessa realidade, o rosto de Deus revela-se de modo inesperado<sup>173</sup>. Ele crê que a realidade de pobres e vítimas é uma dimensão indispensável

---

<sup>169</sup> OPM 15.

<sup>170</sup> OPM 16.

<sup>171</sup> OPM 16.

<sup>172</sup> OPM 12.

<sup>173</sup> TDR 159-160.

para ampliar o horizonte teológico. Não levá-la em conta é limitar a perspectiva teológica. Abrir-se à realidade dos pobres é abrir-se ao Deus da vida e da esperança<sup>174</sup>.

Sobrino acredita que a cruel realidade dos povos crucificados lhe possibilitou abraçar a causa dos pobres não só como um teólogo, mas com o carisma do amor misericordioso do bom pastor. Ele afirma que o sofrimento do povo e o martírio de seus confrades salvadorenos o iluminaram e revolucionaram sua vida<sup>175</sup>. Confessa que, num primeiro momento, sua trajetória teológica e ministerial não o despertou para a verdadeira realidade do mundo dos pobres. Diz: “Ao vir a El Salvador em 1957, deparei com uma terrível pobreza, mas mesmo vendo-a com os olhos, não a via, e esta pobreza nada dizia para minha própria vida de jovem jesuíta e de ser humano”<sup>176</sup>. Não lhe ocorreu o que esta realidade dos pobres lhe poderia ensinar. No modo de pensar que lhe foi ensinado desde criança, tudo o que era importante e necessário para ser jesuíta e para mudar o mundo vinha da Europa. Testemunha: “Eu era, pois, o típico ‘missionário’, com boa vontade, e ao mesmo tempo eurocêntrico e cego para a realidade”<sup>177</sup>. Foi necessário despertar para a novidade de Deus escondida na realidade dos pobres e vítimas do Terceiro Mundo.

Sobrino está convencido de que o despertar do “sono dogmático” sacudiu e derrubou muitos de seus conceitos referentes à fé, fazendo-o re-elaborar outros. A sua imagem de Deus foi questionada. Os estudos de filosofia e teologia desafiaram-no à mudança de paradigma. Percebeu que nem tudo estava pronto e acabado<sup>178</sup>. Sentiu-se desafiado a trabalhar e a desenvolver a dimensão compassiva e misericordiosa da razão. Sem esta compreensão seria difícil fazer teologia na América Latina.

Seguido ao despertar do sono dogmático, Sobrino se vê despertado do sono da cruel inumanidade. Os seus estudos de teologia contribuíram para abrir seus olhos ao Mistério de Deus que é obscuro e luminoso ao mesmo tempo e se revela na história. A teologia e o contato com a realidade do mundo dos pobres ajudou-o a descobrir Jesus de Nazaré, “que não era o Cristo abstrato que antes tinha em mente (...)”. E verificou que “Cristo não é outro senão Jesus, e que este teve uma utopia na qual não pensara antes: o ideal do Reino de Deus”<sup>179</sup>.

---

<sup>174</sup> TDR 160.

<sup>175</sup> OPM 12.

<sup>176</sup> OPM 12.

<sup>177</sup> OPM 12-13.

<sup>178</sup> OPM 13.

<sup>179</sup> OPM 13.

O despertar do sono da inumanidade foi, portanto, “uma sacudida forte e dolorosa”. Segundo seu testemunho, “foi como se lhe arrancassem a pele pouco a pouco” <sup>180</sup>. Essa sacudida foi também um deixar-se tocar pelo Cristo real que o fez perceber sua presença na vida e na história sofrida do povo pobre e oprimido do Terceiro Mundo <sup>181</sup>. Esse despertar foi acontecendo num processo gradativo de conversão para o mundo dos pobres.

Sobrino reconhece ter adquirido, em seus estudos, muitos conhecimentos e ter aprendido muitas coisas, ter-se desprendido de muitas outras, porém, não havia mudado no fundamental: o coração. Crê que a crucial realidade do povo crucificado e o testemunho de seus confrades, que já agiam em favor do povo sofrido de El Salvador, despertaram-no para uma mudança no pensar e fazer teologia. Seus principais mestres nesta mudança foram Ignacio Ellacuría e Dom Romero. Eles o ajudaram a abrir os olhos para a realidade sofrida dos povos crucificados da América Latina e a se deixar mover pela compaixão e pela misericórdia <sup>182</sup>.

Sobrino vê, nesse despertar, um toque da graça fazendo-o perceber a problemática de Deus e da fé vivamente presentes na realidade das vítimas do Terceiro Mundo em que o rosto de Deus se revela, de maneira inesperada e surpreendente <sup>183</sup>. El Salvador abriu-lhe os olhos para um horizonte teológico maior do que o conhecido através de uma visão européia. A realidade latino-americana de povos crucificados levou-o a se questionar e a se perguntar não só pela existência de Deus, mas também pela dos ídolos. A descoberta teológica mais importante para ele foi a redescoberta da Escritura: “a relação transcendental entre Deus e os pobres” <sup>184</sup>, sempre presente na Escritura. Essa redescoberta bíblica desafiou-o a se dispor a assumir uma atitude samaritana para descer da cruz os povos crucificados.

Sobrino crê que o contato e a convivência com quem já havia feito a experiência do Cristo real presente nos povos crucificados, e o encontro com os pobres reais não só o despertaram, mas mudaram suas perguntas teológicas de modo que a pergunta fundamental passou a ser: “se somos ou não humanos e, para os crentes, se nossa fé é ou não humana” <sup>185</sup>. Segundo seu testemunho, a resposta foi: a alegria de ver a possibilidade de ser humano e ser

---

<sup>180</sup> TDR 156.

<sup>181</sup> OPM 14.

<sup>182</sup> OPM 15.

<sup>183</sup> TDR 159.

<sup>184</sup> TDR 161.

<sup>185</sup> OPM 15.

crente. Isto, porém, na condição de mudar a mente, os olhos e o coração e de deixar-se mover pela compaixão e a misericórdia<sup>186</sup>.

O despertar do sono da inumanidade foi uma sacudida no seu pensar e fazer teológico<sup>187</sup>. A mudança na compreensão do fazer teológico, e o despertar para as diversas necessidades que a realidade dos pobres apresenta desafiaram-no a aprofundar a relação entre fé e prática e a compreender a necessidade de que a teologia além de ser *intellectus fidei*, é também *intellectus misericordiae*. É um assumir prático da misericórdia divino-humana<sup>188</sup>. O despertar do sono da inumanidade para a realidade da humanidade ensinou-o a ver a Deus, desde esse mundo de vítimas, e a ver o mundo de vítimas a partir de Deus<sup>189</sup>.

O despertar dos diversos sons e a nova visão da realidade que os pobres do Terceiro Mundo lhe proporcionaram, geraram nele uma reação em favor das vítimas<sup>190</sup>. A realidade das vítimas ensinou-o a “exercitar a misericórdia e a ter nisso sentido e alegria da vida”<sup>191</sup>. O contato com essa realidade o interpelou e o impulsionou a assumir o novo desafio teológico de comunicar a fé cristã aos pobres desse mundo e de pensar a Deus também a partir deles e para eles. Desse modo, o tema da misericórdia se tornou relevante na vida e na missão teológica. Seu testemunho de vida, doada em favor dos pobres, revela a compreensão cristã e teológica, que o levou a abrir-se generosamente ao tema da misericórdia, deixando-se mover pelo “Princípio Misericórdia”, para descer da cruz os povos crucificados.

#### 2.2.4 – Princípio Misericórdia, serviço à humanidade

A situação de sofrimento dos pobres povos crucificados do Terceiro Mundo é inegável. É uma realidade ante a qual todo ser humano e toda pessoa de fé deve reagir, com misericórdia. Essa reação é uma resposta concreta em favor da vida das vítimas. É um

---

<sup>186</sup> OPM 15.

<sup>187</sup> OPM 72.

<sup>188</sup> OPM 65-66.

<sup>189</sup> OPM 28.

<sup>190</sup> OPM 26.

<sup>191</sup> OPM 28.

encarnar-se no mundo dos pobres, um abaixar-se e um aproximar-se dele, integrando-se e assumindo sua causa e seu destino<sup>192</sup>.

Sobrino, tocado e sensibilizado pela situação inumana em que vivem os pobres, insiste na compreensão da misericórdia que é necessária ante o sofrimento das vítimas. Compreende-a como um inclinar-se, tal como o gesto que aparece na parábola do bom samaritano com a qual Jesus descreve o homem verdadeiramente humano, o homem que se deixa mover pela misericórdia<sup>193</sup>. A parábola do bom samaritano expressa, de modo exemplar, o que significa amar verdadeiramente: inclinar-se ante o irmão(ã) simplesmente “movido(a) por misericórdia”<sup>194</sup>.

É deixar-se mover pela misericórdia ante as vítimas deste mundo, em defesa da obra da criação humana de Deus, que está ameaçada, defendendo-a e resgatando-a do domínio da morte. Uma reação ante o sofrimento alheio que foi interiorizado e assumido de modo concreto e gratuito pelas pessoas que se identificam com quem sofre. É a reação primeira e última do ser cristão<sup>195</sup>.

A misericórdia é a reação ou atitude prática necessária e correta de quem se deixa interpelar pela realidade do mundo das vítimas e se dispõe a descer da cruz esses povos crucificados<sup>196</sup>. Para Sobrino, essa reação “significa trabalhar pela justiça, pois esse é o nome do amor para com as maiorias injustamente oprimidas, e pôr a serviço da justiça todas as capacidades humanas”<sup>197</sup>. De acordo com as necessidades dos que se encontram no caminho, a misericórdia deve ser exercida em forma de ajuda aos necessitados, de assistência, de caridade solícita e de oposição ao anti-Reino.

É a reação que une o saber e a prática teológica. Um exercício conseqüente do amor compassivo ante o mundo de vítimas. É, também, um posicionar-se pela justiça em favor dos oprimidos e isso implica perseguição. A luta pela justiça gera vida para as vítimas, porém, em conseqüência, leva ao martírio aqueles que se empenham em promovê-la<sup>198</sup>. De acordo com Sobrino, a misericórdia é a atitude que deve ser anteposta a qualquer outra. Ele recorre ao

---

<sup>192</sup> Cf. SOBRINO, J. *Jesus na América Latina: seu significado para a fé e a cristologia*. São Paulo/Petrópolis: Loyola -Vozes, 1985, p. 235. (A partir de agora, esta obra será referida com *JAL*, seguindo o número da página correspondente).

<sup>193</sup> OPM 66.

<sup>194</sup> OPM 35.

<sup>195</sup> OPM 25-26.

<sup>196</sup> FJC 77-81.

<sup>197</sup> FJC 26.

<sup>198</sup> FJC 26.

testemunho de Dom Romero para mostrar que “pela misericórdia é preciso arriscar, não só a vida pessoal, mas também a instituição eclesial; Romero viu a rádio e a imprensa do arcebispado serem destruídas, e seus sacerdotes serem assassinados” <sup>199</sup>. O agir misericordioso é um arriscar necessário assumido em fidelidade por causa do projeto do Reino.

A misericórdia e a compaixão, na compreensão de Sobrino, são um aprendizado contínuo de ver a Deus a partir do mundo das vítimas e de aprender a ver esse mundo a partir de Deus o que dá alegria e sentido à vida<sup>200</sup>. Lembrando o que aprendera de seu irmão jesuíta, Inácio Ellacuría, Sobrino diz: “Aprendi que não há nada mais essencial para viver como ser humano do que o exercício da misericórdia diante de um povo crucificado, e que não há nada mais humano e humanizante do que a fé no Deus de Jesus” <sup>201</sup>. E na sua reflexão salienta a importância de saber agradecer por tudo isso que dá sentido à fé e à vida.

A atitude de misericórdia é um dos sinais proféticos que identificam as pessoas que, na vida, buscam seguir Jesus Cristo e trabalham pelo reino de Deus. Elas se compadecem e, a exemplo de Jesus, anunciam, corajosamente, o Reino de Deus aos pobres; detectam os sinais de morte e os denunciam<sup>202</sup>; lutam para que os povos crucificados tenham o necessário para viver com a dignidade de filhos(as) de Deus<sup>203</sup>; proclamam a verdade e denunciam o pecado mantendo-se firmes e fiéis nos conflitos, na violência e nas perseguições<sup>204</sup>; agem, com entranhas de misericórdia, sem aprisionar a verdade com a injustiça; fazem justiça buscando a paz e, ao promovê-la, baseiam-se na justiça<sup>205</sup>.

Ao apresentar a atitude cristã de misericórdia como sinal profético identificador do seguimento de Jesus Cristo, Sobrino insiste no seu verdadeiro sentido. A misericórdia não é um mero gesto de compaixão, alienado da práxis, mas deve ser entendida como re-ação diante do sofrimento alheio interiorizado, que chegou até às entranhas e ao coração, motivada unicamente por esse sofrimento. Essa re-ação expressa-se num amor específico às vítimas deste mundo, sós no seu sofrimento<sup>206</sup>. É um revestir-se do modo de ser e de agir de Jesus,

---

<sup>199</sup> *FJC* 27.

<sup>200</sup> *OPM* 28.

<sup>201</sup> *OPM* 28.

<sup>202</sup> *JCL* 266-284.

<sup>203</sup> *JCL* 366-390.

<sup>204</sup> *JCL* 288-300.

<sup>205</sup> *OPM* 27.

<sup>206</sup> *OPM* 33.

como mostra o Evangelho, partilhando da história real do povo sofrido. É seguir Jesus e dar continuidade a sua práxis. Isso significa carregar o pecado do mundo, sem ficar olhando de fora e empenhar-se efetivamente a descer da cruz os povos crucificados, tendo esperança e dando-lhes esperança, alegria e vida<sup>207</sup>.

Sobrino sublinha a importância do princípio misericórdia que orienta a ação de Deus e não apenas uma obra de misericórdia em favor do necessitado. É uma atitude misericordiosa, significando um amor específico em favor do necessitado, assumido e levado a efeito ao longo de um processo<sup>208</sup> em vista de libertação. Esse princípio misericórdia perpassa a ação amorosa de Deus em todo processo salvífico: “Vi a opressão de meu povo no Egito, ouvi suas queixas contra os opressores, conheço seus sofrimentos, por isso desci para libertá-lo” (Ex 3,7s). Deus está voltado para o seu povo com amor de misericórdia. A esse modo de ser misericordioso, denomina de re-ação diante do sofrimento alheio interiorizado, que chegou até as entranhas e ao próprio coração de Deus<sup>209</sup>. Essa atitude perpassa o agir de Deus e de Jesus ao longo da história<sup>210</sup>.

A misericórdia é também a realidade com a qual, nos evangelhos, se define Jesus. Frequentemente ele faz curas depois do pedido “Tem misericórdia!”, e age movido por compaixão pelas pessoas. Seguidas vezes, a misericórdia é descrita nas parábolas de Jesus como a do Pai que vai ao encontro do filho pródigo e, quando o vê, movido por misericórdia, reage, acolhendo-o e preparando-lhe uma festa pela alegria do seu retorno (cf. Lc 15,11-31)<sup>211</sup>.

Segundo Sobrino, com a misericórdia é descrita a identidade humana de Jesus e a ação amorosa de Deus para com seus filhos(as). Por isso, ela também é fundamental para a pessoa humana, particularmente para o cristão(ã). Agir com misericórdia é uma forma específica de amar que define o ser humano<sup>212</sup>.

De acordo com o Evangelho, segundo Jesus, sem uma atitude de misericórdia não há humanidade nem divindade. Ela é primeira e última no ser e no agir de Jesus. “Não existe nada anterior à misericórdia para motivá-la, nem existe nada mais além dela para relativizá-la

---

<sup>207</sup> OPM 31.

<sup>208</sup> OPM 32.

<sup>209</sup> OPM 33.

<sup>210</sup> OPM 34.

<sup>211</sup> OPM 34.

<sup>212</sup> OPM 35.

ou recusá-la”<sup>213</sup>. Ela se expressa em gestos de amor compassivo e solidário, promove e eleva a vida de quem sofre. De acordo com Sobrino, “quem vive segundo o princípio misericórdia realiza o mais profundo do ser humano, tornando-se semelhante a Jesus”<sup>214</sup>, e segundo o Evangelho, o exercício da misericórdia produz gozo, alegria e felicidade (cf. Mt 5,7).

A misericórdia não é a única coisa que Jesus exercita, mas é o que está na origem de todas as coisas e configura toda sua vida, missão e seu destino. Isso é confirmado nas ações de Jesus onde o sofrimento da maioria dos pobres, dos fracos, dos marginalizados, dos excluídos e privados de dignidade sempre aparece, e diante deles se lhe comovem as entranhas. “E são essas entranhas comovidas que configuram tudo o que ele é: seu saber, seu esperar, seu agir e seu celebrar”<sup>215</sup>.

A esperança de Jesus é a dos pobres que não têm esperança. A esses ele anuncia o Reino de Deus. Sua prática é a favor dos pequenos, dos pobres e oprimidos e sua luta constante é para erradicar o sofrimento injusto. Sobrino crê que o princípio misericórdia atinge todas as dimensões do ser humano: a do conhecimento, da esperança, da celebração e da práxis. Todas elas podem e devem ser configuradas e guiadas pelo “princípio da misericórdia”<sup>216</sup>.

### **2.3 – “O Princípio Misericórdia”: uma teologia situada**

Há no mundo muitas e diferentes realidades e situações às quais a Boa Notícia do Reino deve ser testemunhada e anunciada. No contexto latino-americano, apresenta-se um lugar particular e concreto a ser contemplado na missão evangelizadora: são “as vítimas deste mundo” ou “os povos crucificados”, clamando por compaixão e misericórdia. Ante essa situação de morte e anti-Reino “O Princípio Misericórdia” é uma proposta concreta de fazer teologia.

Baseado no Evangelho e tendo presente essa situação real, Jon Sobrino preocupa-se em apresentar um Deus compassivo e misericordioso caminhando com o povo e agindo em favor de sua libertação. Essa situação concreta de sofrimento e de morte constitui o lugar teológico a partir do qual Sobrino procura desenvolver sua teologia.

---

<sup>213</sup> OPM 35.

<sup>214</sup> OPM 37.

<sup>215</sup> OPM 37.

<sup>216</sup> OPM 38.



É uma teologia situada no contexto histórico do continente latino-americano, marcado pela pobreza causada pela injustiça e pela opressão dos poderosos e dominadores deste mundo. Essa situação concreta e definida, de “vítimas deste mundo”, exige uma resposta teologal também definida. Na compreensão de Sobrino, “o Princípio Misericórdia” é uma resposta adequada a essa realidade que, por si, clama por misericórdia e compaixão<sup>217</sup>. A partir de que lugar se define a teologia da misericórdia?

### 2.3.1 – O Princípio Misericórdia e seu lugar teológico

Uma determinada realidade histórica, na qual se crê que Deus e Cristo continuam presentes, constitui-se, por isso, o lugar teologal. Assim, na América Latina, a teologia define como realidade substancial os pobres deste mundo. Citando Ellacuría, Sobrino sublinha: “os pobres ‘constituem a máxima e escandalosa presença profética e apocalíptica do Deus cristão’”<sup>218</sup>. Todo pensamento está situado em um lugar e nasce de um interesse ou de uma provocação determinada e tem um ponto de partida e de chegada<sup>219</sup>.

O seu fazer teológico tem uma perspectiva parcial concreta e interessada: “as vítimas deste mundo” ou “os povos crucificados”<sup>220</sup>. No entender de Sobrino, essas expressões são sinônimos da palavra “pobre”, mas querem resgatar a dramaticidade atual do mundo dos pobres e a responsabilidade histórica diante dela<sup>221</sup>. A teologia sobriniana acentua a necessidade urgente de misericórdia que esses povos crucificados experimentam.

O mundo dos pobres, como lugar social e teologal, é decisivo para a fé<sup>222</sup>. É um ver como está a criação de Deus na realidade histórica e social da América Latina, caracterizada pela pobreza injusta, cruel e massiva. Para Sobrino, a chamada opção pelos

---

<sup>217</sup> OPM 11-16.

<sup>218</sup> JCL 50.

<sup>219</sup> FJC 13.

<sup>220</sup> FJC 366.

<sup>221</sup> FJC 13.

<sup>222</sup> A propósito comenta Hammes: “A opção pelos pobres está para um novo critério de pertinência e relevância da *Ekklesia*: os destinatários são enfocados formalmente não pela sua consciência em relação a Deus, mas pela comoção de Deus para com eles, ou em termos antropomórficos, pela consciência que Deus tem deles. A *Ekklesia* se convoca para atualizar a dedicação aos seres humanos segundo o coração do Pai” (HAMMES, É. J. *Filii in Filio*. A divindade de Jesus como Evangelho da filiação no seguimento. Um estudo em Jon Sobrino. Tese. Facultate Theologiae Pontificiae Universitatis Gregorianae, Roma: 1995, p. 372).

pobres é uma opção totalizante por ver a totalidade, conscientemente, a partir de uma parte, porque a luz dos pobres favorece uma visão e inserção melhor na totalidade de Cristo<sup>223</sup>.

A partir dessa nova compreensão, os pobres e as vítimas são introduzidos no âmbito teologal. As vítimas exigem conversão, acolhida e perdão, e transformam-se em sacramento de Deus e presença viva de Jesus no mundo<sup>224</sup>. Sobrino estabelece uma relação teologal entre as vítimas deste mundo e Deus, enriquecendo a fé cristã, pois remete a descer da cruz os crucificados da história<sup>225</sup>.

A realidade dos pobres constitui-se, portanto, lugar teologal por excelência. A Galiléia é o lugar da vida histórica de Jesus, o lugar do pobre e do pequeno. A Galiléia de todos os tempos e contextos históricos é o lugar de seguir e manter Jesus presente na história: o Jesus histórico de Nazaré, o homem misericordioso e fiel até o final na cruz, o sacramento perene de um Deus libertador agindo nesse mundo<sup>226</sup>, produzindo salvação na história, por amor, como uma grande oferta de humanização.

A realidade, enquanto lugar teologal, comporta uma situação de povos crucificados. Há uma elevada parcela de seres humanos que nada valem para os detentores do poder. Para esses, torna-se difícil sobreviver. A injustiça que produz a pobreza é encoberta e esquecida, a dimensão ética pervertida, a mentira e a corrupção são institucionalizadas. Segundo Sobrino, “a pobreza, por fim, é a forma de violência mais duradoura e também a violência cometida com maior impunidade. (...) A que tribunal se podem pedir contas dos 35 ou 40 milhões de criaturas humanas que anualmente morrem de fome ou de doenças relacionadas com a fome?”<sup>227</sup>.

As vítimas deste mundo são o lugar de onde brota a teologia sobriniana e, ao mesmo tempo, os seus destinatários privilegiados. São o sinal dos tempos, a realidade cruel diante da qual é necessário ter “olhos novos para ver a verdade da realidade”<sup>228</sup>. É uma realidade necessitada de compaixão, justiça e misericórdia por situar-se num contexto de pobreza, opressão e de morte.

---

<sup>223</sup> JCL 52-58.

<sup>224</sup> FJC 19.

<sup>225</sup> FJC 19.

<sup>226</sup> JCL 392.

<sup>227</sup> FJC 13.

<sup>228</sup> OPM 16-19.

Para a teologia latino-americana, o “lugar teológico” é algo real, “uma determinada realidade histórica em que se crê que Deus e Cristo continuam presentes e na qual é possível ler mais adequadamente os textos do passado” <sup>229</sup>. Assim, o “lugar” da teologia não é um *ubi* categorial, um lugar concreto geográfico-espacial. Por “lugar” teológico se entende aqui um *quid*, uma realidade substancial na qual a teologia se deixa questionar e iluminar<sup>230</sup>.

Sobrino define o lugar substancial como o lugar de onde se faz teologia, isto é, a partir do horizonte do(a) teólogo(a), tendo presente os seus pressupostos, os seus interlocutores, a quem interessa a sua teologia e sob que perspectiva as pessoas interessam a ela. Esse é o lugar adequado ao fazer teológico, o lugar que melhor corresponde ao que se quer fazer. De acordo com o Evangelho, Jesus se coloca do lado dos mais fracos, dos menores, dos mais abandonados: “O que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes;” (...) “Todas as vezes que o deixastes de fazer a um destes pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer”(Mt 25,40). A perspectiva deve, portanto, ser a dos pobres, pois é aí que Deus se situa. É com eles que Jesus se identifica. Eles são o “lugar” onde pode ser encontrado. É aquele que precisa ser socorrido. Nesta perspectiva, o lugar substancial da teologia da misericórdia situa-se no âmbito dos necessitados, dos pobres povos crucificados, dos fracos, daqueles que são excluídos da sociedade, dos que não tem voz e nem vez.

### 2.3.2 – A imagem de Jesus apresentada na teologia da misericórdia

Na experiência de fé de muitos cristãos, especificamente na dos pobres da América Latina, Jesus é visto e amado como aquele que ama com entranhas de misericórdia, acolhe e liberta. Uma das atitudes fundamentais sublinhada no Evangelho é a acolhida. Ele sai em busca do pecador para salvá-lo (Lc 15,4-10; Mt 18,12-14). Essa acolhida aos pecadores anuncia a vinda do Reino de Deus. É um Deus próximo da criatura humana, explica Sobrino: “O Deus que se aproxima é um Deus amoroso, com mais ternura do que uma mãe, que quer acolher a todos aqueles que pensam que não podem se aproximar dele por causa de seu pecado” <sup>231</sup>.

Jesus agia assim para ser sinal vivo da bondade do Pai, que mostra solicitude divina a quem é excluído do saber, do ter ou do poder, e em quem toma corpo o Reino de

---

<sup>229</sup> JCL 48.

<sup>230</sup> JCL 48-49.

<sup>231</sup> JCL 149.

Deus. No seu Reino, Jesus acolhia a todos. Os pobres, os doentes, os pecadores, suspeitos de trazerem desgraças e serem veículos de impurezas podiam aproximar-se de Jesus com liberdade, com mais certeza de serem contaminados pela graça regeneradora dele do que o contrário. O amor desmesurado do Filho de Deus é redentor e cria um círculo de Salvação entre o amor e o perdão: a quem se perdoa se devolve a capacidade de amar, e a quem se ama se perdoa com a mesma grandeza<sup>232</sup>.

Jesus dedicou seu amor misericordioso, preferencialmente, aos pobres, fez-se irmão, próximo e solidário com os últimos (Lc 13,10-13; 21,1-4). Convive (Lc 5,12-14), e anda com eles (Lc 6,17; 7,11), anima-os (Lc 8,4), questiona-os (Lc 17,17-18) e defende-os nos perigos (Lc 10,34). Sua atenção dirige-se à pessoa pobre que sofre, sob qualquer forma. Seu relacionamento atinge o coração sofredor do pobre como indivíduo, numa solidariedade que dignifica e humaniza.

Jesus concretiza o amor humano de Deus. A partir de Jesus, conhece-se a Deus um pouco mais de perto. Segundo Hengel, citado por Sobrino, “Jesus é o próprio Deus que vem com toda sua plenitude de amor aos seres humanos”<sup>233</sup>. Assim, em Jesus, manifesta-se o amor gratuito de Deus. Deus é bom! Este é o objeto central do ensinamento e da própria vida de Jesus. O testemunho das primeiras comunidades cristãs, ao fazer memória de Jesus, registrou: “passou fazendo o bem” (At 10,38). Jesus é o proto-sacramento do Deus bom, como aquele que passou historizando a bondade de Deus neste mundo<sup>234</sup>.

Em suas “ações e palavras” (cf. Lc 24,19), tomava corpo a proximidade de Deus; em sua práxis concreta em favor das pessoas humanas, se manifestavam os sinais da irrupção do Reino de Deus. De Jesus pode-se afirmar, segundo Palácio, que foi o homem-para-os-outros: iluminando a vida do cego; devolvendo ao parálítico a capacidade de agir, potencializando a dinâmica auditiva dos surdos; destravando a língua dos mudos; partilhando a mesa com pessoas excluídas; exultando com a prostituta que renascia mulher. Em síntese: Jesus era o “homem de Deus, marcado por um amor, gratuito, pessoal e fundante”<sup>235</sup>.

Com a missão de promover uma cultura de vida para todas as vítimas crucificadas pela dor, Jesus acolhia-as e, energizado com o amor do Espírito do Pai, ensinava e curava com

---

<sup>232</sup> Cf. SUSIN, L. C. *Jesus Filho de Deus e Filho de Maria*, op. cit., p. 67.

<sup>233</sup> FJC 262.

<sup>234</sup> JCL 212.

<sup>235</sup> PALÁCIO, C. “Amor impossível? Perspectiva cristã sobre um problema cultural”. *Convergência*. Rio de Janeiro, n. 333, p. 288, jun. 2000.

simplicidade e ternura. Acorriam a ele caravanas de perto e de longe, trazendo suas misérias, seus doentes e o desejo de ouvir algo sobre o Reino de Deus que liberta e salva. Dele, explica Susin, irradiava a energia do Espírito em força criativa e sua palavra incandescente atingia logo o entendimento e a emoção<sup>236</sup>. Todos os pobres e necessitados que se achegavam a ele para serem curados e para ouvir sua palavra ficavam e saíam fortalecidos e esperançosos.

A intenção apaixonante de Jesus era a causa do Reino. Ele queria restituir, a qualquer preço, a dignidade pisoteada, ferida e maltratada de uma multidão de irmãos e irmãs, considerados massa sobrando. Essa atitude é central na vida e missão de Jesus. Ele é movido pela misericórdia do Pai (cf. Mc 9,10; 21,31-32).

Com uma pedagogia de Mestre terno e misericordioso, Jesus acolheu, dialogou, perdoou os pecadores e os chamou a segui-lo (cf. Mt 9,9). Essa acolhida é sinal da vinda do Reino de Deus, é gratuidade e não juízo. Jesus conheceu o coração humano e exigiu a conversão existencial e concreta dos pecadores. Todos encontravam o perdão em Jesus<sup>237</sup>. São expressivas as narrativas encontradas nos Evangelhos em que Jesus aparece com os pecadores, acolhendo-os de forma incondicional: na casa de Levi, ele tomou refeição com os publicanos; sendo censurado pelos escribas e fariseus responde-lhes: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes, e foi para eles que eu vim” (Mc 2,15-17).

A imagem misericordiosa de Jesus é sublinhada, também, no seu encontro com a pecadora que ungiu os seus pés com o próprio perfume. Sendo esse gesto visto com reprovação por Simão, Jesus a defende dizendo: “Numerosos pecados lhe foram perdoados, porque ela demonstrou muito amor” (Lc 7,36-50). Jesus esperou a Samaritana no poço de Jacó, a fim de estabelecer o diálogo libertador com ela (cf. Jo 4,7-42). Assim, o perdão e a libertação chegam ao coração das criaturas humanas pela misericórdia compassiva de Deus.

Em Lc 15,1-32, encontram-se as três parábolas da misericórdia: 1) a da ovelha perdida, 2) a da dracma perdida e 3) a do filho pródigo. Jesus expressou claramente o sentimento de Deus para com o pecador: acolhida calorosa, carinhosa e cheia de ternura. Na sua relação com os pecadores, assegurava que *Deus-Abbá*, o seu Deus, é cheio de misericórdia. Em palavras de Sobrino: “É um Deus que sai ao encontro do pecador, abraça-o e organiza uma festa”<sup>238</sup>.

---

<sup>236</sup> Cf. SUSIN, L. C. *Jesus Filho de Deus e Filho de Maria*, op. cit., p. 52.

<sup>237</sup> JCL 148.

<sup>238</sup> JCL 149.

Jesus percorria todas as cidades e aldeias ensinando nas sinagogas e pregando o Evangelho do Reino, enquanto curava todas as doenças e enfermidades devolvendo a dignidade aos doentes, pobres e marginalizados. A cura dos doentes foi uma das características da sua compaixão, misericórdia e solidariedade. Ele reagiu diante da dor e do sofrimento, sobretudo dos fracos, dos pobres e da multidão dos simples que o acompanhavam.

Segundo Sobrino, o conteúdo que tem o Reino de Deus para Jesus está demonstrado em seus milagres, nas curas e na acolhida aos pecadores. Ele traz uma relação de passagens em que Jesus expressa, humanamente, seus sentimentos de compaixão e misericórdia: “Viu uma grande multidão e, tomado de compaixão, curou os seus enfermos” (Mt 14,14). Sentiu compaixão de um leproso (cf. Mc 1,41), de dois cegos (cf. Mt 20,34), dos que não tinham o que comer (cf. Mc 8,2), dos que estavam como ovelhas sem pastor (Mc 6,34), da viúva de Naim, cujo filho acabara de morrer (Lc 7,13). E em diversas narrações de milagres, Jesus cura depois do pedido: “Tem misericórdia de mim!” (Mt 20,29-30; 15,22; 17,15; Lc 17,13)<sup>239</sup>.

A característica do amor misericordioso ante o sofrimento humano é central na vida e na missão de Jesus. Movido por compaixão e misericórdia, ele se inclina ante o pobre sofredor curando-o e salvando-o. Assim, a atitude e as ações em favor do povo sofrido revelam uma imagem humana, acolhedora, compassiva, misericordiosa e libertadora de Jesus.

Imagem de Jesus muito presente na teologia sobriniana é a do “Filho amado” e “Servo”, referidos no NT, sobretudo nos sinóticos que remetem, muitas vezes, aos cantos do Servo de *YHWH* (Is 42,1ss.) para explicar a totalidade de Jesus, como Filho de Deus, sua eleição, missão, destino (cf. Mt 3,17; 12,18-21; 17,5; 21,27). Nos Atos, especialmente nos capítulos 3 e 4, aparece a imagem de Jesus Servo (cf. At 3,13. 26; 4,17. 30), definindo-o como o Servo de *YHWH*. Embora, segundo Sobrino, a imagem “Servo” tenha quase desaparecido como título – recuo a uma dimensão sofredora e aniquiladora de quem já era confessado como o Senhor Exaltado – para o Terceiro Mundo essa relação de Filho-Servo precisa ser recuperada por apresentar um “mundo de vítimas”. Nesse contexto, a imagem de Jesus Servo é a que mais se assemelha e mais fala aos corações sofredores<sup>240</sup>.

A idéia do Filho-Servo aparece de diversas formas nos contextos do NT. Sobrino destaca dois importantes: a carta aos Hebreus e a carta aos Filipenses. A carta aos Hebreus insiste em que Jesus assumiu a fragilidade da carne humana: no nível histórico, tornou-se semelhante aos

---

<sup>239</sup> JCL 140.

<sup>240</sup> FJC 274.

irmãos; em relação a Deus, “um sumo sacerdote misericordioso e fiel para expiar os pecados do povo (...) e socorrer os que são tentados” (Hb 2,17-18); no nível teológico, a carta insiste na realidade divina de Jesus, central desde o princípio: “Deus falou outrora aos Pais pelos profetas; agora (...) falou-nos por meio do Filho...” (Hb 1,1-2): Ele é o Filho exaltado.

No entanto, a relação com o Pai dá-se a partir da fraqueza da criatura: “Nos dias de sua vida terrestre, apresentou pedidos e súplicas, com veemente clamor e lágrimas àquele que o podia salvar da morte. E embora fosse Filho, aprendeu, contudo, a obediência pelo sofrimento” (Hb 5,7-8). Cristo “suportou a cruz, desprezou a vergonha” (Hb 12,2). Sobrino sublinha: “A doxa do Filho de Deus não admite ser separada da vergonha de sua cruz” (cf. Mt 3,17; 12,18-21; 17,5; 21,27)<sup>241</sup>.

O segundo texto importante que apresenta a imagem do Filho-Servo melhor elaborada no NT remete ao hino cristológico da carta aos Fl 2,6-11. Neste hino, o sujeito é Jesus, de condição divina, confessado como o Messias. Esse Jesus manifesta a dimensão divina do ser humano. Cristo não caiu na tentação teórica de comportar-se divinamente, segundo a narração em linguagem histórica nas tentações. O messianismo de Jesus despoja-se de sua possível condição *extraordinária* e se *abaixa*. E Sobrino acrescenta: “Em comparação conosco, Jesus não é *à imagem de Deus*, mas *a imagem de Deus*”<sup>242</sup>.

Para Sobrino, o hino cristológico de Fl enfatiza que Jesus não quer arrebatar para si o que não é seu (o que ocorreu com Adão: “Sereis deuses!” - cf. Gn 3,5), mas renuncia aquilo que é seu: ser *igual a Deus*. Ainda mais, adota outra forma e condição – a de servidor. Jesus abaixando-se e despojando-se da dimensão divina adota a condição daquilo que no ser humano há de frágil. Assim, o *abaixamento* se descreve de forma semelhante a de fazer-se *sarx* (cf. Jo 1,14), assumindo o envio na carne de pecado (cf. Rm 8,3)<sup>243</sup>. O hino enfatiza, ainda, que a decisão de Cristo de chegar a ser servidor acontece por escolha livre e consciente, aumentando, com isso, a novidade e o escândalo. É essa a marca típica da vida de Jesus e de seu percorrer o caminho até o final, até a morte, e morte de Cruz, acrescenta Paulo. Este é o Filho – Servo abaixado<sup>244</sup>.

---

<sup>241</sup> FJC 274.

<sup>242</sup> FJC 275-276.

<sup>243</sup> FJC 276.

<sup>244</sup> FJC 276.

Jesus assume a condição humana em sua fragilidade. Como *Servo* participa na condição humana do sofrimento, carrega sobre si os pecados humanos e históricos que o destroçam e deixam sem figura humana (aquele que se despojou da figura divina). Ao aceitar a afinidade com a condição humana, Jesus afina-se ainda mais radicalmente com as vítimas. Porque *abaixar-se* é chegar e estar em comunhão com *os debaixo* como presença de salvação. O Filho que Deus faz presente é o abaixado e o que fica à mercê dos seres humanos. É vítima, ele mesmo, porque vem a um mundo real, de anti-reino. E o Deus que se abaixa nesse Filho é também o Deus que se faz presente em um mundo real que fica também à sua mercê<sup>245</sup>.

Descobre-se assim, na teologia sobriniana, uma imagem de Jesus Filho e *Servo* que se deixa mover pelo amor livre e gratuito de Deus para inclinar-se e colocar-se em comunhão solidária com os filhos e filhas de Deus. Esse Homem-Jesus manifesta-se como quem tem “ar de família com Deus”<sup>246</sup> revela estar energizado pelo amor do Espírito do Pai quando acolhe, cura, perdoa e liberta as pessoas pobres e oprimidas. Por sua vida, e por suas atitudes, palavras e ensinamentos, com autoridade, concretiza a misericórdia de Deus junto aos caídos da história.

Jesus, o Filho amado e *Servo*, na missão de testemunhar a misericórdia e a compaixão de Deus, no dom-de-si, em proximidade solidária, se inclina para levantar os caídos, consolar os aflitos e salvar as vidas em necessidade. O NT ajuda na identificação de Jesus como o homem-para-os-outros porque era o homem de Deus, marcado por um amor gratuito. Nele, Deus se dá, desaparecendo na entrega, de maneira oculta e discreta, projetando-se no outro e fazendo dessa vida o próprio projeto de vida. É assim que Deus, no seu amor, se perde e se *esvazia* no ser humano (cf. Fl 2,6-11)<sup>247</sup>.

O Filho amado foi escolhido por Deus para instaurar a justiça e o direito, e para ser luz das nações e ele foi fiel ao Pai ao extremo do aniquilamento, como o *Servo* sofredor nos três cantos de Isaías. E o Filho amado do Pai identificou-se com a imensa maioria de pobres, com as vítimas: é a parcialidade de Deus. “Deus é pai de órfãos e viúvas” (Sl 68,6), toma sua defesa e os ama<sup>248</sup>.

---

<sup>245</sup> FJC 277.

<sup>246</sup> FJC 262

<sup>247</sup> Cf. PALÁCIO, C. “Amor impossível?”, art. cit., pp. 277-278.

<sup>248</sup> FJC 289-290.



Segundo Sobrino, a encarnação de Jesus não é apenas uma visita ocasional de Deus ao mundo, mas é uma inserção numa história concreta. E a encarnação alcança seu auge no evento pascal, na cruz de Cristo onde, com a morte e a ressurreição, se revela o máximo amor de Deus pela humanidade. Jesus revela, concretamente, o amor solidário e misericordioso de Deus à humanidade<sup>249</sup>.

Deus, em Jesus, constitui-se uma aproximação salvífica que se acerca por amor e como amor em direção aos pobres, necessitados de cura, de perdão, de pão e de esperança, de verdade e de justiça. Portanto, Jesus é a expressão histórica da aproximação salvadora de Deus<sup>250</sup>. Assim, a imagem de Jesus apresentada na teologia sobriniana revela, de modo especial, o amor, a bondade, a misericórdia e a ternura de Deus, visíveis e operantes em Jesus. É um novo rosto de Deus, inclinando-se e aproximando-se em atenções particulares, libertando as criaturas humanas de suas misérias, solidão e desespero. A face misericordiosa de Jesus é a mensageira da “Boa-Nova”, portadora de esperança. Sua proximidade, suas palavras e gestos de acolhimento, comunhão, cura e de perdão proclamam que Deus ama e acolhe os pobres e os oprimidos deste mundo. Em Jesus, Filho-Servo, escolheu ser-lhes presença solidária e re-confortadora. Optou pelo modo de ser pobre e de estar com eles, colocando-se a seu serviço em vista de sua libertação e salvação<sup>251</sup>.

Essa imagem de Jesus, Filho-Servo, sublinhada na teologia sobriniana, está em sintonia com aquela descrita em Lc 4,18, onde Jesus é o enviado “para evangelizar os pobres; (...) para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, e para restituir a liberdade aos oprimidos”. A preocupação de Sobrino visa, portanto, recuperar a imagem de Jesus, o enviado do Pai, que assumiu testemunhar a fidelidade do amor misericordioso e compassivo de Deus à humanidade, particularmente, aos pequenos, aos pobres e aos oprimidos<sup>252</sup>.

Sobrino apresenta Jesus como aquele que acolhe, perdoa e, mais do que isso, “sai à procura do pecador, sem esperá-lo como juiz, embora seja tão justo e benévolo quanto se queira; que mostra mais misericórdia que justiça; que oferece dignidade e futuro a quem se sentir sem possibilidades”<sup>253</sup>. Com essa imagem, especialmente sublinhada pela teologia da misericórdia procura resgatar a face misericordiosa de Deus. Um Deus de amor benevolente

---

<sup>249</sup> JCL 74.

<sup>250</sup> OPM 173-175.

<sup>251</sup> FJC 130-135.

<sup>252</sup> OPM 173.

<sup>253</sup> OPM 143.

que olha com predileção para seu povo, conforta-o, misericordiosamente, na sua experiência de sofrimento. Em Jesus, a misericórdia encontrou sua máxima expressão histórica. Ele é a imagem de Deus que perdoa, cura, humaniza e plenifica o ser humano. Desdobra-se em gestos de solicitude e de solidariedade ante o sofrimento do ser humano, comunicando-lhe benevolência e afabilidade, recuperando-lhe a esperança e o sentido de viver.

### 2.3.3 – A pragmática da reflexão teológica de Sobrino

Jon Sobrino teve uma precisa intenção teológica. Sua preocupação volta-se para a necessária aceitação da Palavra de Deus, presente no mundo dos pobres, como sinal dos tempos<sup>254</sup>. Acentua as duas dimensões que desafiam a teologia a levar a sério tanto a revelação e fé cristã, como a situação histórica, de modo que ambas se iluminem e potenciem-se mutuamente.

Partindo do pressuposto de que a teologia se baseia na revelação de Deus e sua tradição e interpretação autorizadas na Igreja, ressalta a necessidade e a importância de se levar em conta, também, a realidade histórica<sup>255</sup>.

A teologia sobriniana apresenta três características fortes e desafiantes: 1) compromisso em assumir como conteúdo da teologia a atual manifestação de Deus e a atual resposta da fé; 2) fazer teologia como reação da misericórdia frente aos povos crucificados; 3) fazer teologia com uma determinada pré-compreensão subjetiva (opção pelos pobres) e num lugar objetivo (o mundo dos pobres)<sup>256</sup>.

Em seu fazer teológico, Sobrino enfatiza a dimensão dos sinais dos tempos. Sem menosprezar a revelação de Deus, que aconteceu ao longo da história e, de forma definitiva e irrevogável, em Jesus Cristo, considera o presente histórico como lugar de manifestação de Deus. De acordo com o Concílio Vaticano II, abre-se ao apelo de perscrutar os acontecimentos, exigências e aspirações do tempo presente, buscando “conhecer e entender o mundo em que vivemos, suas esperanças, suas aspirações e sua índole freqüentemente dramática” (GS n. 4). Sobrino insiste na importância necessária e indispensável de fazer o discernimento dos sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus (cf. GS n. 11).

<sup>254</sup> Cf. SOBRINO, J. “Como fazer teologia”, art. cit., p. 285.

<sup>255</sup> Cf. Idem, art. cit., p. 285. (Cf. também La Iglesia de los pobres, concreción latinoamericana del Vaticano II. *Revista Latinoamericana de Teología*. San Salvador, n. 5, p. 132, mayo/agosto 1985).

<sup>256</sup> Cf. Idem, art. cit., p. 285.

Essa exigência conciliar feita à Igreja é uma exigência para a teologia. É um abrir-se “à possível palavra atual de Deus” <sup>257</sup>, e “fazer dela algo central e também princípio hermenêutico de compreensão de qualquer outra palavra já dada” <sup>258</sup>.

A teologia, em virtude da atual manifestação de Deus, deve estar ativamente aberta à novidade de seus conteúdos. “Trata-se de historizar e atualizar na teologia a dimensão antropológica de ser ouvinte da Palavra; tanto desde a subjetividade do ser ouvinte como desde a objetividade da Palavra de Deus” <sup>259</sup>. Estar atento à presença e à manifestação histórica sempre nova de Deus no mundo.

O teólogo insiste no discernimento que faz descobrir o sinal dos tempos desde sempre presente, na Escritura, porém não tão presente na teologia. Considera fundamental redescobrir a Escritura e captar essa realidade como Palavra de Deus configurando-se ao redor dessa Palavra<sup>260</sup>. O discernimento cristão, na compreensão de Sobrino, é a busca concreta da vontade de Deus, não somente para ser captada, mas também para ser realizada<sup>261</sup>. Discernir e optar pelo sinal dos tempos (mundo dos pobres) “não contradiz a revelação de Deus na Escritura; pelo contrário, a potencia e ajuda a encontrar eficazmente nos momentos fundantes da revelação (Êx e Lc 4,18) um sinal semelhante através do qual Deus (e seu Filho) se manifestam” <sup>262</sup>.

Sobrino está convencido de que “a resposta de fé a esse sinal dos tempos gera mais fé, mais esperança, mais caridade, mais vida cristã no Povo de Deus, na vida religiosa, na hierarquia, mais testemunho e mais martírio” <sup>263</sup>. E conclui: “A aceitação desse sinal dos tempos pela teologia é ‘razoável’ por ser coerente com o que já foi dado na revelação e por desencadear mais e melhor vida cristã” <sup>264</sup>. Em seu fazer teológico, sem excluir o passado, prioriza o presente da realidade de Deus. Insiste no confronto, contínuo e renovado com a Palavra do AT e do NT, onde se descobre Deus revelando-se sempre atual. Nessa compreensão, explica-se a razão da sua opção teológica a partir do mundo dos pobres. A teologia pode e deve fazer da realidade argumento teológico: “versar sobre a realidade

---

<sup>257</sup> Idem, art. cit., p. 286.

<sup>258</sup> Idem, art. cit., p. 286.

<sup>259</sup> Idem, art. cit., p. 287.

<sup>260</sup> Cf. Idem, art. cit., p. 288.

<sup>261</sup> JAL 193.

<sup>262</sup> SOBRINO, J. “Como fazer teologia”, art. cit., p. 289.

<sup>263</sup> Idem, art. cit., p. 289.

<sup>264</sup> Idem, art. cit., p. 289.

presente como tal, sobre a realidade vista hoje desde Deus e sobre Deus visto hoje presente na realidade”<sup>265</sup>. O argumento da realidade, na teologia latino-americana, é questão de fidelidade a Deus e a seu projeto de amor que ajuda a reler esses mesmos temas na revelação e, se isso não for levado a sério, o discurso teológico perde seu vigor e sua identidade<sup>266</sup>.

A preocupação de Sobrino está, portanto, relacionada com o agir cristão e não simplesmente com uma ética do cristianismo, baseada no “*fazer o bem*”, “*evitar o mal*”. Sua teologia quer ajudar o cristão a chegar a ser “filho no Filho” (cf. Rm 8,29), isso exige do teólogo(a) e de todo cristão(ã) um exercício de assemelhar-se a Jesus e ter nele os “olhos fixos” (cf. Hb 12,2). O discernimento cristão deve ter uma estrutura semelhante ao de Jesus, o que só se consegue no seguimento. Essa é a característica central da vida cristã e se dá na dinâmica do Espírito de Jesus para a qual Sobrino aponta. Ele procura oferecer o que chama de estrutura do discernimento de Jesus, a ser recriada ao longo da história, segundo o seu Espírito; discernimento feito a partir de uma realidade, e não por mera conceituação trinitária<sup>267</sup>.

A segunda característica acentuada por Sobrino é a de fazer teologia como reação da misericórdia frente aos povos crucificados – como *intellectus amoris*. O fato do sofrimento do povo do Terceiro Mundo proveniente da pobreza é inegável e exige, ética e historicamente, uma reação concreta de todo ser humano. A situação crucial de miséria, de pobreza e de opressão da América Latina oferecem à teologia um novo horizonte para compreender Jesus Cristo e seu Evangelho. Inserir-se nessa realidade e buscar compreendê-la leva, sem ignorar o *intellectus fidei*<sup>268</sup>, a uma preocupação preferencial com a libertação desse povo sofrido e a uma opção por um fazer teológico como *intellectus amoris*<sup>269</sup>.

Conceber a teologia como *intellectus amoris* é, segundo a linguagem paulina, colocar a inteligência da fé a serviço do amor-caridade (cf. Gl 5,6). É também, como *intellectus misericordiae*, uma resposta ou reação ao mundo sofredor. Sobrino pretende contribuir com uma prática teológica bíblicamente fundamentada que deixa mover sua inteligência pela misericórdia e pelo amor e se coloca a serviço da libertação dos povos oprimidos. Uma teologia que se inicia ante o mundo sofredor e se pergunta como deve ser seu

---

<sup>265</sup> Idem, art. cit., p. 290.

<sup>266</sup> Cf. Idem, art. cit., p. 291.

<sup>267</sup> JAL 194.

<sup>268</sup> OPM 72.

<sup>269</sup> OPM 65-66.

*logos* para erradicar esse sofrimento<sup>270</sup>. É um sair do próprio caminho (cf. Lc 10,25-37) e entrar no caminho do outro, do próximo, onde se encontra aquele(a) a quem a teologia é convocada a dizer algo, a falar do Deus da vida.

A misericórdia é o princípio e o fim do ser e do agir de Jesus. Na revelação, ela é eficaz e aparece em passagens fundamentais – para mostrar o último da realidade de Deus, de Jesus Cristo e do ser humano. O próprio Deus é descrito como quem é “movido por misericórdia” (veja-se a lógica do Êxodo e das parábolas do Filho Pródigo e do Bom Samaritano). Jesus é descrito como o homem da misericórdia e o ser humano, no sentido pleno, tipificado pelo samaritano da parábola, é alguém que atua movido por misericórdia. Portanto, a orientação da prática teológica num contexto de sofrimento como o da América Latina deve ser o princípio do amor misericordioso<sup>271</sup>. Em atitude de fidelidade criativa, trata-se de fazer-se solidário com o irmão(ã) que sofre, questionar a situação de injustiça e lutar para encontrar caminhos alternativos capazes de manter a sua fé e esperança, ameaçadas.

Uma terceira característica teologal desafiadora, da reflexão e da preocupação de Sobrino, é a de fazer a opção pelos pobres como pré-compreensão da teologia. A pré-compreensão atuante neste tipo de teologia pode ser descrita como opção pelos pobres. Esta opção pelos pobres, em si mesma, expressa algo mais totalizante, e enquanto totalizante exerce para a teologia a função de pré-compreensão. A opção pelos pobres como algo totalizante é a visão, análise e interpretação da totalidade da realidade, a partir dos pobres deste mundo, com a convicção de que a partir deles melhor se conhece, analisa e interpreta a realidade (princípio da parcialidade); a prática em favor da vida dos pobres e contra sua pobreza como resposta à maior exigência ética (princípio de descentramento); a esperança de que essa visão e essa prática ofereçam salvação, histórica e transcendental (princípio de salvação)<sup>272</sup>.

A opção pelos pobres é, segundo Sobrino, a pré-compreensão necessária para um autêntico agir teológico. Sua insistência centra-se na autocompreensão praxica do ser humano, na necessidade do fazer, não só uma abertura ao seu sentido teológico. Essa pré-compreensão é necessária não só para compreender e interpretar os textos da Escritura, mas a realidade presente; em concreto, os sinais dos tempos<sup>273</sup>. Ela se caracteriza pela opção em favor da vida, fundamental, no fazer teológico em contexto latino-americano. A opção pelos pobres “é

---

<sup>270</sup> OPM 66-68.

<sup>271</sup> Cf. SOBRINO, J. “Como fazer teologia”, art. cit., p. 295.

<sup>272</sup> Cf. Idem, art. cit., p. 297.

<sup>273</sup> Cf. Idem, art. cit., p. 298.

redescoberta na revelação mesma como a atitude fundamental de Jesus e de Deus para com este mundo: o próprio Deus vê a totalidade desse mundo a partir dos pobres”<sup>274</sup>. Sua reação primeira para com este mundo é salvar a vida dos pobres, por isso, a defende.

Sobrino afirma tal opção como necessária e importante porque reconduz a teologia “ao criatural, à verdadeira realidade do nosso mundo”<sup>275</sup>. Tal teologia expressa historicamente a conversão na própria tarefa teológica. Ela passa pelo processo de conversão para assumir a verdade do mundo dos pobres, mundo injusto e escandaloso que é pecado. Deixa-se interpelar por essa realidade cruel e desumana e assume, diante dela, o compromisso de colocar a inteligência a serviço de sua libertação. Sobrino insiste no correto uso da inteligência no anúncio da verdade, lembrando Paulo: “A cólera de Deus se revelou contra os que aprisionam a verdade com a impiedade e a injustiça” (Rm 1,18). E continua: “A primeira atitude que se exige da inteligência é a de ser honesta com a realidade”<sup>276</sup>.

Fazer opção pelos pobres é, portanto, libertar-se para a verdade e isso exige do(a) teólogo(a) a conversão. Converter-se para a realidade das vítimas deste mundo. Sobrino é enfático ao afirmar que se a morte de dezenas de milhões de pobres, cada ano, não questiona a inteligência teológica, pode-se duvidar de sua honestidade ao estabelecer a verdade fundamental. Se, no entanto, aceita esse questionamento que a leva à mudança na compreensão do que é fazer teologia, então, está a caminho da conversão. É provado, também, que há conversão no processo teológico se uma teologia é atacada pelos poderes deste mundo<sup>277</sup>.

Toda sua reflexão teológica aponta para o desafio de comunicar a fé cristã aos pobres desse mundo, levando a sério a necessidade de pensar Deus, também, a partir deles e, sobretudo para eles<sup>278</sup>. Isso significa despertar para o Cristo real, presente e crucificado, nas vítimas deste mundo, abrir-se a essa realidade e dispor-se a libertá-la, assumindo um compromisso concreto para descê-las da cruz. Para isso, é necessário conhecer Jesus de Nazaré e segui-lo em sua prática buscando concretizar o ideal do Reino de Deus<sup>279</sup>. O mundo dos pobres continua interpelando a teologia a despertar para a realidade das vítimas, a que ela deve estar atenta e reagir com misericórdia. Sobrino considera que “a misericórdia não é

---

<sup>274</sup> Idem, art. cit., p. 298.

<sup>275</sup> Idem, art. cit., p. 299.

<sup>276</sup> Idem, art. cit., p. 299.

<sup>277</sup> Cf. Idem, art. cit., pp. 299-300.

<sup>278</sup> Cf. Idem, art. cit., p. 302.

<sup>279</sup> OPM 13.

suficiente, mas é absolutamente necessária num mundo que faz todo o possível para ocultar o sofrimento e evitar que o humano seja definido a partir da reação a esse sofrimento”<sup>280</sup>.

#### 2.3.4 – Os grandes eixos da teologia do princípio misericórdia

A teologia do princípio misericórdia, sem desprezar os textos resultantes do passado nos quais está contida a revelação, abre-se ao desafio de perceber a presença atual e histórica de Cristo ao “fazer teologia com sentido de realidade”<sup>281</sup>. Sobrino sublinha a importância de assumir o mundo dos pobres como lugar teológico. A pré-compreensão do mundo dos pobres como lugar objetivo do fazer teológico possibilita a captação teológica dos sinais dos tempos e a ver neles a presença histórica de Deus e de Jesus Cristo. O mundo dos pobres é lugar teológico da teologia e essa deve deixar-se afetar profundamente por sua realidade. Seus sofrimentos e sua esperança têm que configurar o vigor salvífico de toda a teologia cristã. É compromisso teológico entrar no mundo dos pobres e trazê-los para dentro da teologia<sup>282</sup>, descobrindo e vivendo sua identidade. A perspectiva das vítimas deste mundo oferece luz para uma melhor compreensão do conteúdo teológico, tornando-o mais próximo e existencial<sup>283</sup>.

Para Sobrino, é necessário insistir na relação teológica entre os pobres e Deus: “Deus ama o pobre pelo simples fato de ser pobre”<sup>284</sup>. A teologia deve dar um lugar central ao pobre e à pobreza. Manter os pobres e as vítimas deste mundo em seu centro é questão de honestidade e responsabilidade para com a realidade. “Deus e seu Cristo estão presentes nos pobres e vítimas deste mundo”<sup>285</sup>, e sua presença deve ser levada a sério pela teologia.

O mundo dos pobres é, lugar primordial na teologia porque, estruturalmente, nele acontece a opção pelos pobres, se capta os sinais dos tempos, o já dado à teologia dá mais de si aos necessitados. Sobrino crê que esse é hoje o *Sitz-im-Leben* da teologia latino-americana, e conclui dizendo: “É um *Sitz-im-Leben und im Tode*, uma realidade trágica e crucificada;

---

<sup>280</sup> OPM 8.

<sup>281</sup> TDR 154.

<sup>282</sup> Cf. SOBRINO, J. “Como fazer teologia”, art. cit., p. 301.

<sup>283</sup> FJC 17.

<sup>284</sup> FJC 19.

<sup>285</sup> FJC 19.

mas uma realidade também - como a do Servo Sofredor e como a de Jesus crucificado – de luz e de vida”<sup>286</sup>.

Outro aspecto vital é o Jesus histórico e a concentração cristológica, insistindo no conhecimento e no confronto com a pessoa de Jesus de Nazaré, seu ser e sua práxis como uma proposição a ser prosseguida. Ele parte do Jesus histórico, com o objetivo de resgatar o significado revelador de sua existência como caminho para compreender a totalidade do mistério de Cristo<sup>287</sup>. Justifica esse ponto de partida por acreditar que a totalidade da fé em Deus necessita de um caminho que a ela conduz. Esse caminho, na sua compreensão, é Jesus de Nazaré.

Desde a revelação e com alcance existencial, Cristo é apresentado como caminho ao Pai e como sacramento do Pai. Uma forte corrente da tradição cristã também propõe Jesus Cristo de Nazaré como modelo a ser seguido. Ele, na sua vida e práxis, concretiza a verdade do Reino de Deus. É a boa notícia do Pai que visualiza, através de atitudes e gestos, o humano de Deus, seu amor, sua misericórdia, sua fidelidade, sua solidariedade e entrega, visando a salvação. Dessa forma, Cristo, cuja realidade não se esgota em Jesus de Nazaré, é critério positivo do que pode integrar-se na totalidade do mistério de Deus.

Sobrino insiste, “se Cristo é caminho e sacramento do Pai, Jesus de Nazaré é sacramento histórico de Cristo, e seu prosseguimento é caminho ao Pai”, e conclui “se isso é assim, a concentração jesusânica é fundamental”<sup>288</sup>. Jesus é, pois, quem salvaguarda a Cristo e a Deus. Com Jesus, o amor e a manifestação de Deus se tornam concretas na realidade. Jesus de Nazaré é Jesus Cristo, o Cristo de Deus que possibilita à humanidade o conhecimento e a experiência de Deus<sup>289</sup>.

Também é central na teologia sobriniana do princípio misericórdia a relação de Jesus de Nazaré com o Reino de Deus e a sua relação com o Pai<sup>290</sup>. Para Sobrino, não basta dizer que Jesus é Cristo, Deus e homem. É preciso dizer que Cristo é Jesus em quem Deus se manifestou e em quem a realidade última do que é ser homem apareceu. Sua preocupação é a de recuperar Jesus de Nazaré como enviado “a pregar a boa notícia aos pobres e libertar os cativos” (Lc 4,18). A partir desse acontecimento central, Sobrino revaloriza toda a vida, a

<sup>286</sup> SOBRINO, J. “Como fazer teologia”, art. cit., p. 302.

<sup>287</sup> JAL 88.

<sup>288</sup> TDR 163.

<sup>289</sup> JAL 23.

<sup>290</sup> TDR 154-162.



prática e o destino de Jesus, afirmando que o Cristo libertador é, antes de tudo, Jesus de Nazaré, o chamado “Jesus histórico”<sup>291</sup>.

A proposta teológica de Sobrino tem como ponto de partida o Jesus histórico, compreendendo sua pregação, sua práxis, suas atitudes e seu espírito, seu destino de cruz e ressurreição, na sua sistematização, a história de Jesus. Os textos evangélicos mostram que o mais histórico de Jesus de Nazaré é sua prática, ou seja, o conjunto de suas atividades visando o Reino de Deus. Sobrino crê que o Espírito modelou, deu-lhe uma direção e potencializou sua eficácia histórica. Recorre às palavras de Leonardo Boff para dar as razões da cristologia latino-americana que parte de Jesus histórico: “O Jesus histórico põe em relevo o principal da fé cristológica: o seguimento de sua vida e de sua causa. Neste seguimento de Jesus aparece a verdade de Jesus, uma verdade em primeiro lugar na medida em que capacita a transformar este mundo pecador em reino de Deus”<sup>292</sup>. Para confessar a fé em Cristo é preciso conhecer o Jesus histórico e segui-lo na caminhada. É ele que ensina a concretizar o ideal do Reino pela luta em favor da vida e contra os ídolos da morte<sup>293</sup>.

### 2.3.5 – Fundamentos bíblicos da teologia sobriniana e a sua relação com o Dt-Is, e com a práxis de Jesus

A misericórdia é característica central do amor de Deus ressaltada tanto no AT como no NT. Deus compassivo e misericordioso não se esquece da criatura humana (cf. Sl 8). Essa é a certeza que fundamenta a fé bíblica do antigo e do novo povo. A tradição bíblica sublinha a compaixão de Deus diante do clamor do povo do Egito. Fala de um Deus sensível, misericordioso e solidário aproximando-se da miséria do povo: vê, escuta, conhece e desce..., toma uma atitude concreta (cf. Ex 3,7-10). Movido por compaixão, atua com entranhas de misericórdia, realizando uma ação libertadora dentro da realidade de injustiça e opressão. Os sucessivos textos do Êxodo destacam a solicitude de Deus ao socorrer o povo e suscitar lideranças para intermediar as negociações do projeto libertador. Inspira estratégias participativas de envolvimento, organização e compromisso com o projeto de Deus. A

---

<sup>291</sup> JCL 76-78.

<sup>292</sup> JCL 79-85.

<sup>293</sup> JCL 111-112.

travessia pelo deserto constitui-se em escola de experiência e formação para amadurecer a vida em liberdade entre desafios e provações, crises de fé e reanimação na esperança.

A experiência bíblica de Deus misericórdia realizada no Êxodo se repete continuamente na história. Ela é apresentada na teologia dos livros proféticos, e, de modo particularmente singular e atraente, na teologia dêutero-isaiana, como foi mostrado no primeiro capítulo. O Dt-Is apresenta o processo libertador dos israelitas exilados na Babilônia e de modo eloquente e único o amor apaixonado de Deus pela humanidade. Desenvolve o tema da consolação e retrata as condições de vida e a experiência de fé do povo judeu empobrecido e escravizado.

A teologia dêutero-isaiana mostra que o Dt-Is fez a experiência do Deus ternura e misericórdia caminhando junto com os israelitas e, por isso, não se cansa de falar da ternura amorosa e da misericórdia deste Deus. Em seus escritos encontram-se oráculos de salvação do tipo mais emocionante e terno, diferentes dos de outras literaturas proféticas. Usa com frequência a expressão compadecer-se, o que dá um matiz afetivo a essa mensagem de salvação de *YHWH*<sup>294</sup>. Caracteriza-se pelo espírito de alegria, pela linguagem de intimidade pessoal e pela afirmação de que já ocorreu mudança do julgamento para a salvação. Sua linguagem inspira confiança, anima e encoraja os seus interlocutores na sua caminhada de fé<sup>295</sup>.

O Dt-Is mostra que Deus fez opção pelos pobres do cativeiro da Babilônia e sua mensagem se estende aos pobres de todos os tempos. Procura reuni-los e organizá-los na resistência contra o opressor. Em cada uma das páginas do Dt-Is, há sinais de esperança e, ao mesmo tempo, a insistência em afirmar que *YHWH* está do lado dos pobres e enfraquecidos. Ajuda-os a refletir sobre tudo o que acontece, reanimando-os na sua caminhada (cf. Is 40,12-14. 21. 15-27). Levanta o ânimo do povo exilado na Babilônia e ajuda-o a redescobrir e a proclamar a presença escondida de Deus (Is 40,9-11; 52,7-10).

Para reavivar a fé e a esperança do povo de Israel, o Dt-Is ajuda a fazer memória da presença de *YHWH* ao longo da história. E reconhece no exílio da Babilônia uma situação de miséria e opressão semelhante à que viveram, no Egito, no início da formação de Israel, reencontrando assim o mesmo Deus libertador, ao lado do seu povo no presente obscuro. A memória do êxodo torna-se força que alimenta a resistência e a esperança. O Dt-Is preocupa-se em dizer que *YHWH* está sempre presente e que ainda hoje fala aos seus. Ele ajuda, a partir

<sup>294</sup> Cf. CROATTO, J. S. "O Dêutero-Isaías, profeta da utopia", art. cit., p. 42.

<sup>295</sup> Cf. KLEIN, R. W. *Israel no Exílio*, op. cit., p. 124-125.

da experiência do exílio, a despertar a consciência de que um novo jeito de viver é possível, baseado na justiça e na solidariedade<sup>296</sup>. A memória histórica possibilitou aos israelitas perceberem Deus revelando-se não somente na ação criadora, mas acompanhando seus filhos(as) com amor compassivo ao longo de toda história.

Aquele que se apresentou a Moisés como “EU SOU AQUELE QUE É” (Ex 3,14) o “Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó” (Ex 3,15) é o Deus-amor, manifestando-se compassivo e benevolente e deixando que se faça a experiência de misericórdia infinita (cf Is 41,10). Qual pastor ele cuida, alimenta, reúne, defende, carrega, protege e refaz as forças de seu povo (cf. Is 40,11; Ez 34,11; Lc 15,5). É o Deus *Go’el* que acompanha, resgata e liberta o sofredor (cf. Is 41,8-14). O povo do exílio babilônico, escolhido para ser servo de *YHWH* (cf. Is 41,8; 43,10), fez a experiência do Novo Êxodo desse Deus misericórdia, compaixão e ternura amorosa. Sobrino considera o povo crucificado da América Latina “como atualização de Cristo crucificado, verdadeiro servo de Javé; de modo que povo crucificado e Cristo, servo de Javé, mutuamente se remetem e se explicam”<sup>297</sup>.

Sobrino reinterpreta o Servo Sofredor de *YHWH* apresentado nos poemas dêutero-isaianos, comparando-o ao povo crucificado, realidade latino-americana atual. Insiste na leitura histórica dos cantos do Servo de *YHWH* e sugere uma leitura em forma de meditação “com os textos na mão e os olhos fitos nos povos crucificados”<sup>298</sup>.

Compara a condição descrita em Is 53, “homem das dores, acostumado ao sofrimento”, à condição normal do povo crucificado: “fome, enfermidade, moradia precária, frustração por falta de educação, de saúde, de emprego”<sup>299</sup>. É um povo que não atrai pela beleza, mas provoca e interpela qualquer ser, verdadeiramente humano, a reagir com misericórdia. Insiste na necessidade de captar a realidade dos povos crucificados e, nela, a luz que aponta para Deus. A teologia latino-americana assume Esse desafio, procurando “analisar quanta salvação e salvação histórica o servo traz”<sup>300</sup>. Procura verificar a salvação historicamente. *Puebla* afirma isso de modo singular: os pobres oferecem um potencial evangelizador; e detalha este potencial como “os valores evangélicos de solidariedade,

<sup>296</sup> Cf. WIÉNER, C. *O Profeta do Novo Êxodo*, op. cit., p. 5.

<sup>297</sup> OPM 86.

<sup>298</sup> OPM 87.

<sup>299</sup> OPM 87.

<sup>300</sup> OPM 90-91.

serviço, simplicidade contra a opulência e abertura à transcendência contra o positivismo cretino, do qual a civilização ocidental está imbuída”<sup>301</sup>.

Sobrino cita Dom Romero dirigindo-se, com essa linguagem, a um grupo de pobres camponeses, sobreviventes de uma terrível matança: “Vocês são a imagem do divino transpassado”. E, em outro momento, diz que Jesus Cristo, o libertador, tanto se identifica com o povo, que dificulta a interpretação da Escritura “saber se o servo de *YHWH* que Isaías proclama é o povo sofredor ou é Cristo que vem nos redimir”. Também Ellacuría faz essa relação: “Esse povo crucificado é a continuação histórica do servo de *YHWH*, a quem os poderosos deste mundo continuam despojando de tudo, continuam arrebatando-lhe a vida”<sup>302</sup>.

O NT apresenta a vida histórica de Jesus a partir da qual Sobrino sistematiza a sua teologia da misericórdia. Ele considera especificamente Jesus de Nazaré, não qualquer Jesus, mas o Jesus revelado no Evangelho, o Filho amado de Deus, o Servo de *YHWH*, o Escolhido, em cuja vida e práxis se realiza, humanamente, a ternura e a misericórdia compassiva do Deus revelado no AT. Em Mc 1,11, ao ser batizado por João Batista, Jesus é assim apresentado pelo Pai: “Eis meu Servo, o meu Escolhido, em quem ponho a minha complacência”. Esse Jesus, em sua pessoa, em seus gestos e ações proféticas na pregação do Reino, revelando a Deus como o Pai do Filho, e revelando-se a si mesmo como o Filho desse Pai, é inspiração para a teologia da misericórdia sobriniana.

Segundo a teologia da misericórdia sobriniana, Deus em Jesus constitui-se uma aproximação salvífica, acercando-se por amor do pobre necessitado, comunicando-lhe seu amor de benevolência e esperança de vida<sup>303</sup>. Sobrino destaca a vida e a práxis de Jesus, sobretudo seu amor preferencial pela vida dos pobres e pequenos (cf. Lc 4,16-44). É o que Jesus mesmo ressalta ao se apresentar como o ungido do Pai com a missão de anunciar e de concretizar a boa notícia do Reino de Deus<sup>304</sup>. A teologia da misericórdia preocupada com a libertação dos pobres e oprimidos e em descer da cruz os povos crucificados fundamenta-se biblicamente na vida e prática evangélica de Jesus, em quem a misericórdia divina encontrou a sua expressão máxima.

---

<sup>301</sup> OPM 93.

<sup>302</sup> OPM 86-87.

<sup>303</sup> JCL 173-175.

<sup>304</sup> JAL 157.

O anúncio do Reino é expressão do amor misericordioso de Deus. Jesus o anuncia como reino da sua graça e da sua misericórdia. Apresenta-o não como incriminação dos pecados, mas como perdão. Para Jesus, o Evangelho do Reino é o anúncio messiânico da alegria, não uma ameaça apocalíptica para o mundo. Jesus não coloca o pecado no centro de sua pregação, mas o amor e a misericórdia de Deus. Ele se apresenta como o ungido pelo Espírito e o enviado do Pai “para levar a Boa Nova aos pobres, para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista, para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano de graça da parte do Senhor” (Lc 4,18-19). Essa manifestação evangélica de Jesus encontra lugar particular na teologia da misericórdia sobriniana.

Jesus de Nazaré assume a missão de revelar o amor humano de Deus, tornando-se assim a manifestação do amor de Deus encarnado. Esse transparece na sua vida: o modo de Jesus viver e amar revela como é e como ama Deus, o Pai; os gestos de Jesus são a tradução humana das características do seu amor. A gratuidade, a misericórdia e a benevolência de Deus são o objeto central do ensinamento e da vida de Jesus. Para Sobrino, Jesus de Nazaré é o “proto-sacramento do Deus bom, como aquele que passou historizando a bondade de Deus neste mundo”<sup>305</sup>. A teologia sobriniana preocupa-se com o rosto humano de Deus presente na história concreta. Seu objetivo é o de recuperar a verdadeira face bíblico-evangélica de Deus amor.

A compaixão e o amor misericordioso são características centrais do Deus bíblico, e ocupam também lugar central na teologia da misericórdia de Jon Sobrino. O tema específico “O Princípio Misericórdia” relaciona-se, estreitamente, com a misericórdia bíblica, assim também, todo o seu empenho teológico. Partindo da realidade inumana e antievangélica de povos crucificados no continente latino-americano enfatiza a urgência necessária do agir misericordioso, uma atitude de benevolência e de amor solidário em favor da vida do irmão(a) sofredor(a), particularmente, do pobre e do oprimido.

## Conclusão

Destacou-se neste capítulo a teologia da misericórdia de Jon Sobrino que fez uma forte experiência de Deus a partir das vítimas deste mundo, nelas percebendo e reconhecendo sua face. Essa experiência concreta interpelou-o a assumir uma atitude samaritana, inclinando-se

---

<sup>305</sup> JCL 212.

sobre o pobre, com amor de compaixão e misericórdia, e inspirando-se em Jesus de Nazaré em cuja vida e prática a misericórdia divina encontrou a sua máxima expressão histórica.

Evidenciou-se, ao longo do estudo realizado, sua atitude de abertura à manifestação de Deus presente na realidade dos pobres povos crucificados estabelecendo-os como lugar teologal, privilegiado, de seu pensar e fazer teológico. A situação inumana de povos crucificados forneceu-lhe novo horizonte para compreender Jesus Cristo e seu Evangelho, levando-o a se preocupar com uma teologia da misericórdia. Compreendeu a urgente necessidade de desenvolver uma teologia teórico-prática, preocupando-se em descer da cruz os povos crucificados e em reanimar-lhes a esperança na vida. Uma teologia que se inicia ante o mundo sofredor e se pergunta como deve ser seu *logos* para erradicar o sofrimento.

Seu fazer teológico caracteriza-se pelo amor misericordioso de Deus ternura e compaixão. Orienta-se pelo princípio misericórdia, isto é, não só pela inteligência da fé, mas também pela inteligência da misericórdia, da justiça, do amor gratuito. A realidade de povos crucificados despertou-o para uma nova visão teológica, ensinou-o a ver Deus a partir do mundo das vítimas, e a ver o mundo de vítimas a partir de Deus. Essa atitude samaritana que o faz ver Deus no pobre inclinando-se gratuitamente ante o irmão sofredor identifica a sua teologia da misericórdia.

Dentro de um contexto de sofrimento e de vítimas deste mundo urge uma atitude evangélica, samaritana movida por uma espiritualidade de misericórdia. O próximo passo refere-se à exigência da práxis cristã ante a realidade inumana de sofrimento que clama por misericórdia.

### 3 – A MISERICÓRDIA E A COMPAIXÃO NA PRÁXIS CRISTÃ

#### **Introdução**

O primeiro capítulo desta dissertação ocupou-se com o tema da misericórdia, da compaixão e da ternura de Deus, presente na teologia dêutero-isaiana. O estudo do Dt-Is mostra as características centrais da presença e do amor de Deus na vida do seu povo, Israel. A sua teologia enfatiza, de modo singular e único, o amor compassivo de Deus na história, inspirando confiança a seus filhos e filhas, manifestando-lhes sua misericórdia e ternura benevolentes.

No segundo capítulo, apresentou-se o tema da misericórdia na teologia latino-americana, mais especificamente, desenvolvido na obra de Jon Sobrino, “O Princípio Misericórdia”. Esta teologia retoma as grandes linhas da teologia dêutero-isaiana e reporta-se à vida, ao ensinamento e à práxis de Jesus de Nazaré, em quem a misericórdia encontrou a sua máxima expressão histórica.

Neste terceiro capítulo, retomando os principais eixos da teologia da misericórdia do Dt-Is e de Jon Sobrino, busca-se mostrar quais exigências e atitudes a teologia da misericórdia aponta para a práxis cristã.

#### 3.1 – Os principais eixos da teologia da misericórdia do Dt-Is e de Jon Sobrino

Destaca-se assim, como eixo central na teologia dêutero-isaiana, o amor fiel e misericordioso de Deus por seu povo Israel. Mostra um Deus que estabelece uma Aliança de amizade, com seu povo, jamais por ele esquecida. Um Deus identificando-se como misericórdia “pois *YHWH* teu Deus é um Deus misericordioso: não te abandonará e não te destruirá, pois nunca vai esquecer da aliança que concluiu com teus pais por meio de um

juramento” (Dt 4,31). A misericórdia divina é compaixão no sentido mais alto e abrangente do termo, um deixar-se comover e um participar na vivência dos seus (cf. Is 51,12; Os 11,18)<sup>306</sup>.

### 3.1.1 – Uma nova leitura do Êxodo

O Dt-Is enfatiza a nova experiência de Deus ternura e misericórdia experimentada pelos israelitas em situação de crise e de desalento no exílio babilônico. O eixo principal de sua teologia encontra-se na nova leitura do êxodo, ajudando Israel a reavivar e re-alimentar a sua fé e esperança em Deus e reconhecer, nele, o Redentor (*Go’el*), assegurando-lhe a certeza da sua libertação.

Lançando um olhar sobre os acontecimentos do passado, possibilita-se a Israel uma nova experiência de fé. Ele reconhece a face compassiva de Deus que lhe assegura sua fidelidade: “Eu sou aquele que é” (Ex 3,14), um Deus presente, escutando o seu grito de dor e de sofrimento e libertando-o. Essa libertação é expressão da sua misericórdia e solidariedade. Um Deus que se aproxima da miséria de seu povo: vê, escuta, conhece, desce... e toma uma atitude compassiva e misericordiosa (cf. Ex 3,8). Um Deus que não se esquece de sua Aliança e que solicita, em reciprocidade, que o povo a tenha igualmente presente<sup>307</sup>. A teologia dêutero-isaiana ajuda os israelitas a recordar essa experiência de Deus presente, assegurando-lhes seu amor fiel, acompanhando-os ao longo da história (cf. Is 41,8-14; 54,8-9; 49,14-26).

A realidade de opressão e de sofrimento leva os israelitas a re-descobrir uma imagem de Deus incomparável. Um Deus que ama mais do que a mãe ama seu filho, e que não os abandona jamais (cf. Is 49,15). O mesmo Deus do êxodo realiza, agora, com os exilados na Babilônia, um novo êxodo. O Dt-Is recorda-lhes sua compaixão (cf. Is 49,13; 54,7), seu zelo e seus cuidados de pastor, de oleiro, mantendo com eles um relacionamento íntimo (cf. Is 40,11; 44,2; 45,3; 55,7). *YHWH* é o *go’el*, redentor, o parente próximo, protetor e vingador do seu povo, especialmente dos pobres da nação judaica (cf. Is 41,14; 44,24)<sup>308</sup>.

A retomada da experiência de fé do passado com o olhar voltado para o futuro, a fim de perceber a novidade de Deus ao longo da caminhada, é fundamental no processo teológico dêutero-isaiano e na vida de fé dos israelitas (cf. Is 43,18-19). O Dt-Is envolve-os na busca da libertação, inspirando-lhes confiança em Deus. A recordação da presença de Deus no passado fê-los perceber sua presença atual, iluminando sua caminhada e reavivando sua fé no presente obscuro. A experiência da misericórdia e da ternura de Deus não é fato passado, mas um

<sup>306</sup> Cf. ROCCHETTA, c. *Teologia da ternura*. Um “evangelho” a descobrir. São Paulo: Paulus, 2002, p. 151.

<sup>307</sup> Cf. GUTIÉRREZ, G. *O Deus da Vida*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 60.

<sup>308</sup> Cf. Idem, *op. cit.*, p. 46.



acontecimento atual, repetindo-se na história de todos os tempos (cf. Is 45,15; 48,20). Com o resgate da fé do povo, o Deus da vida e da esperança reencontra espaço em seu coração.

Um distintivo forte e atraente da teologia dêutero-isaiana é o uso de imagens expressivas para mostrar ao povo um Deus compassivo e cheio de misericórdia. Destacam-se as imagens comparando o amor de Deus ao amor de uma mãe para com seu filho (Is 49,15; 46,3), ao noivo e ao esposo do seu povo (Is 54,5), ao desenho tatuado nas palmas da mão de *YHWH* (Is 49,16), ao pastor zeloso, cuidando-o, conduzindo-o, apascentando-o e protegendo-o, carinhosamente (Is 40,11; 41,8-14). Esta imagem encontra-se repetidas vezes, também, nos salmos (cf. Sl 23,1ss; 79,13; 80,11; 95,7), ressaltando a ternura amorosa de Deus.

Imagem, particularmente sublinhada, acentuando a atitude misericordiosa e compassiva de Deus é a do *go'el*, redentor, parente próximo, solidário com seu povo pobre e humilhado. Reivindica-o para si, resgatando-o e libertando-o da situação de escravidão em que se encontra. O *go'el*, apresentado na teologia dêutero-isaiana, é o Deus do povo de Israel, defensor, especificamente, do pobre<sup>309</sup>. Essas imagens retratam a força invencível do seu amor fiel, superando toda forma de amor humano. É um amor de benevolência por quem se encontra em necessidade; um amor de entranhada ternura, traduzido em gestos concretos de bondade e solicitude. Esses gestos brotam como expressões visíveis de um amor intenso e de uma viva compaixão, tocando radicalmente as profundezas daquele que os realiza, comprometendo-o em todo o seu ser com os pobres necessitados<sup>310</sup>.

Essa benevolência misericordiosa de Deus é central na Escritura. Segundo Rocchetta, “80% das ocorrências bíblicas da raiz *rhm* (especialmente na forma intensiva *rahāmîm*) supõem Deus como sujeito e está em estreita correlação com o evento da aliança (cf. Is 54,10; Dt 4,31)”<sup>311</sup>. O amor terno e misericordioso de Deus é invencível; não se deixa deter por nada, não derivando de méritos presumíveis daqueles a quem se dirige, mas é somente benevolência gratuita com a qual se move à misericórdia e ao perdão, à compreensão e à paciência, sem nenhum limite<sup>312</sup>. “É um atributo típico de *YHWH* o adjetivo *rahûm*, terno, misericordioso, como qualidade constitutiva e indelével de seu ser e agir (Dt 4,31; Sl 78,38;

<sup>309</sup> Cf. MONLOUBOU, L. / DU BUIT, F. M. Redentor. In: *Dicionário Bíblico Universal*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 671.

<sup>310</sup> Cf. ROCCHETTA, C. *Teologia da ternura op. cit.*, p. 120.

<sup>311</sup> Idem, *op. cit.*, pp. 120-121.

<sup>312</sup> Cf. Idem, *op. cit.*, p. 122.

Eclo 50,19)”<sup>313</sup>. É a imagem do Deus do Êxodo que, vendo a miséria de seu povo (cf. Ex 3, 7-8), se inclina em sua direção com misericórdia e solicitude.

O modo de apresentar a face misericordiosa de Deus através de imagens, expressando sua íntima relação de amor e de benevolência com seu povo ao longo da história, ajuda os israelitas a superar a crise de desalento, pela qual passavam e a retomar a caminhada com novo ânimo e esperança. O Deus da criação e da aliança é um Deus que amou os seus filhos(as) desde sempre e para sempre, com iniciativa gratuita (cf. Is 54,8-10)<sup>314</sup>. Esse amor misericordioso de Deus é central e característico na teologia dêutero-isaiana. O amor de Deus não é somente criador. Ele acompanha, sustenta, salva, regenera e refaz a vida de seus filhos e filhas, jamais esquecidos em sua eterna misericórdia (cf. Is 41,10. 13).

### 3.1.2 –Identificar Deus presente na história

Na teologia da misericórdia de Jon Sobrino, verifica-se um acento particular na busca de uma identificação do Deus presente na história. Sua preocupação é a de estabelecer uma relação entre Deus e os pobres, especificamente os “povos crucificados” da América Latina. Inicia-se com o Jesus histórico, o enviado do Pai, sua vida e sua prática, sua missão, estabelecendo os pobres povos crucificados como lugar teológico e os destinatários da sua mensagem<sup>315</sup>. Jon Sobrino preocupa-se em fazer teologia com sentido de realidade, como tarefa solidária em favor da vida das vítimas. Considera importante deixar-se questionar pela realidade sofrida dos povos crucificados, buscando explicitá-la e verbalizá-la.

Insiste na necessidade de: colocar o saber teológico a serviço das vítimas, fazendo uma relação entre a revelação e as tradições da Igreja, situando-o no âmbito da realidade dos povos crucificados do atual contexto histórico onde Deus, Cristo, pecado, graça se manifestam<sup>316</sup>; assumir a missão teológica como *intellectus misericordiae*, *intellectus justitiae*, *intellectus liberationis*, mais especificamente como *intellectus amoris*, isto é, de desenvolver a razão compassiva e misericordiosa<sup>317</sup>; ter ante as vítimas deste mundo uma

---

<sup>313</sup> Idem, *op. cit.*, p. 122.

<sup>314</sup> Cf. Idem, *op. cit.*, p. 150.

<sup>315</sup> Cf. *OPM* 16-17.

<sup>316</sup> *FJC* 17.

<sup>317</sup> *TDR* 161.

nova visão de realidade, percebendo a verdade dos seres humanos e a verdade de Deus e reagir diante das injustiças com um coração humano compassivo e misericordioso<sup>318</sup>.

A teologia da misericórdia contempla Deus presente nos fatos da história e “introduz o pobre e a vítima no âmbito da realidade teologal”<sup>319</sup>; frisa a importância de estabelecer uma relação teologal entre o pobre e Deus, ajudando a fé cristã a realizar melhor a sua missão de descer da cruz os povos crucificados<sup>320</sup>. Nela, o Jesus histórico e a concentração cristológica são vitais. Dá particular importância ao seu conhecimento, insistindo na necessidade de confrontar-se com a sua pessoa, com seu ser e com sua práxis, como uma proposição a ser prosseguida. Seu objetivo é o de resgatar o significado revelador da existência de Jesus histórico como caminho para compreender a totalidade do mistério de Cristo<sup>321</sup>. Enfatiza, também, Jesus de Nazaré como a boa notícia e a sua relação com o Reino de Deus e com o Pai e a percepção do mistério de Deus presente na história, na realidade do mistério humano. Sublinha essa visão no povo crucificado e esperançado, empenhando-se pela sua libertação ou em descer da cruz os crucificados<sup>322</sup>.

A partir da revelação, Cristo é apresentado como caminho para o Pai e como seu sacramento. Ele, na sua vida e práxis, concretiza a verdade do Reino de Deus. É a boa notícia do Pai, visualizando, através de atitudes e gestos, o humano de Deus, seu amor, sua misericórdia, fidelidade, solidariedade e entrega, visando a salvação. Cristo, cuja realidade não se esgota em Jesus, é critério positivo do que pode integrar-se na totalidade do mistério de Deus. Jesus é central e insubstituível numa teologia cristã. Com ele, o amor e a manifestação de Deus se tornam concretos na realidade. Jesus de Nazaré é Jesus Cristo, o Cristo de Deus, possibilitando à humanidade o conhecimento e a experiência de Deus<sup>323</sup>.

Para Sobrino, não basta afirmar que Jesus é Cristo, Deus e homem; é preciso dizer que Cristo é Jesus em quem Deus se manifestou e em quem a realidade última do que é ser homem apareceu. Defende a necessidade de recuperar a pessoa de Jesus de Nazaré como enviado “a pregar a boa notícia aos pobres e libertar os cativos” (Lc 4,18). A partir desse acontecimento central, re-valoriza toda a vida, a prática e o destino de Jesus, afirmando que o

---

<sup>318</sup> OPM 19-27.

<sup>319</sup> FJC 17.

<sup>320</sup> FJC 19.

<sup>321</sup> JAL 88.

<sup>322</sup> TDR 159-161.

<sup>323</sup> JAL 23.

Cristo libertador é, antes de tudo, Jesus de Nazaré, o chamado “Jesus histórico”<sup>324</sup>. Considera importante teologizar a figura de Jesus, historizando-a, e historizar Jesus, teologizando-o ou apresentá-lo como boa notícia de Deus<sup>325</sup>.

Para confessar a fé em Cristo é preciso conhecer o caminho que a ele conduz, o Jesus histórico que ensina, pelo seu ser e agir, a concretizar o ideal do Reino de Deus, luta em favor da vida e contra os ídolos da morte<sup>326</sup> produzindo ânimo, inspiração e alegria ao labor teológico<sup>327</sup>.

### **3.2 – Relação entre a teologia dêutero-isaiana, a de Jon Sobrino e a práxis da misericórdia de Jesus**

Para mostrar a relação existente entre a teologia da misericórdia dêutero-isaiana, a de Jon Sobrino e a prática da misericórdia de Jesus, retomam-se os elementos essenciais da misericórdia, apresentados tanto na teologia dêutero-isaiana, sobriniana e na prática de Jesus.

#### **3.2.1 – Uma mensagem de consolação e de misericórdia**

Destaca-se na teologia dêutero-isaiana a mensagem consoladora e misericordiosa de Deus. O Dt-Is anuncia uma profecia de consolação aos israelitas que passam por uma situação de crise, de aflição e de sofrimento, no exílio babilônico. Apresenta, de modo eloqüente e único, o amor terno e misericordioso de Deus para com a humanidade. Usa expressões e imagens humanas com matiz afetivo, sem igual, para mostrar a ternura amorosa e a misericórdia infinita de Deus em relação a seu povo (cf. Is 40,1-2. 11; 41,8-14; 43,1. 7; 49,15-16. 18; 54,4-5), expressando uma mensagem de salvação de *YHWH*<sup>328</sup>.

Jon Sobrino sublinha a importância do fazer teológico como *intellectus amoris*, sem, contudo, ignorar o *intellectus fidei*. Para ele, a reflexão sobre o *intellectus amoris* configura o *intellectus fidei*. De modo que quem faz teologia exercitando o amor e a misericórdia é levado, existencialmente, a perguntar pela verdade do que deve esclarecer a

<sup>324</sup> JCL 76-78.

<sup>325</sup> JAL 116-117.

<sup>326</sup> JAL 111-112.

<sup>327</sup> FJC 325.

<sup>328</sup> Cf. CROATTO, J. S. “O Dêutero-Isaías, profeta da utopia”, art. cit., p. 5.

inteligência da fé. Na realidade do mundo sofredor e na busca praxica de sua transformação a teologia que se compreende como *intellectus amoris* se vê, radicalmente, confrontada com a verdade de Deus e a perguntar: “É verdade que Deus é um Deus de vida na presença de tanta morte dos pobres e de tanta morte infligida aos que os defendem?”<sup>329</sup>.

A resposta a estas perguntas, provindas da realidade, precisa ser buscada, além da inteligência da fé, também, dentro da própria realidade. Sobrino crê que a prática do amor e da misericórdia possibilitam a aceitação da verdade da fé. A prática do amor misericordioso ajuda a quem sofre a manter acesa a chama da esperança e torna o cristão(ã) semelhante a Deus<sup>330</sup>.

O Evangelho apresenta o amor misericordioso e compassivo como característica identificadora de Jesus de Nazaré, freqüentemente apresentado como aquele que age com amor misericordioso, particularmente em relação ao povo pobre e necessitado (cf. Mt 9,36; 14,14; 15,32; Lc 7,13. 22; 8,42; 9,38. 42; 6,20. 21.25; 14,1. 12-15. 21; 15,14. 17. 23; 16,19-21; 18,22; 19,8; 21,2-4.11). Isso revela a situação de pobreza e de fome de muitas pessoas no tempo de Jesus e sua sensibilidade à essa situação. O Evangelho também fala da acumulação de riquezas de uns (Lc 12,16-19), de exploração e roubo (Lc 19,1-8), causadoras da fome de muitos<sup>331</sup>.

A prática da misericórdia e da compaixão são uma constante na vida e missão de Jesus. Todo o Evangelho sublinha seu modo de ser e agir, extremamente humano, revelando a imagem de um Deus próximo à sua criatura. Um Deus misericordioso vindo ao encontro de seus filhos(as), acolhendo-os(as) com ternura amorosa<sup>332</sup>. Jesus faz-se próximo dos marginalizados, dos indefesos e dos ameaçados. Seu ser e agir são um sinal vivo da bondade misericordiosa e humanizante de Deus Pai. Segundo Susin, a misericórdia era “o olho, o ouvido, o olfato, o faro, o regaço e preocupação, as dores maternas de Jesus”<sup>333</sup>. Ele mostra solicitude divina por todos os “últimos”: os pobres, os doentes, os cegos, os pecadores, os estrangeiros, as viúvas, as crianças, os malfeitores, os traidores e, até mesmo os carrascos são objeto de sua ternura e compaixão. Faz-se próximo de todas as categorias humanas sofridas, em uma dimensão de predileção e de perdão, de convite à conversão e de oferta de salvação<sup>334</sup>.

<sup>329</sup> SOBRINO, J. Como fazer teologia, art. cit., p. 295.

<sup>330</sup> Cf. Idem, art. cit., pp. 295-296.

<sup>331</sup> Cf. MOREIRA, G. *Compaixão Misericórdia*. Uma espiritualidade que humaniza. São Paulo: Paulinas, 1996, pp. 34-35.

<sup>332</sup> JCL 149.

<sup>333</sup> SUSIN, L. C. *Jesus Filho de Deus e Filho de Maria*. Ensaio de Cristologia Narrativa. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 63.

<sup>334</sup> Cf. ROCCHETTA, C. *Teologia da ternura*, op. cit., p. 156.

### 3.2.2 – O pobre como lugar teologal

Um elemento fortemente destacado na teologia do Dt-Is é o lugar teologal a partir do qual desenvolve a sua teologia da misericórdia e compaixão. Esse é constituído pelo povo pobre, mais especificamente, os israelitas oprimidos e enfraquecidos no exílio babilônico. O Dt-Is coloca-se em pé de igualdade com eles e faz a mesma experiência de crise de fé pela qual passavam, ao se deixarem confundir por Marduk, deus do império babilônico. Sua fé no verdadeiro Deus caíra no esquecimento e precisava ser recuperada a partir das suas raízes e, para resgatá-la, era necessário trazer à memória os fatos do passado, a caminhada de fé dos antepassados, sustentada pela experiência do Êxodo no Egito (cf. Is 40,12-14. 21. 25-27).

A teologia dêutero-isaiana recompõe a imagem de *YHWH* destacando seus atributos de criador, redentor, libertador, consolador e os contrapõe aos atributos do deus do império da Babilônia, Marduk. Apresenta *YHWH* como o verdadeiro Deus de Israel e não Marduk. Este motivo teológico é muito caro ao Dt-Is (cf. Is 40,18. 25; 43,10. 11. 13; 44,6-8; 46,5. 9b)<sup>335</sup>. Levanta o ânimo dos israelitas, ajudando-os a redescobrir a presença de Deus misericórdia e compaixão, acompanhando-os desde o êxodo, ao longo de toda a sua história (cf. Is 40,9-11; 52,7-10). Não se cansa de ajudar o povo a despertar a consciência para perceber a presença solidária do Deus, fiel à sua aliança de amor<sup>336</sup>.

Na teologia de Sobrino, os pobres constituem o seu lugar teologal por excelência. Eles são: “Boa notícia para a teologia oferecendo luz (como o Servo Sofredor, em Isaías) e sabedoria (como o Crucificado, em Paulo)”<sup>337</sup>. Os pobres têm a capacidade de criar conteúdos teológicos luminosos que não o são fora desse mundo, capacitando a teologia o exercício intelectual. Realiza-se, assim, uma mútua edificação e evangelização. Constata-se que os pobres são em si mesmos dom e graça para a teologia e “exercem também a função de mediação atual do aspecto de dom e graça que tem a revelação”<sup>338</sup>.

Na vida e na prática de Jesus, são também os pobres, os oprimidos e os necessitados os constituintes do lugar teológico onde realiza sua missão histórica. Entre os

<sup>335</sup> Cf. CROATTO, J. S. “Composição e Querigma do livro de Isaías”, art. cit., p. 56.

<sup>336</sup> Cf. WIÉNER, C. *O Profeta do Novo Êxodo*. “O Dêutero-Isaías”, op. cit., p.5.

<sup>337</sup> SOBRINO, J. Como fazer teologia, art. cit., p. 296.

<sup>338</sup> Idem, art. cit., p. 297.

pobres e oprimidos Jesus compreende sua missão como encarnação em solidariedade e parcialidade (cf. Mt 25,31-46)<sup>339</sup>. O ser e o agir de Jesus expressam seu amor preferencial pelos pobres e marginalizados. Segundo Susin, o interesse de Jesus estava voltado para a glória de Deus e essa só se realiza bem na salvação e na vida dos pobres. Jesus tinha pelos pobres uma materna predileção; seu amor benevolente voltava-se, particularmente, para os pequenos, pobres e enfraquecidos (cf. Lc 9,11; Mt 14,14s)<sup>340</sup>.

O evangelho mostra, de muitas maneiras, como a ternura de Jesus expressa misericórdia e compaixão, participação profunda, empática, na vivência de seus interlocutores. Perante os dois cegos de Jericó, Jesus se comoveu (cf. Mt 20,34); ante a súplica de um leproso, movido de compaixão, estendeu a mão (cf. Mc 1,41); diante das lágrimas da viúva de Naim, “ao vê-la ficou comovido e disse-lhe: Não chores” (Lc 7,13); na presença das multidões que o seguiam, porque estavam cansadas e abatidas como ovelhas sem pastor (Mt 9,36); por ocasião da primeira e da segunda multiplicação dos pães, “viu uma grande multidão e, tomado de compaixão, curou seus doentes” (Mt 14,14; 15,32). Ante todas as situações de dor e de sofrimento, Jesus reage com uma sensibilidade humana compassiva, de participação interior. A sua plena humanidade comporta, historicamente, uma plena assunção de seus sentimentos humanos, em particular da ternura como ato de afeição, como vivência, orientada ao bem-querer e à piedade, à solicitude e ao cuidado dos outros<sup>341</sup>.

Quando os evangelhos fazem referência à compaixão de Jesus, remetem a um sentimento, a um modo de sentir realmente experimentado por ele, encarnado em primeira pessoa, a um fazer-se próximo do necessitado, implicando o plano da participação e da disponibilidade ao serviço, até a auto-entrega de si por todos, em um gesto de ternura que não encontra outra razão, senão o amor de gratuidade: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13). Jesus dirige-se como amigo a todos os necessitados, amando-os gratuitamente com amor salvífico<sup>342</sup>.

### 3.2.3 – A recuperação da fé e a esperança do pobre oprimido diante da face misericordiosa de Deus

<sup>339</sup> JAL 199.

<sup>340</sup> Cf. SUSIN, L. C. *Jesus Filho de Deus e Filho de Maria*, op. cit., p. 63.

<sup>341</sup> Cf. ROCCHETTA, C. *Teologia da ternura*, op. cit., p. 157.

<sup>342</sup> Cf. Idem, op. cit., p. 157.

Destaca-se, na teologia da misericórdia dêutero-isaiana, a sua preocupação em resgatar a face misericordiosa de Deus para recuperar a fé dos israelitas e renovar a sua esperança de libertação (cf. Is 49,2; 50,4; 51,16). O Dt-Is ajuda-os a rever as ações salvíficas de *YHWH* ao longo da história (cf. Lm 1,18; Jr 31,34), e a organizar-se na resistência. Reaviva a memória do Êxodo (cf. Ex 12,3ss) onde Deus tirou o povo da escravidão do Egito, libertando-o, e proclama o Novo Êxodo em que o mesmo Deus tira da escravidão os exilados na Babilônia (cf. Is 49,7), libertando-os do cativeiro (Is 52,2), da prisão (Is 42,7; 51,14), da escuridão (Is 49,9), do serviço obrigatório (Is 40,1s), da opressão (Is 47,6; 52,4; 54,14). Com amor compassivo e misericordioso, *YHWH* torna-se o *go'el* resgatador do seu povo, libertando-o gratuitamente do jugo da escravidão exílica (cf. Is 43,1; 48,20; 51,10; 52,3. 9)<sup>343</sup>.

A situação ante-humana em que vivem os pobres da América Latina provoca Sobrino a deixar-se orientar pelo princípio misericórdia, agindo em seu favor, compassivo-misericordiosamente e em sua missão teológica insiste na necessária disposição à ação misericordiosa com que o cristão(ã) deve deixar-se mover ante o sofrimento dos pobres. Agir misericordiosamente ante o sofrimento do pobre é empenhar-se para encontrar uma resposta adequada a essa realidade anti-humana em que se encontra o irmão oprimido e desalentado<sup>344</sup>. Para Sobrino, a misericórdia é a forma eficaz para mostrar o último da realidade, considera o princípio misericórdia uma condição indispensável para compreender corretamente Deus, Jesus e ser humano: “É a reação correta e necessária ante o mundo sofredor, e reação primeira e última”<sup>345</sup>.

Jesus em sua vida e práxis ensina a fazer o caminho de volta para o Pai. Usa parábolas e faz comparações para explicar a mensagem do amor misericordioso de Deus para com seus filhos(as). Não os abandona, mas os acompanha, porém, quando esses erram, mas se dispõem a voltar, acolhe-os com amor misericordioso. Assim, manifesta, sem limites, a misericórdia de Deus para com seus filhos(as), mesmo que se desviem do seu caminho. Na parábola do Filho Pródigo (Lc 15,11-32), descreve a atitude do pai, figura de Deus, ao avistar o filho: “Ele estava ainda longe, quando seu pai o viu, encheu-se de compaixão, correu e lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos” (Lc 15,20).

Segundo Sobrino, Jesus serve-se de parábolas para mostrar a mensagem fundamental acerca do reino a seus interlocutores. Dentro dessa mensagem, aponta os pobres,

<sup>343</sup> Cf. ALONSO SCHÖKEL, L. / SICRE DIAZ, J. L. *Profetas, op. cit.*, pp. 271-273.

<sup>344</sup> Cf. SOBRINO, J. Como fazer teologia, art. cit., p. 291

<sup>345</sup> Idem, art. cit., p. 292.



os fracos e os desprezados como os destinatários da mensagem do Reino. Deus é parcial, rico em misericórdia, terno e amoroso com os pobres e pequenos. Essa mensagem encontra-se nas parábolas da ovelha e da dracma perdidas (Lc 15,4-7; Mt 18,12-14), na do patrão generoso (Mt 20,1-15), na do fariseu e do publicano (Lc 18,9-14), na dos devedores (Lc 7,41-43) e, sobretudo na do filho pródigo (Lc 15,11-32)<sup>346</sup>. O que está claro nessas parábolas é que Jesus sai em defesa dos pobres e justifica sua própria atuação parcial em seu favor, pois Deus age com amor misericordioso e compassivo em favor dos pobres e oprimidos<sup>347</sup>.

### 3.2.4 – A imagem de um Deus misericordioso e compassivo

A teologia dêutero-isaiana coloca em destaque a imagem misericordiosa de Deus. Seu agir é movido por compaixão e por amor de benevolência. Profundamente divino-humano, *YHWH* inclina-se para o sofrimento de seu povo, encorajando-o, resgatando-o e inspirando-lhe confiança. O Dt-Is apela para todos os meios de persuasão, dirigindo-se ora à razão, ora ao sentimento, argumentando e demonstrando o amor de Deus, para atrair e reconduzir o coração de Israel, endurecido por um excessivo sofrimento<sup>348</sup>. Apresenta a imagem de Deus ternura e misericórdia de maneira singular e única (cf. Is 49,15; 42,14).

Os evangelhos apresentam a vida e as palavras de Jesus, destacando a sua prática misericordiosa. Na parábola do Bom Samaritano, Jesus expressa o amor misericordioso verdadeiramente gratuito. Ela retrata o tipo do amor compassivo com que Jesus se inclina para quem está necessitado de misericórdia. Ao ver o homem ferido, o Samaritano (=Jesus) moveu-se de compaixão (cf. Lc 10,33), uma compaixão que se faz misericórdia, atenção solícita, e cura o ferido<sup>349</sup>. A resposta do doutor da lei a Jesus qualifica o samaritano como aquele que agiu com misericórdia (cf. Lc 10,37). Essa atitude misericordiosa é central na vida e na prática de Jesus. Ninguém mais do que ele realizou o conteúdo da compaixão como misericórdia, dom de si,

---

<sup>346</sup> JCL 154.

<sup>347</sup> JCL 154-155.

<sup>348</sup> Cf. RAD, G. von. *Teologia do Antigo Testamento*, op. cit., p. 240.

<sup>349</sup> Rinaldo Fabris comenta, “Jesus se compraz em descrever minuciosamente os gestos de socorro e de ajuda prática: o curativo com o desinfetante, a saber, o vinho fortemente alcoólico da Palestina e o óleo para aliviar a dor, o transporte até a hospedaria e o pagamento das despesas de comida e hospedagem”. (Cf FABRIS, R. / MAGGIONI, B. *Os Evangelhos* (II). São Paulo: Loyola, 1992, p. 126).

atenção ao outro, gesto gratuito, oblação de amor<sup>350</sup>. A ternura à qual a figura do bom samaritano remete é uma modalidade de ser, em correspondência à modalidade de ser própria do Filho de Deus feito homem e crucificado; como tal, implica uma abnegação total de si, até pagar o resgate da vida do próximo com a própria vida. É uma atitude de ternura e de misericórdia, não com palavras, mas com gestos solidários concretos<sup>351</sup>.

A misericórdia compassiva e a ternura amorosa revelam-se, assim, como atitudes permanentes, profundas e ativas do comportamento de Jesus, e de seu modo de relacionar-se com as pessoas. Sua ternura é testemunhada com múltiplos traços de seu agir, manifestando uma grande liberdade frente aos usos e costumes da época; mostrando que sua misericórdia está acima de tudo (cf. Mt 21,31; 19,30; 20,16; Mc 2,13-14). É uma atitude de amor solidário, exercido na gratuidade, doando-se a si mesmo. Jesus é uma presença salvadora que se acerca por amor e com amor em direção aos pobres e necessitados deste mundo (Lc 4,18-19). Jesus constitui a expressão histórica da aproximação salvadora de Deus<sup>352</sup>, revelando de modo especial o amor, a bondade e a ternura de Deus.

### 3.2.5 – O anúncio da Boa-Nova

O Dt-Is acentua fortemente o anúncio da Boa-Nova de *YHWH* (cf. 42,9), uma Boa-Nova da alegria, da salvação e do Reino de Deus (cf. Is 52,7). Reconforta os israelitas e encoraja-os (Is 41,10), afirmando que o amor compassivo e misericordioso de Deus é mais forte que o pecado. *YHWH* é um Deus defensor da vida de seus filhos(as) (cf. Is 40,18-29; 41,14; 43,4; 44,6; 49,8). Ele acentua o seu relacionamento pessoal e familiar com Israel, seu povo (cf. Is 44,6; 48,17), suscitando a sua fé e esperança e, reafirmando a misericórdia divina (cf. Is 51,3. 12; 52,9). Esse modo de apresentar Deus como um eterno apaixonado por seus filhos(as), ajuda-os(as) a reunirem-se e a organizarem-se, continuando a caminhada em busca da libertação com renovada esperança.

Assim como a teologia dêutero-isaiana é um anúncio da Boa-Notícia de *YHWH* (cf. Is 40,18-29), também a Boa Notícia do Reino é pregada e praticada por Jesus, significando sua

<sup>350</sup> “No ‘bom samaritano’, Jesus não apenas propõe um belo exemplo para ser imitado, mas também abre uma perspectiva nova na organização das relações humanas. Esta é já uma realidade inaugurada pela sua maneira de falar e agir com os homens de seu tempo”. (Cf. Idem, *op. cit.*, p. 127).

<sup>351</sup> Cf. ROCCHETTA, C. *Teologia da ternura*, *op. cit.*, p. 158.

<sup>352</sup> Cf. OPM 173-175.

vitória sobre o mal físico, psíquico e espiritual. Aos discípulos de João, enviados para se certificarem quanto à sua identidade, Jesus diz: “Ide contar a João o que ouvis e vedes: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados” (Mt 11,4-6). É assim que Jesus revela a Boa-Notícia do Reino de Deus, portadora de esperança e de vida.

Em Jesus de Nazaré havia perfeita harmonia e consonância entre palavra e atitude, entre ser e agir. Na sua pregação, o anúncio da salvação tornou-se imediata experiência de saúde física, liberdade psicológica e libertação espiritual. Jesus, o Filho amado do Pai, despontou no horizonte da Galiléia como uma luz curativa para uma multidão em meio às trevas do sofrimento. Os pecadores, prostitutas, malfeitores, crianças e doentes de todo o tipo juntaram-se em torno de Jesus de Nazaré suplicando-lhe ajuda. Para Jesus, um pecador era como o doente que precisa ser curado, precisa ser amado; Jesus veio para isso. O bem amado de Deus queria acolher a todos no seu coração misericordioso e solidário<sup>353</sup>.

Sua proximidade, suas palavras e gestos de acolhimento, de comunhão, de cura e de perdão proclamam o amor acolhedor de Deus pelos pobres e oprimidos deste mundo<sup>354</sup>. Jesus apresenta-se como o enviado do Pai “para evangelizar os pobres (...); para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor” (Lc 4,18). Após ter inaugurado sua missão na sinagoga de Nazaré, Jesus seguiu adiante, o horizonte do Reino de Deus parecia-lhe bem mais amplo. Não seria pelo sacrifício, mas pela misericórdia e solidariedade que Deus iria estender no mundo o seu reinado<sup>355</sup>.

Em seguida, Jesus proclamou: “Pois eis que o Reino de Deus está no meio de vós”(Lc 17,21). Multidões se aproximavam dele, vindas de direções diferentes, para ouvi-lo e serem curadas. Jesus ensinava coisas extraordinárias, retomava ensinamentos dos profetas e da sabedoria. Com simplicidade e muita sabedoria, dirigia-se às multidões, animando-as com suas palavras e gestos de misericórdia e solidariedade<sup>356</sup>.

---

<sup>353</sup> Cf. SUSIN, L. C. *Jesus Filho de Deus e Filho de Maria*, op. cit., pp. 55-56.

<sup>354</sup> Cf. OPM 143.

<sup>355</sup> Cf. SUSIN, L. C. *Jesus Filho de Deus e Filho de Maria*, op. cit., pp. 51-52.

<sup>356</sup> A propósito comenta Susin: “Que os pobres e os aflitos serão consolados no Reino de Deus, que os pacíficos e suaves, na verdade, serão os únicos vencedores, que os corações puros enxergam Deus e os sedentos de justiça serão reconhecidos como filhos de Deus. Que todos se empenhassem em ser sal para dar sabor ao mundo e para fazer brilhar a Glória de Deus, o pai de todos, num mundo mais justo e mais generoso do que o mundo das leis e tradições que tornam a vida acabrunhada e hipócrita”. (Cf. Idem, op. cit., pp. 51-52).

O anúncio da Boa Nova da vida e da vida em abundância constitui a síntese do projeto de Jesus de Nazaré para o povo (Jo 10,10). Sua ação libertadora do mal, da doença e do sofrimento que deprimiam, marginalizavam e oprimiam o povo mostra sua identidade misericordiosa. A misericórdia constitui o conteúdo fundamental da mensagem messiânica de Cristo e a força constitutiva da sua missão<sup>357</sup>. Efetivamente, a misericórdia é o que relaciona sistematicamente Jesus com o Pai e com o Reino de Deus. A misericórdia é o princípio estruturante da vida de Jesus; configura toda sua existência, determina sua missão e provoca seu destino. O modo de Jesus viver a proposta do Reino e de conviver com os pobres e desvalidos foi essencialmente a misericórdia e a solidariedade, tornando-se, assim, fonte regeneradora de vida, de libertação, de alegria e de esperança. Para Jesus, a vida, a mínima vida, no (pensar inclusive) de Isaías, “não quebrará a cana rachada, não apagará a mecha bruxuleante” (Is 42,3), era mais importante do que todas as leis e prescrições<sup>358</sup>.

O seguinte item tem o objetivo de averiguar, com base na teologia da misericórdia dêutero-isaiana, na prática da misericórdia de Jesus e na teologia da misericórdia sobriniana, que exigências práticas são apresentadas à vida cristã.

### 3.3 – Exigências práticas da teologia da misericórdia à vida cristã

A pesquisa realizada sobre o tema da misericórdia na teologia dêutero-isaiana, na prática de Jesus e na teologia latino-americana, particularmente na proposta e no fazer teológico de Jon Sobrino, desafia a vida cristã ao compromisso de assumir atitudes práticas, capazes de descer da cruz os povos crucificados ou vítimas deste mundo, possibilitando-lhes uma vida humana digna.

A teologia dêutero-isaiana mostra a misericórdia e a compaixão como características fundamentais e identificadoras do Deus amor, revelando-se solidário com os israelitas cativos na Babilônia. O estudo mostra que a misericórdia e a compaixão são características centrais do amor de Deus que perpassam a história de todos os tempos. A teologia dêutero-isaiana faz uma releitura das ações misericordiosas de Deus desde a

---

<sup>357</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Dives in Misericórdia*. Petrópolis: Vozes, n. 193, 1980, p. 32.

<sup>358</sup> Jesus agia assim para ser sinal vivo da bondade misericordiosa e humanizante do Pai, que mostra solicitude por quem não sabe, não tem ou não pode, e em quem toma corpo o Reino de Deus. (Cf. SUSIN, L. C. *Jesus Filho de Deus e Filho de Maria*, op. cit., p. 67).

experiência feita pelos israelitas no êxodo (cf. Ex 3,7-8; 12,13), ajudando-os a perceber a sua presença amorosa e fiel na vida e caminhada de seu povo ao longo da história<sup>359</sup>. Essa releitura possibilita aos israelitas exilados na Babilônia uma nova experiência de Deus-amor.

Toda teologia dêutero-isaiana revela um esforço para atrair e reconduzir o coração de Israel, desolado e oprimido pelo sofrimento, a Deus. Mostra o amor fiel e misericordioso de Deus por Israel, usando fórmulas expressivas, nunca vistas<sup>360</sup>, afirmando-o de modo poético, persuasivo e eloqüente. Apresenta o amor compassivo de *YHWH* superando o pecado<sup>361</sup>. O Dt-Is recorre às imagens mais expressivas para mostrar a infinita misericórdia e benevolência de Deus (cf. Is. 40,9-11; 41,14; 42,14; 43,14; 49,15-16; 54,5).

Dessa forma, o Dt-Is desperta o ânimo do povo de Israel para superar a crise de desalento pela qual estava passando, desafia-o a redescobrir e a experimentar, de modo novo, a sua presença viva na vida e na história (cf. Is 40,9-11; 52,7-10). A teologia dêutero-isaiana centra-se na própria pessoa do Senhor para apresentar sua mensagem: “Eu sou *YHWH* teu Deus, aquele que ensina para o teu bem” (Is 48,17)<sup>362</sup>. Restaura (Is 51,3), reconforta e encoraja (Is 41,10. 13; 51,12), ajudando a fortalecer a sua fé e a restabelecer a esperança no Deus misericórdia que ama e liberta o seu povo (cf. Is 40,12-31; 41,8-20; 44,6-8; 54,1-10).

Sobrino aponta o agir do Bom samaritano descrito na parábola (cf. Lc 10,33-36) como uma exigência cristã prática. Reagir misericordiosamente diante do sofrimento alheio deixando-se mover pela atitude de misericórdia do Samaritano. É dever do cristão(ã) assumir um compromisso afetivo e efetivo em relação às vítimas deste mundo, visando a sua libertação e uma vida digna. Tomar a atitude misericordiosa como princípio configurador da vida e missão cristãs<sup>363</sup> é dispor-se a trabalhar pela justiça em favor do pobre oprimido como expressão de amor<sup>364</sup>.

Como atitudes práticas consideradas importantes na teologia da misericórdia, Sobrino aponta diversos elementos: um reagir misericordioso historizado, isto é, de acordo

<sup>359</sup> Cf. ARANGO, J. R. Deus solidário com seu povo, art. cit., p. 50.

<sup>360</sup> Cf. RAD, G. von. *Teologia do Antigo Testamento*, op. cit., p. 240.

<sup>361</sup> Cf. Idem, op. cit., p. 241.

<sup>362</sup> Cf. WIENER, C. *O Profeta do Novo Êxodo*, op. cit., pp. 19-20.

<sup>363</sup> “Não se trata de ‘obra de misericórdia’ e sim da estrutura fundamental da reação perante as vítimas deste mundo. Esta estrutura consiste em que o sofrimento alheio é interiorizado em alguém, e esse sofrimento interiorizado leva a uma reação (ação portanto) e sem outros motivos para isso do que o mero fato do ferido no caminho” (OPM 25-26).

<sup>364</sup> OPM 26.

com quem é ferido no caminho; empenhar-se em descer da cruz os povos crucificados, trabalhando pela justiça e colocando a seu serviço todas as capacidades humanas, intelectuais, religiosas, científicas, tecnológicas<sup>365</sup>; uma atitude misericordiosa, mantida com fortaleza, significando disposição para o martírio; agir misericordiosamente, com olhos novos, em favor dos pobres, participando solidariamente de seu destino<sup>366</sup>. Essa atitude requer o despertar do sonho da inumanidade para a realidade de humanidade, aprender a ver Deus a partir do mundo das vítimas e a ver esse mundo das vítimas a partir de Deus; agir misericordiosamente, tendo nisso alegria e sentido da vida<sup>367</sup>. Mas como agir misericordiosamente em atitude de amor-perdão para refazer a vida?

### 3.3.1 – Refazer a vida com a atitude misericordiosa do amor-perdão

A atitude de amor-perdão como uma exigência cristã, um reagir misericordioso com a intenção de resgatar a vida ameaçada, ocupa um lugar de destaque na teologia de Jon Sobrino. “Perdoar a quem nos ofende”<sup>368</sup>, como ato de amor com o pecador, é uma exigência evangélica e uma manifestação importante do espírito cristão. Numa realidade social e histórica que crucifica e mata as maiorias e povos inteiros, requer-se uma atitude cristã de perdão: “erradicar a culpa dos pecadores e procurar sua salvação”<sup>369</sup>, visando a reconciliação da própria realidade para possibilitar relações de fraternidade<sup>370</sup>. A erradicação do mal que desumaniza abre espaço para uma vida humana digna, porque “o pecado leva à morte do pecador, mas, antes disso, o pecado causa a morte de outros”<sup>371</sup>.

Segundo Sobrino, os cristãos têm uma responsabilidade ante o pecado, a pobreza e a morte. É compromisso cristão reagir com entranhas de misericórdia defendendo os ofendidos. A fé exige a libertação do pecado da realidade e a humanização do ofensor. Isto significa que é preciso perdoar a realidade com a finalidade de erradicar o pecado da realidade; e faz-se isso lutando contra o pecado para exterminá-lo, carregando-o. Lutar contra o pecado significa

---

<sup>365</sup> Cf. *OPM* 26.

<sup>366</sup> Cf. *OPM* 26-27.

<sup>367</sup> *OPM* 28.

<sup>368</sup> *OPM* 97.

<sup>369</sup> *OPM* 99.

<sup>370</sup> *OPM* 99.

<sup>371</sup> *OPM* 101.

denunciá-lo profeticamente, dar voz ao clamor dos ofendidos; desmascará-lo por ser a mais grave ofensa contra Deus, não podendo ser justificada, nem abençoada<sup>372</sup>. Trata-se de defender os pobres, os milhões de seres humanos que vivem na miséria. Lutar pela sua vida, des-centrar-se de si mesmo(a), voltando-se a seu favor. Perdoar é questão de amor, de muito amor<sup>373</sup>.

O perdão cristão da realidade, diferentemente de outras formas de erradicar o pecado, exige também carregá-lo, isto é, a “encarnação no mundo de pecado, no mundo dos pobres, deixar-se afetar por sua pobreza e participar de sua fraqueza”<sup>374</sup>. Essa encarnação requer conversão que leva à solidariedade com eles. É um abrir-se à realidade, captar sua verdade e suas exigências<sup>375</sup>. É preciso dispor-se a carregar o pecado, isso supõe fortaleza para se manter firme quando sua erradicação se torna custosa e o pecado reverte-se contra quem o carrega; supõe manter a esperança quando essa fica escura; supõe ativa disponibilidade ao maior amor, a dar a vida pelos pobres cuja vida se quer fomentar; em síntese, passar pelo destino do servo para se transformar em luz e salvação através da escuridão e do fracasso<sup>376</sup>.

O perdão ao pecador é o que “reproduz o gesto de benignidade de Deus”<sup>377</sup>, mostrando uma fé específica em Deus: fé no Deus da graça, da ternura e no seu mistério, impotente também para transformar a liberdade do pecado. Fé no Deus da Aliança, tantas vezes, rompida pelos homens, mas mantida e “cada vez oferecida com maior radicalidade como iniciativa gratuita, definitiva e irrevogável”<sup>378</sup>. O perdão ao pecador deixa clara a iniciativa salvadora de Deus, a qual nada - nem o pecado nem o pecador - pode fazer mudar: que Deus nos

---

<sup>372</sup> “Se luta contra o pecado destruindo e plantando: Destruindo objetivamente os ídolos que matam, concretamente, as estruturas de opressão e violência; construindo novas estruturas de justiça e propiciando as medidas adequadas para isso, a conscientização e organização política, social e pastoral, os movimentos de libertação, tudo o que se dirigir à mudança de estruturas” (OPM 101-102).

<sup>373</sup> OPM 102.

<sup>374</sup> OPM 102.

<sup>375</sup> “Carregar o pecado significa também carregar todo o peso do pecado que ameaça e destrói, tanto o servo sofredor de Javé como o que luta contra ele. Sejam quais forem as teorias sobre a erradicação do pecado e a função do sofrimento nessa erradicação, cristãmente não se erradica o pecado a partir de fora dele mesmo nem apenas opondo outro poder – embora deva ser oposto à sua força destruidora” (OPM 102-103).

<sup>376</sup> É agir com amor radical, com verdadeira fé no Deus da vida, da defesa dos pobres, da libertação, da ressurreição; fé no Deus que é mistério e “que continua mistério, crucificado nos pobres e nos que os defendem, que mantém, todavia, a esperança no futuro, e continua atraindo a história para si” (OPM 103).

<sup>377</sup> OPM 106.

<sup>378</sup> OPM 106.

amou primeiro (1Jo 4,11), quando ainda éramos pecadores (Rm 5,8). Na história real, é preciso tornar verdadeira a fé nesse Deus, mostrar sua gratuidade, dispondo-se a perdoar o pecador<sup>379</sup>.

Sobrino insiste na espiritualidade do perdão. Perdoar a realidade e o pecador exige uma espiritualidade que integre os diversos aspectos que historicamente estão em tensão: no nível estrutural, a relação entre erradicação do pecado e o perdão ao pecador; na vida cotidiana, o perdão das ofensas e sua relação com o grande perdão estrutural. Uma espiritualidade do perdão leva em conta esses aspectos e integra-os unificadamente, e isso “é coisa do espírito”<sup>380</sup>.

No nível estrutural, manter a tarefa inevitável de erradicar o pecado significa libertação, amar o pecador e erradicar o pecado. A espiritualidade do perdão deve integrar a tensão entre amor e destruição. “Por amor se deve estar disposto à acolhida do pecador, perdando-lhe, e se deve estar disposto a lhe impossibilitar os frutos desumanizantes para outros e para ele mesmo”<sup>381</sup>. É a espiritualidade de Jesus que ama a todos: “ama os oprimidos estando com eles, e ama os opressores estando contra eles”<sup>382</sup>. Por amor aos oprimidos, Jesus diz a verdade aos opressores, denunciando-os, desmascarando-os. Paradoxalmente Jesus está, também, a favor dos opressores. Numa forma paradoxal de amor, Jesus oferece-lhes salvação destruindo-os como pecadores. O amor de Jesus é de perdão à pessoa do opressor. É um amor de perdão regenerador, recriador. Jesus acolhe, perdoa, liberta e salva o pecador<sup>383</sup>.

Sobrino cita Dom Romero que exemplificou cabalmente essa “espiritualidade em tensão”, acolhendo e querendo bem aos opressores, “perdoou-os em sua morte, mas antes de qualquer coisa desejava que deixassem de ser opressores”<sup>384</sup>. Movido por amor, profeticamente, denunciava-os e exortava-os em nome de Deus a deixarem os caminhos da opressão e da repressão, “pelo bem dos oprimidos e pelo bem deles mesmos”<sup>385</sup>.

A espiritualidade do perdão tem de ser exercitada no nível estrutural, mas também na vida cotidiana. É necessário que cada cristão(ã) reconheça e re-descubra o seu próprio mundo de pecado e de perdão, isto é, descobrir as opressões típicas dentro das comunidades: o machismo, o autoritarismo de seus líderes, o desinteresse pelas responsabilidades, o egoísmo

---

<sup>379</sup> OPM 106.

<sup>380</sup> OPM 107.

<sup>381</sup> OPM 107.

<sup>382</sup> OPM 107.

<sup>383</sup> OPM 107-108.

<sup>384</sup> OPM 108.

<sup>385</sup> OPM 108.



e a ânsia de dominação. Isso ajuda ao cristão(ã) a re-descobrir a essência do pecado comunitário: as pequenas mortes dentro dela, o que divide e confronta seus membros, o que afasta o reino da fraternidade e ajuda-o(a) a re-descobrir a essência e a finalidade do perdão. A acolhida e o perdão são essenciais na transmissão do amor de Deus. Sem perdão, não pode haver reconciliação, nem comunidade, nem reino de Deus<sup>386</sup>. Quem sente o pecado em si sabe perdoar e comprometer-se com a erradicação do pecado da sociedade<sup>387</sup>.

A América Latina é lugar de pecado, mas também lugar de perdão. Sobrino faz referência a João Paulo II que disse: “no dia do juízo os povos do Terceiro Mundo julgarão o Primeiro Mundo”<sup>388</sup>. Crê que os povos do Terceiro Mundo “carregam o pecado de todo o mundo, e por isso são os que podem perdoar e, historicamente, os únicos que podem perdoar o pecado do mundo”<sup>389</sup>. Menciona também K. Rahner: “só quem se sabe perdoado, se sabe pecador”<sup>390</sup>. Segundo ele, a tragédia do Terceiro Mundo deveria gerar a consciência de pecado ao Primeiro Mundo; mas se não a gera, nem sequer o perdão oferecido pelos povos crucificados a gerará, permanecendo em aberto a pergunta, o que converterá o Primeiro Mundo<sup>391</sup>? Os povos crucificados fazem descobrir o pecado do mundo, dispondo-se a perdoá-lo e a acolher o mundo pecador para humanizá-lo e convidam todos a lutar contra o pecado para humanizar a realidade. Sendo esse descobrimento, essa acolhida e esse convite aceitos, “então serão possíveis de reconciliação, a solidariedade e o futuro do reino de Deus na história”<sup>392</sup>. Sobrino afirma: “É isto que, em último termo, está em jogo para a humanidade atual na espiritualidade do perdão”<sup>393</sup>.

### 3.3.2 - Historizar no mundo a práxis misericordiosa de Jesus de Nazaré a partir das vítimas

Historizar uma práxis significa atualizá-la com o mesmo espírito original. Assim, historizar a práxis misericordiosa de Jesus de Nazaré exige da fé cristã, no mundo atual, uma autêntica opção pelos pobres. A encarnação junto aos pobres constitui-se no critério fundamental da inculturação do evangelho, num empenho ativo para atualizar o amor misericordioso e o caminho salvífico de Cristo. Para Sobrino, uma determinada realidade

---

<sup>386</sup> OPM 109.

<sup>387</sup> OPM 110.

<sup>388</sup> OPM 111.

<sup>389</sup> OPM 111.

<sup>390</sup> OPM 111.

<sup>391</sup> OPM 111.

<sup>392</sup> OPM 111.

<sup>393</sup> OPM 111.

histórica, na qual se crê que Deus e Cristo continuam presentes, constitui-se, por isso, lugar teologal. Para a América Latina, a teologia define como realidade substancial os pobres deste mundo. Citando Ellacuría, sublinha: “os pobres constituem a máxima e escandalosa presença profética e apocalíptica do Deus cristão”<sup>394</sup>. Verifica-se que, na atitude de Jesus, em sua opção pelos pobres e marginalizados, vibra uma indignação em defesa do pobre e do pecador. Essa indignação em defesa da vida é uma exigência da prática cristã de quem opta por ela.

A opção pelo mundo dos pobres é decisiva para a vida cristã. Para Sobrino, ela é totalizante por ver a totalidade, conscientemente, a partir de uma parte, favorecendo uma visão e inserção melhor na totalidade do Cristo. Essa percepção do mundo dos pobres desafia a teologia a mudar sua autocompreensão para começar a compreender-se, como *intellectus amoris*, concretamente como *intellectus misericordiae, justitiae, liberationis*<sup>395</sup>. Aceitar que haja luz no mundo dos pobres já é uma opção; a partir deles se pode olhar mais longe e melhor. Percebe-se no AT e no NT, do Servo de YHWH a Jesus Cristo, a presença fortalecedora, reanimadora e salvadora de Deus na história, sendo a realidade dos pobres o fio condutor do pensar bíblico, teológico e cristológico de toda a Igreja que reflete a luz de Cristo<sup>396</sup>.

A atualização no mundo da práxis misericordiosa de Jesus requer reportar-se à Galiléia, lugar da vida histórica de Jesus, lugar do pobre e do pequeno. Hoje, a realidade dos pobres continua constituindo o lugar teológico por excelência, a partir do qual o cristão(ã) deve seguir e manter Jesus presente na história: o Jesus histórico de Nazaré, o homem misericordioso e fiel até o final, o sacramento perene de um Deus libertador agindo neste mundo<sup>397</sup> produzindo salvação na história, por amor, como uma grande oferta de humanização.

A verdade dos pobres apresenta-se, automaticamente, como exigência ética à que todo o cristão(ã) deve responder, não só com um juízo teórico, mas também com um juízo prático, com ações concretas. “Não basta registrar na consciência, mas como verdade diante da qual é preciso reagir”<sup>398</sup>. A descoberta da realidade dos pobres é a origem da solidariedade, é um apelo e um questionamento ao ser humano como ser social inserido em toda a humanidade; é uma exigência de mudança e de conversão para recuperar a identidade humana falseada. “Oferece ao ser humano a possibilidade de recuperar essa identidade através da co-responsabilidade para com o pobre”<sup>399</sup>.

Todo ser humano e cristão deve perguntar-se seriamente: por que alguns vivem na abundância e outros morrem por não terem as condições mínimas para poder sobreviver? Além disso, o cristão(ã) precisa deixar-se afetar pela dor e pelo sofrimento dos pobres e mover-se solidariamente em favor de sua vida. Reagir e responder à dor dos pobres é uma exigência ética e também uma prática salvífica para quem se solidariza com os pobres. Quem assim age, também recupera o sentido profundo de sua própria vida, recupera a dignidade de ser homem ou mulher integrando-se de alguma forma na dor e no sofrimento dos pobres. De

<sup>394</sup> JCL 50.

<sup>395</sup> “Enquanto a fé é um caminhar com uma práxis para descer da cruz as vítimas, a teologia é *intellectus amoris*; enquanto a fé é um caminhar com a esperança de que Deus faça justiça e o carrasco não triunfe sobre a vítima, a teologia é *intellectus spei*; enquanto a fé é um não poder deixar de caminhar porque algo, anterior a nós, nos move (semelhante ao fogo ardente preso aos ossos impossível de abafar – cf. Jr 20,9), a teologia é *intellectus gratiae*. Assim, o cristianismo pode ser pensado como uma religião do caminhar na história”. (FJC 498-499).

<sup>396</sup> JCL 53-54.

<sup>397</sup> JCL 392.

<sup>398</sup> HERNANDES PICO, J. / SOBRINO, J. *Solidários pelo reino: os cristãos diante da América central*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 71.

<sup>399</sup> Idem, *op. cit.*, p. 71.

forma insuspeitada recebe “olhos novos para ver a verdade última das coisas, e novos ânimos para percorrer caminhos desconhecidos e perigosos”<sup>400</sup>. Desta forma acontece a ajuda mútua: quem ajuda aos pobres recebe deles o sentido para a própria vida.

O que ilumina o despertar e a decisão e fundamenta uma opção pelos pobres, na dimensão encarnatória da fé cristã, é, certamente, a espiritualidade do seguimento, como vida segundo o Espírito<sup>401</sup>. É no dinamismo desta espiritualidade que se regenera a possibilidade de refazer e atualizar, na história, a vida, a práxis, a missão e o destino de Jesus como caminho humanizador-salvífico. A força e o dinamismo do Espírito atualizam o seguimento para dentro dos novos contextos que despontam e desafiam a vida cristã<sup>402</sup>.

A atualização do caminho humanizador e salvífico de Cristo, na forma de seguimento, aponta para a encarnação, do fazer-se *carne* de Cristo, assumindo o que há de fraco e pequeno na história<sup>403</sup>. Este fazer-se *carne* implica uma atitude de *Kênosis*, como realização histórica do amor, da misericórdia e da ternura.

O segredo que anima uma encarnação evangélica misericordiosa e compassiva, na realidade, é o cultivo de uma espiritualidade do seguimento; é ser o que Jesus foi. Segundo Casagrande, seguir Jesus, hoje, é ser Jesus na própria carne, na própria história, para a vida e salvação do mundo. Essa é uma contribuição específica para a história na atualização da missão de Cristo. Sabe-se que o seguimento inclui tentações no deserto da vida, conflitos com os poderes do anti-reino, perseguição e cruz. Há os que seguem Jesus sem a cruz e há os que estão na cruz sem Jesus. O que fazer? Seguir Jesus inteiro: encarnado, morto e ressuscitado<sup>404</sup>.

A prática de uma espiritualidade do seguimento refontiza a práxis do cristão(ã) no caminho de encarnação histórica e revela sua dimensão exodal e pascal quando se sente interpelado(a) e convocado(a) a enraizar-se em Deus. O cristão(ã) deixa-se impregnar pela misericórdia de Deus, assumindo o compromisso de carregar e encarregar-se das dores e sofrimentos que prostram as vítimas da exclusão. Deixa-se inspirar e conduzir pelo Espírito de Jesus ressuscitado; dispõe-se a aprender a escutar a Deus e a escutar a vida com ouvidos de discípulo(a) (Is 50,4); deixa-se atingir pelos clamores e gemidos dos rostos sofridos, o que requer disposição para *esvaziar-se* e *abaixar-se* (Fl 2,6-11) ao mesmo nível das *vítimas*, a reafirmar sua resposta de fidelidade a Cristo na opção pelos pobres como imperativo do evangelho.

A vivência de uma espiritualidade de seguimento que quer *descer* ao cerne da realidade não pode acomodar-se numa cultura de vida fácil, confundida pela mentalidade pós-moderna, que arruma a pobreza e a miséria do mundo subdesenvolvido em local sempre mais distante, sem rosto, sem dar um lugar central às vítimas. Referindo-se ao ambiente psicossocial, cultural, filosófico do espírito da época atual, Sobrino concorda com Casaldàliga que coloca o dedo na chaga ao referir-se àqueles que acreditam ser hora de mudar os paradigmas; que os mártires estorvam essa memória pós-moderna ou pós-militante. E em face da decepção, amigos e inimigos vêm lançando perguntas provocadoras: o que sobra do socialismo? O que resta da

<sup>400</sup> Idem, *op. cit.*, p. 74.

<sup>401</sup> No seguimento do Jesus histórico não se reproduz hoje (mecanicamente) uma vida (vivida por Jesus mecanicamente), mas se reproduz e se atualiza hoje (com Espírito) uma vida (que foi vivida com Espírito). O seguimento é, então, o lugar de historizar as manifestações do Espírito e é o lugar de entrar em sintonia com o Espírito de Deus [...]. É o Espírito que nos ensina quem é Jesus. (FJC 487).

<sup>402</sup> BOMBONATTO, V. I. “Rever e atualizar o conceito de seguimento”. In: *Há uma esperança para o seu futuro*. Palestra da XIX AGO. Rio de Janeiro: CRB, 2001, pp. 74 -79.

<sup>403</sup> JAL 235.

<sup>404</sup> Cf. CASAGRANDE, M. “O seguimento de Jesus na inserção. Espiritualidade”. In: *Convergência*, Rio de Janeiro, n. 306, p. 499-500, out., 1997.

teologia da libertação? O que fica da opção pelos pobres? E Casaldáliga arremata: “Espero que não acabemos por nos perguntar: o que sobra do evangelho?”<sup>405</sup>.

### 3.3.3 – Refazer a vida, deixando-se orientar pelo princípio misericórdia

A misericórdia “constitui o conteúdo fundamental da mensagem messiânica de Cristo e a força constitutiva de sua missão”<sup>406</sup>. Ela relaciona sistematicamente Jesus com o Pai e com o Reino que, anunciado e instaurado por Jesus, é oferecido preferencialmente aos excluídos e é, fundamentalmente, uma realização da misericórdia divina. Neste sentido, o Reino de Deus é tido como uma nova ordem “segundo o coração de Deus”. Jesus, a quem Hb 2,17 se refere como Sumo Sacerdote compadecente, é o ícone por excelência do “Pai da misericórdia e Deus de toda consolação” (2Cor 1,3). Nele a misericórdia divina se torna palpável e próxima do ser humano<sup>407</sup>.

O cristão(ã), em relação ao pobre e necessitado, deve segundo o exemplo de Jesus, agir misericordiosamente e empenhar-se pela sua vida. A misericórdia é o princípio estruturante da vida de Jesus; configura toda sua existência, determina sua missão e provoca seu destino. Seu modo de ser é essencialmente misericordioso. Por meio de Jesus é anunciada a aproximação de Deus como Pai bondoso e como boa notícia. Em sua pregação ele mostra Deus acercando-se dos pobres e pecadores. Denuncia e desmascara os que impedem a aproximação gratuita do Reino de Deus e agem contra ela oprimindo econômica, política e religiosamente os pobres indefesos. “Com palavras e ações Jesus acentua que essa aproximação do Reino e do Pai é para os pobres e pequenos, e para os pecadores segundo a lei”<sup>408</sup>.

O cristão(ã) pode e deve inspirar-se em Jesus para aprender dele o verdadeiro espírito do amor misericordioso que é apresentado, particularmente, no Evangelho de Lucas com uma fisionomia pessoal direta. O Evangelho de Lucas mostra Jesus revelando, em gestos, o amor especial de Deus pelos pobres e os últimos (cf. Lc 4,18-19). Sua presença junto aos pobres e sofridos permite-lhes experimentar paz e encontrar-se no mais fundo de si mesmos. Sua presença misericordiosa é re-confortadora e reintegra a vida (cf. Lc 5,17). Jesus é próximo e solidário com os pequenos e últimos (Lc 8,40-56; 13,10-13; 18,1-5; 21,1-4). Ele convive com os pobres (Lc 5,12-14), anda com eles (Lc 6,17; 7,11); senta com eles (Lc 9,14), partilha com eles (Lc 9,16); anima-os (Lc 8,4), questiona-os (Lc 17,17-18) e defende-lhes a vida (Lc 10,34). Sua atenção e misericórdia voltam-se para o sofredor como indivíduo entranhado com ele numa solidariedade solícita. O cristão(ã) encontra, na vida e na práxis de Jesus, a inspiração para a sua vida e prática misericordiosa<sup>409</sup>.

A misericórdia expressa o amor cristão; é caridade-em-ação, solidariedade do cristão(ã) com a pessoa sofredora, orientada por uma pedagogia gratuita: começa com o ver e o ouvir as necessidades concretas dos pobres e sofredores, deixando-se tocar pela sua dor; interioriza seu sofrimento; comove-se e se acerca dele com o coração. A práxis misericordiosa age solidariamente com o sofredor necessitado. Para Matos, a compaixão se transforma em

<sup>405</sup> FJC 13-16.

<sup>406</sup> JOÃO PAULO II. *Dives in Misericordia*, op. cit., n. 44.

<sup>407</sup> Cf. MATOS, H. C. J. “Uma espiritualidade de Misericórdia”. In: *Convergência*, Rio de Janeiro, n. 305, p. 414, set., 1997.

<sup>408</sup> OPM 192.

<sup>409</sup> Cf. MATOS, H. C. J. “Uma espiritualidade de Misericórdia”, art. cit., pp. 414-415.

exigência ética incontornável, num compromisso de partilha. Em gestos solidários concretos de ajuda e proximidade. Essa ajuda solidária resulta num mútuo dar e receber. Assim, quem dá, recebe e quem recebe, dá; dá-se uma humanização recíproca. Acontece a conversão, modificando radicalmente a vida cristã, conferindo-lhe um sentido novo e humanizador<sup>410</sup>.

A realidade antimisericórdiosa da América Latina que exclui e mata milhares de vidas exige uma postura e uma atitude misericórdiosa que humaniza e favorece a vida do povo crucificado. Os rostos sofridos e desfigurados convocam, por si sós, a consciência do cristão(ã) a contemplar, neles, a fisionomia do próprio Senhor, o Servo Sofredor. Abrir os olhos para essa realidade é fortalecer o evangelho, renovando por dentro o tecido social. Assumir essa causa como boa notícia é assumir a causa da vida para todos, mas requer discernimento evangélico para não se deixar arrastar pela corrente do sistema antimisericórdioso<sup>411</sup>.

Uma atitude prática de misericórdia convoca a assumir a luta por estruturas mais justas e leva ao confronto inevitável com os rostos individuais que clamam por misericórdia. A prática solidária no nível pessoal contribui para a formação de uma grande rede de misericórdia, influenciando na transformação das estruturas sociais. A luta pela justiça social, por sua vez, remete à práxis concreta e real da misericórdia em dimensões pessoais<sup>412</sup>.

Introduzir na vida o mistério da misericórdia revelado no seu grau mais elevado em Jesus Cristo é uma das exigências mais urgentes da vida cristã<sup>413</sup>. Assumir atualizadamente essa exigência evangélica da misericórdia tem perspectivas de futuro. A atitude samaritana precisa ser assumida fora e dentro da Igreja. O cristão(ã), que assume essa atitude, irá conscientemente ao encontro do drama humano; estará à escuta dos clamores das pessoas sofridas e desloca-se para solidarizar-se com elas<sup>414</sup>. A misericórdia será cultivada na vida e na práxis cristãs como uma exigência evangélica e como uma fidelidade à herança do Senhor. Sem excluir ninguém, o cristão(ã) é chamado a aproximar-se, misericordiosamente, também dos afastados e acolhê-los com amor benevolente, sendo sinal e presença viva da misericórdia divina<sup>415</sup>.

---

<sup>410</sup> Cf. Idem, art. cit., pp. 415-416.

<sup>411</sup> Cf. Idem, art. cit., p. 416.

<sup>412</sup> Cf. Idem, art. cit., p. 416. A propósito Moreira comenta que a práxis da compaixão e da misericórdia é profunda, capaz de alcançar o mais humano existente na pessoa e percorre todo o chão da história da salvação-libertação humana do seu início no Êxodo (1250 a.C., mais ou menos) do povo hebreu, passando por Jesus chega à era atual e vai até o fim dos tempos. Nesse caminhar histórico aparece claramente que a compaixão misericórdia foi sendo explicitada e encarnada por pessoas e comunidades chegando à sua plenitude com Jesus de Nazaré. (Cf. MOREIRA, G. *Compaixão Misericórdia*. Uma espiritualidade que humaniza. São Paulo: Paulinas, 1996, pp. 71-72).

<sup>413</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Dives in Misericordia*, op. cit., n. 96. No mesmo documento João Paulo II afirma: “A Igreja deve dar testemunho da misericórdia de Deus revelada em Cristo, ao longo de toda a sua missão de Messias, professando-a em primeiro lugar como verdade salvífica de fé e necessária para uma vida coerente com a fé; depois, procurando introduzi-la e encarná-la na vida tanto dos fiéis como na medida do possível, na de todos os homens de boa vontade” (DM, n. 78).

<sup>414</sup> “Para conhecer a verdadeira realidade é preciso estar perto dela; pois, se estiver afastado dela, o homem tende irremediavelmente a imaginá-la de maneira falsa e a manipulá-la. Na linguagem cristã, estar na realidade não é simplesmente estar em algum lugar ou querer estar no lugar correto; é a decisão positiva de chegar a estar onde se deve estar. Este chegar a estar é algo ativo; como se diz transcendentalmente de Cristo que se tornou carne humana; e, mais concretamente para o nosso objetivo, que, “sendo rico, se fez pobre” (2Cor 8,9). Esta disponibilidade ativa no sentido de encarnar-se no pobre deste mundo, de que esse pobre impregne hábitos e atitudes, que dirija o conhecimento e o interesse, supõe uma decisão fundamental do espírito”. (SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*. Estrutura e Conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992, p.44).

<sup>415</sup> Cf. MATOS, H. C. J. “Uma espiritualidade de Misericórdia”, art. cit., p. 417.

Segundo Sobrino, a Igreja e todo cristão que age assim podem “comunicar *in actu* que seu anúncio, por palavra e obra, é *eu-aggelion*, boa notícia que não só é verdade mas também produz alegria”<sup>416</sup>. A misericórdia está incluída no conteúdo fundamental da mensagem evangélica proclamada por Jesus nas bem-aventuranças (cf. Mt 5,7). Matos vê a prática da misericórdia como princípio de humanização da consciência que, alimentada pela espiritualidade evangélica, gera e sustenta a verdadeira fraternidade cristã. Onde falta a dimensão da misericórdia, a vida cristã se torna vazia e sem sentido. Ela estabelece um ambiente de acolhimento, de ternura e de perdão mútuo que possibilita a vivência do amor verdadeiro onde transparece em palavras, gestos e ações a benevolência de Deus<sup>417</sup>.

A vida e a prática do amor misericordioso cultiva-se e sustenta-se pela espiritualidade da misericórdia que se torna um princípio orientador no ser e no fazer cristãos. Esse princípio orientador exige um cultivo constante ao longo da caminhada e contém em si a gratuidade do relacionamento, a dimensão desinteressada do amor-doação. Para o cristão(ã) o princípio misericórdia possibilita a compreensão da vida como um serviço a Deus e aos irmãos, a exemplo de Jesus que: “não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos” (Mc 10,45)<sup>418</sup>.

Quem se orienta pelo princípio misericórdia para refazer a vida como Jesus, luta pelos valores humanos e cristãos em favor do pobre oprimido. Segue Jesus em suas atitudes para com os outros, dando preferência às pessoas mais carentes e necessitadas de vida, mostrando que o Reino já se faz presente na contestação de uma sociedade de exclusão. Cultiva um estilo de vida interior de abertura amorosa às pessoas que encontra no caminho, acolhendo-as com amor compassivo e misericordioso que se interessa em construí-las e promovê-las com uma vida digna<sup>419</sup>.

Sobrino crê que a misericórdia assumida como princípio orientador da vida e práxis cristã humaniza-a e cristifica-a, porque constitui a estrutura fundamental do ser cristão. O princípio misericórdia, entendido como “um amor específico que está na origem de um processo, mas que além disso permanece presente e ativo ao longo dele, dá-lhe uma determinada direção e configura os diversos elementos dentro do processo”<sup>420</sup>, é fundamental e central na ação de Deus Pai e de Jesus, o Profeta do Reino. Da mesma forma, deve ser a inspiração na prática do cristão(ã) que, como discípulo(a), se dispõe a descer da cruz os povos crucificados e a refazer-lhes a vida segundo o ensinamento, a vida e a práxis misericordiosa de Jesus. Segundo Sobrino “elevar a princípio esta misericórdia pode parecer um mínimo; mas, segundo Jesus, sem ela não há humanidade nem divindade e, com todos os mínimos, é um verdadeiro máximo. Esse mínimo-máximo é o primeiro e último”<sup>421</sup>.

### 3.3.4 – Uma práxis misericordiosa que fortaleça a fé e anime a esperança dos pobres

<sup>416</sup> OPM 45.

<sup>417</sup> Cf. MATOS, H. C. J. “Uma espiritualidade de Misericórdia”, art. cit., p. 418

<sup>418</sup> Cf. Idem, art. cit., pp. 418-419.

<sup>419</sup> Cf. Idem, art. cit., p. 419.

<sup>420</sup> OPM 32. (Cf. também SOBRINO, J. Iglesias ricas y pobres, y el principio-misericordia. Una Iglesia “pobre” es una Iglesia “rica en misericordia”. *Revista Latinoamericana de Teología*. San Salvador, n. 20, p. 315, 1990).

<sup>421</sup> OPM 35.

Clamores como os dos israelitas no Egito (Ex 3,7), no exílio babilônico (Is 40,27), como o dos pobres e oprimidos do tempo do Jesus histórico (cf. Mt 25,35s.; Lc 6,20-21; 13,10-17; 16,19-31) e como o de Jesus na cruz (Mt 27,46) continuam ressoando no mundo, expressando a dor e o sofrimento de milhares de pessoas humanas, causados pela injustiça e pela desigualdade social que fere e mata povos inteiros<sup>422</sup>.

Semelhante situação exige de todo cristão(ã) uma atitude evangélica de compromisso e solidariedade no empenho em recuperar a fé e a esperança dos povos crucificados. Que o cristão(ã) seja presença da ternura e da misericórdia de Deus, mantendo-se fiel ao longo da história a exemplo da teologia da misericórdia dêutero-isaiana; do ensinamento, da vida e da práxis de Jesus, apresentados no Evangelho e da teologia o princípio misericórdia de Sobrino. Sem ingenuidade e sem fechar os olhos a essa dramática realidade, todo cristão(ã) é desafiado a assumir uma atitude samaritana de misericórdia compassiva capaz de animar a fé e a esperança do povo sofrido; a descobrir, a partir desse mundo de pobres, os sinais da presença de Deus e a chama da esperança que não se deixa apagar. Segundo Sobrino, existe algo no bem que não morre. Cita Ann Manganaro: “Vendo os rostos, ouvindo as histórias, meu coração não pôde deixar de doer. Mas não estou triste. Estou aprendendo no meio desta gente o que sempre havia esperado que fosse verdade: o amor é mais forte que a morte”<sup>423</sup>. O evangelho está enraizado na história e a esperança no coração humano e não poderão ser desenraizados.

A esperança é força que anima o povo de Deus, ao longo de toda a história da salvação. O Dt-Is, em sua missão, procura recuperar e re-animar a fé e a esperança de Israel que sofre no exílio babilônico. O cristão(ã) de hoje é desafiado(a) a ser sinal de esperança e a dar esperança ao povo sofrido. Segundo Sobrino, a esperança deve ser uma atitude central na práxis cristã, assegurando aos pobres e oprimidos deste mundo a certeza de que é possível um outro modo de viver. Ele cita também vários testemunhos: Roskefeller vê a esperança que faz o pobre dizer: “pode-se viver de outra maneira”, como a maior ameaça da riqueza; Dom Romero que, em meio à repressão e morte, dizia: “Eu, cheio de esperança, não só em Deus mas nos homens, digo: ‘Sim, há saída’”. Ignácio Ellacuría dizia que é preciso reverter a história, missão que deve ser assumida junto com os pobres e oprimidos, utópica e esperançosamente<sup>424</sup>.

Para Boff, a realidade histórico-social dos “povos latino-americanos caracteriza-se por imensas esperanças que emergem de um mar de opressões”<sup>425</sup>. Culturas oprimidas, raças humilhadas, classes exploradas e periferias marginalizadas denotam o rasgão que atravessa todo o tecido social. Junto dessa realidade, os oprimidos se mobilizam e organizam a resistência, procurando avançar rumo à sua libertação. “Face a esta realidade, não resta ao cristão(ã) outra opção evangélica mais pertinente que uma opção pelas culturas dos oprimidos e marginalizados em vista de sua libertação”<sup>426</sup>. Todo cristão(ã) é desafiado(a) a comprometer-se com a transformação social, colocando-se a serviço da vida dos pobres e oprimidos.

<sup>422</sup> “A passagem do Êxodo: ‘Eu vi, eu vi a aflição do meu povo no Egito, ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores, tomei conhecimento das suas angústias. E eu desci para livrá-los das mãos dos egípcios e para fazê-los subir desse país para uma terra boa e espaçosa’ (Ex 3,7-8) continua sendo o paradigma transcendental da resposta correta para a realidade dos pobres”. (SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, op. cit., p. 45).

<sup>423</sup> Cf. SOBRINO, J. “Um Jubileu total. Dar esperança aos pobres e deles recebê-la”. In: *Concilium*, Petrópolis, n. 383. p. 151, 1999.

<sup>424</sup> Cf. Idem, art. cit., p. 152.

<sup>425</sup> BOFF, L. *Nova Evangelização*. Perspectiva dos oprimidos. Fortaleza: Vozes, 1990, p. 122.

<sup>426</sup> Idem, op. cit., pp. 122-123. A propósito Gutiérrez insiste na necessidade de estar atento(a) aos sinais da atual presença do Reino na história. Dar atenção ao juízo de Deus acerca da situação em que vivem as grandes maiorias da América Latina. Estar atento(a) ao que assinala uma reação contra o que é contrário ao Reino da vida, aos gestos de solidariedade entre os pobres, às suas expressões de respeito por todas as dimensões da

A raiz e a força da esperança que desafia a prática cristã se encontra na boa notícia de Deus trazida por Jesus. Sobrino crê que “a fé cristã tem como verdade central e inamovível que Deus é boa notícia, e que como tal, se mostrou Jesus”<sup>427</sup>. Jesus manifestou, de modo humano, a benignidade de Deus (cf. Tt 2,11) e a sua misericórdia (cf. At 10,38). A boa notícia de Jesus é anúncio de vida e de esperança, sobretudo para os pobres a quem anuncia a proximidade do Reino de Deus (Mc 1,14). O cristão(ã) na sua práxis ética deverá ter presente a importância desse compromisso de ser sinal da esperança do Reino junto aos pobres<sup>428</sup>.

A proximidade de Deus e sua estreita ligação em relação aos pobres, encarnada e testemunhada como boa notícia através da vida e da práxis humana de Jesus, é o modelo para os cristãos em relação aos pobres e necessitados deste mundo. Sobrino insiste na necessidade do testemunho da boa nova que os cristãos devem dar à humanidade, deixando-se afetar diretamente por Jesus. Crê que a boa notícia “só dará esperança aos pobres deste mundo se ela for e agir como Jesus”<sup>429</sup>. Assim, a teologia da misericórdia desafia e interpela todo cristão(ã) a encarnar a boa notícia do Reino com prioridade no mundo dos pobres. Isso significa que todo cristão(ã) deve atualizar “a compaixão de Deus, com a conotação de parcialidade e ternura para com os pobres”<sup>430</sup>.

Outra exigência à vida cristã é a de assumir um comportamento ético. Uma atitude de abertura à proposta de conversão do Reino, que gera uma nova atitude para com Deus e com o irmão. Supõe ruptura, “mas significa, sobretudo, aprender um caminho novo, sempre novo”<sup>431</sup>. Sobrino crê que a mais urgente exigência cristã é o sair de si e aprender a caminhar um caminho novo em solidariedade com as vítimas deste mundo, é lutar pela sua humanidade. Para ele, a maior solidariedade consiste em ajudar a reconstruir o humano nas pessoas. Animar-lhes a esperança caminhando com elas, praticando a justiça e amando-as com ternura e misericórdia<sup>432</sup>.

A verdade dos pobres como situação de injustiça e opressão se apresenta, atualmente, como exigência ética para responder com um juízo teórico, mas também com um juízo prático, com ações concretas “não basta registrar na consciência, mas como verdade diante da qual é preciso reagir”<sup>433</sup>. A descoberta da realidade dos pobres dá origem à

---

pessoa humana, à alegria e a esperança dos pobres em meio ao sofrimento, ao aprendizado de uma oração profunda no seio de uma luta pela libertação. Esses são sinais da realização do Reino já presente, mas ainda não em plenitude. Visão dinâmica da história, movida pelo dom do Reino. (Cf. GUTIÉRREZ, G. *O Deus da vida*, op. cit., pp. 136-137).

<sup>427</sup> Cf. SOBRINO, J. “Um Jubileu total. Dar esperança aos pobres e deles recebê-la”, art. cit., p. 153.

<sup>428</sup> Cf. Idem, art. cit., p. 154. O Documento de *Puebla* reafirma: “Os pobres merecem uma atenção preferencial, seja qual for a sua situação moral ou pessoal em que se encontrem. Criados à imagem e semelhança de Deus para serem seus filhos, esta imagem obscurecida e também escarnecida. Por isso Deus toma sua defesa e os ama”. (D. *Puebla* 1142).

<sup>429</sup> Idem, art. cit., p. 155. Sobrino insiste na necessidade de configurar-se com Jesus afirmando: “Parecer-se com Jesus é reproduzir a estrutura de sua vida. Segundo os Evangelhos, isto significa *encarnar-se* e chegar a ser carne na história real. Significa levar a cabo uma missão, anunciar a boa notícia do reino de Deus, iniciá-lo com sinais de todo o tipo e denunciar a espantosa realidade do anti-reino. Significa *carregar o pecado do mundo*, sem ficar somente olhando-o de fora – pecado, certamente, que continua mostrando sua maior força no fato de causar morte a milhões de seres humanos. Significa, finalmente *ressuscitar*, tendo e dando aos outros vida, esperança e alegria” (OPM 31).

<sup>430</sup> SOBRINO, J. “Um Jubileu total. Dar esperança aos pobres e deles recebê-la”, art. cit., p. 156.

<sup>431</sup> GUTIÉRREZ, G. *O Deus da vida*, op. cit., p. 137.

<sup>432</sup> Cf. SOBRINO, J. A propósito do terremoto de El Salvador. *Convergência*, Rio de Janeiro, n. 340, p. 118, março/ 2001.

<sup>433</sup> PICO, J. H./ SOBRINO, J. *Solidários pelo Reino*. Os cristãos diante da América Latina. São Paulo: Loyola, p. 71.



solidariedade, é uma apelação e um questionamento a pessoa humana como ser social inserido em toda a humanidade; é uma exigência de mudança e de conversão para recuperar a identidade humana falseada; “e oferece ao ser humano a possibilidade de recuperar essa identidade através da co-responsabilidade para com o pobre”<sup>434</sup>.

Urge para todo cristão(ã) acolher o desafio apresentado pela teologia da misericórdia de revestir-se do amor terno e misericordioso de Deus a exemplo de Jesus de Nazaré, testemunhá-lo e atualizá-lo na prática, dentro da realidade de pobreza. Isto requer, certamente, a humilde disposição de *descer*, com reverência e coração misericordioso ao encontro dos pobres, vítimas deste mundo, fortalecendo-os na fé, animando-lhes a esperança no Deus da misericórdia e da vida.

## Conclusão

Deus criador, fonte de toda a vida, que se deixa experimentar como Pai benevolente e misericordioso continua caminhando junto de seu povo, convidando seus filhos(as) a serem participantes criativos na edificação de seu Reino de amor, de justiça e de misericórdia. Confia-lhes o cuidado responsável da vida de todos os seus filhos(as), particularmente dos pobres e indefesos. Ele se coloca à sua frente, na Palavra que gratuitamente continua sendo criadora, animadora, re-confortadora e salvadora.

A teologia da misericórdia desafia todo cristão a encontrar-se com o verdadeiro Deus e a comprometer-se com a realização do projeto de amor de Deus, a empenhar-se pela justiça e pela misericórdia; a espelhar-se na vida e na práxis de Jesus de Nazaré seguindo-o no caminho por ele trilhado, fazendo-se obediente ao Pai e assumindo o compromisso concreto com a vida ameaçada de seus filhos.

Jesus Cristo, o Filho amado, é o referencial inconfundível de todo o cristão. Segui-lo no caminho, espelhar-se nele, identificar-se com ele, em seu modo de ser e de agir, empenhar-se em promover o seu Reino de amor, de justiça e de misericórdia, de humanização, de vida e de libertação impõe-se como exigência incondicional à fé cristã.

Adotar o princípio-misericórdia no seguimento a Jesus, como cristão, é permitir que seu Espírito nos conduza nas aproximações históricas no empenho ativo de realizar o projeto do Reino.

O amor à vida conduz necessariamente ao sofrimento alheio e leva a uma ação misericordiosa; a solidarizar-se com os pobres, vítimas deste mundo; a lamentar e reclamar seus direitos como se estivesse em seu lugar. Quem assim ama, eleva a Deus o clamor e o abandono de todos os oprimidos e injustiçados, e quanto mais se compromete com os sofrimentos dos pobres, mais se sente impelido a inclinar-se em sua direção com amor compassivo e misericordioso.

A partir de Jesus, o Filho amado, servidor da graça e da misericórdia de Deus, é exigência cristã aprender a carregar os limites, a miséria, a fraqueza e o pecado e perdoar o pecador. Assim viveu e agiu Jesus: morreu perdoadando! Toda sua vida revelou um Deus ternura e misericórdia. Ele assumiu as dores e os pecados da humanidade, vencendo sem produzir vencidos pela energia do amor, feito dom-de-si, graças à força inesgotável do Espírito que o iluminou e sustentou na fidelidade ao Pai.

---

<sup>434</sup> Idem, *op. cit.*, p. 71.

Viver a misericórdia, a compaixão e a ternura de Deus é viver e agir segundo a prática do Filho amado diante das situações concretas. Acolher e dispor-se a colocar em prática a recomendação de Jesus: “Vai, e também tu, faze o mesmo” (Lc 10,37).

## CONCLUSÃO

A presente dissertação não tem a pretensão de ser algo acabado, mas quer ser caminho aberto para prosseguir a reflexão da teologia da misericórdia, da compaixão e da ternura, trazendo-a para dentro da vida e da missão cristã. É importante destacar que, no contato com a teologia da misericórdia dêutero-isaiana e sobriniana e com vários autores e bibliografias no processo de leitura, estudo e elaboração desta dissertação, entremearam-se luzes, provocações e esperanças. O amor de Deus cria, acolhe, acompanha, conduz, fortalece, sustenta, reconforta e liberta seus filhos(as) com ternura amorosa e misericórdia compassiva. É uma experiência totalizante, de conversão contínua, de integração, de personalização e de amadurecimento da fé cristã. Urge libertar a “matriz original” da ternura e bondade de Deus no ser humano, criado à sua imagem e semelhança, para que possa historizá-la no mundo em sadias relações de convivência humana.

A realidade de pobreza e de sofrimento, que atinge a maioria dos seres humanos do continente latino-americano, mostram a enorme distância entre essa realidade e o projeto original de Deus que quer a realização plena de todos os seus filhos(as), e levam a considerar a clamorosa urgência de misericórdia que exige uma resposta humana e cristã. A teologia dêutero-isaiana e sobriniana da misericórdia aponta a práxis da misericórdia e da compaixão como uma exigência da fé cristã.

A pesquisa sobre o tema da misericórdia conduziu-nos pelo caminho da ternura e da benevolência de Deus, fundamental para a vida de todo ser humano. A misericórdia é a característica central e identificadora do Deus de Israel que, em seu infinito amor, criou o homem e a mulher e acompanha-os com ternura benevolente ao longo de toda a história.

Chama a atenção, no primeiro capítulo, a maneira criativa com que o Dt-Is transformou o sofrimento dos israelitas causado pelo exílio babilônico em oportunidade teológica, mostrando-lhes a ternura e o amor misericordioso de seu Deus sempre fiel. Ele os conduziu, através de um longo processo de releitura da experiência de fé do passado, possibilitando-lhes o resgate de sua face misericordiosa, fortalecendo a sua fé e recuperando a sua esperança no verdadeiro Deus libertador.

O Dt-Is leva a perceber que a Aliança de amor de Deus para com o povo de Israel tem como fio condutor a imensa benevolência e misericórdia de Deus. Progressivamente *YHWH* se revela como um Pai/Mãe, amando, apaixonadamente, seus filhos(as). Já no início do caminho histórico-salvífico do Povo eleito está a compaixão-misericórdia de *YHWH*, atitude divina central no AT e NT, perdurando ao longo da história. A característica mais saliente do Deus de Israel é de ele estar voltado amorosamente para o pobre, o pequeno, o excluído, o pecador. O sofrimento do seu povo comove o coração de *YHWH*. Ele vê, escuta e vem ao encontro de quem sofre (Ex 3,7-8). Deus se aproxima para salvar; ele se acerca de quem sofre por amor, de forma totalmente gratuita. Israel experimenta esta atitude de seu Deus como fidelidade à Aliança.

A mensagem dêutero-isaiana é toda perpassada da entranhada misericórdia de Deus em relação a seu povo Israel. Com imagens e fórmulas particularmente significativas, o Dt-Is revela o coração misericordioso de Deus. Compara-o ao amor materno terno, afetuoso e benevolente em relação a seu filho (cf. Is 49,15); ao amor de um esposo fiel que cuida dos

filhos, carrega-os nos braços e os reúne (cf. Is 49,18-20; 54); ao cuidado amoroso de um pastor em relação a seu rebanho que apascenta, cuida e conduz, carinhosamente, as ovelhas que amamentam e carrega os cordeiros no regaço (cf. Is 40,11).

A misericórdia e compaixão perpassam todo o itinerário teológico do Dt-Is e estão sublinhados, particularmente, em Is 41,8-14 e Is 49,14-26, cuja exegese foi apresentada no primeiro capítulo desta dissertação. O Dt-Is atesta que a justiça de Deus se realiza pela misericórdia e consiste em restaurar a relação da aliança de amizade gratuita de Deus ternura e compaixão com o seu povo. A libertação da opressão babilônica é o acontecimento histórico que possibilitou a Israel fazer a nova experiência da benevolência e da justiça reveladas na sua misericórdia.

A experiência da ação misericordiosa de Deus, a força da solidariedade e a memória da história despertam no coração dos israelitas a consciência de um novo modo de viver, baseado na justiça e na partilha fraterna com os oprimidos(as). A gratuidade e a misericórdia de Deus fazem o povo assumir o papel principal em toda a ação de organização e transformação da própria história e a perceber que o verdadeiro sentido da aliança com *YHWH* está na sua união e na prática da justiça e da solidariedade com as pessoas necessitadas. Esse modo de viver possibilita ao povo de Israel a reconstrução de Jerusalém com base na justiça, na solidariedade e no amor misericordioso de Deus.

No segundo capítulo, “o princípio misericórdia” na teologia latino-americana, evidencia-se a realidade sofredora do mundo de vítimas no contexto latino-americano e a fidelidade evangélica com que Jon Sobrino, encarnado na dor e na esperança do povo simples e sofrido, como teólogo cristão, preocupa-se em dar uma resposta misericordiosa a seu clamor. Ele é precisamente aquele teólogo cujo amor a Jesus Cristo, ao Reino de Deus, à Igreja, ao povo e ao labor científico pensa sua teologia a partir da realidade das maiorias oprimidas, empobrecidas, injustamente tratadas e crucificadas, assim como a partir de uma leitura existencial dos testemunhos bíblicos que narram um Deus presente na história dolorosa da humanidade; um Deus que é misericórdia e compaixão, que é justiça salvadora e libertadora e é presença solidária que acompanha seu povo misericordiosamente.

Sobrino sugere que se faça uma leitura, em forma de meditação, dos cantos do Servo sofredor de *YHWH* para uma melhor compreensão do texto, comparando a condição do povo crucificado com a do Servo sofredor apresentado em Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12. Essa leitura meditativa ajudará os cristãos a perceber que a realidade sofredora do Servo de *YHWH* se repete na história dos pobres. As vítimas do Terceiro Mundo reproduzem essa realidade: são povos sem rosto, privados de toda justiça, tendo seus direitos fundamentais violados, como o Servo de *YHWH*, mas procuram implantar a justiça e o direito, lutando pela libertação. É verdade que essa realidade é encoberta e precisa ser descoberta, acolhida e assumida com amor misericordioso e compassivo<sup>435</sup>.

A teologia da misericórdia mostra a importância e a necessidade da abertura ao horizonte das vítimas. Sobrino crê na possibilidade de estabelecer-se um “*Horizontverschmelzung*” (fusão de horizontes) entre a fé das vítimas e a fé de líderes e pensadores mais conscientes. Ambas as formas de fé, histórica e existencial, embora distintas, podem convergir no sofrimento da opressão e na não esperança de libertação. Na solidariedade com as vítimas, apoiando-se mutuamente na fé, abre-se a visão das não-vítimas. As vítimas oferecem uma luz específica para se ver melhor os conteúdos da teologia: Deus, Cristo, graça, justiça, esperança, encarnação e utopia<sup>436</sup>.

<sup>435</sup> OPM 90.

<sup>436</sup> FJC 18.

Para Sobrino, os pobres são o lugar teológico por excelência. Ele insiste em dizer que a Galiléia é o lugar da vida histórica de Jesus, o lugar do pobre e do pequeno. A Galiléia de todos os tempos e contextos históricos é o lugar onde se segue Jesus presente na história: o Jesus histórico, o de Nazaré, o homem misericordioso e fiel até o final na cruz, o sacramento peregrino de um Deus agindo nesse mundo, produzindo salvação na história por amor como uma grande oferta de humanização<sup>437</sup>.

A imagem de Jesus apresentada por Sobrino revela um Deus próximo da criatura humana. Jesus revela, em atitudes e gestos, a bondade misericordiosa e humanizante do Pai, mostrando solicitude divina por aqueles(as) a quem é tirado o direito de viver dignamente. É neles que o Reino de Deus toma corpo. Jesus concretiza o amor humano de Deus. A partir dele, conhece-se a Deus um pouco mais de perto, “Jesus é o próprio Deus que vem com toda a plenitude de amor aos homens”<sup>438</sup>. Nele, manifesta-se o amor gratuito de Deus. Ele é o proto-sacramento do Deus bom, como aquele que passou historicizando a bondade, a ternura e a misericórdia de Deus neste mundo<sup>439</sup>.

A partir da teologia sobriniana constata-se, com clareza, que a misericórdia é uma característica central na vida e missão de Jesus. Ele, o Filho Servo, participa da condição humana do sofrimento e se deixa mover pelo amor livre e gratuito de Deus para inclinar-se e colocar-se em comunhão solidária com os seus filhos(as). Energizado pelo amor do Espírito do Pai, acolhe-os, perdoa-os, liberta-os e salva-os. Por sua vida, por suas atitudes, palavras e ensinamentos, com autoridade, concretiza a misericórdia de Deus junto aos caídos da história. Desta forma, a imagem de Jesus apresentada por Sobrino revela, de modo especial, o amor, a bondade, a misericórdia e a ternura de Deus visíveis e operantes em Jesus. É um novo rosto de Deus inclinando-se e aproximando-se em atenções particulares, libertando as criaturas humanas de suas misérias, solidão e desespero. É uma face misericordiosa mensageira da “Boa-Nova” e portadora de esperança.

No terceiro capítulo consideram-se as exigências que a teologia da misericórdia apresenta à fé cristã hoje. A verdade dos pobres, como situação de injustiça e opressão, apresenta-se, atualmente como exigência ética a uma resposta não apenas teórica, mas também prática, com ações concretas<sup>440</sup>. O cristão(ã) que descobre a realidade dos pobres desperta para o compromisso solidário, efetivo e afetivo em seu favor. Essa situação inumana em que vivem milhões de filhos(as) de Deus é uma apelação e um questionamento ao cristão(ã) como ser inscrito em toda a humanidade; é uma exigência que apela à sua conversão para recuperar a identidade humana falseada, possibilitando a sua recuperação através da responsabilidade para com os pobres vitimados<sup>441</sup>.

A descoberta da realidade inumana dos pobres leva o cristão(ã) a assumir o compromisso ético de empenhar todos os esforços no campo social e cultural, bem como no campo econômico e político para instaurar a “civilização do amor” (expressão utilizada por João Paulo II em várias ocasiões, identificando-a com a “civilização da vida” frente à “civilização da morte”). O cristão(ã) deve considerar, carinhosamente, a sua missão de ser sinal e testemunha da misericórdia divina, revelada no seu grau mais elevado em Jesus

---

<sup>437</sup> FJC 13.

<sup>438</sup> FJC 262.

<sup>439</sup> JCL 212.

<sup>440</sup> Cf. PICO, J. H. / SOBRINO, J. *Solidários pelo Reino*, op. cit. p. 71.

<sup>441</sup> OPM 219-220. (Cf. também SOBRINO, J. *Justicia Para Las Victimas de Este Mundo Una Vivencia Desde El Salvador*. *Diakonía*. Manágua, n. 52, pp. 370-372, diciembre 1989).

Cristo<sup>442</sup>. Empenhar-se em descobrir a verdade dos pobres, aproximar-se deles, fazer-se solidário(a) no compromisso de lhes devolver o direito humano de viver, recuperando-lhes a esperança na misericórdia de Deus ternura e compaixão.

A misericórdia compassiva é o trampolim necessário para jogar o cristão(ã) no campo de luta, na construção de uma sociedade estruturalmente justa, humanamente solidária e fraterna. Para empenhar-se nessa luta pela justiça humanizadora é preciso assumir a misericórdia como princípio orientador do ser e agir. Para isso o cristão terá que reportar-se a Jesus, sua vida, sua prática, seu destino e segui-lo em seu caminho, praticar os seus ensinamentos e refazer, criativamente, dentro do contexto histórico atual, a sua prática compassivo-misericordiosa.

Jesus, o Filho Amado do Pai, sob o impulso de seu Espírito, revelou à humanidade, particularmente aos pobres, a face misericordiosa do Deus Amor. Ele revelou de modo divino-humano o amor de Deus pelo povo pobre selado na sua Aliança com o seu povo Israel que perpassa a história de todos os tempos. Jesus revelou a verdadeira imagem do Pai, misericórdia e compaixão, assumindo sua vontade e concretizando-a em atitudes e gestos solidários humanizantes.

Fiel à proposta do Reino de Deus, Jesus solidarizou-se com os excluídos e marginalizados deste mundo, colocando-se ao lado das vítimas do sistema opressor e revelando-lhes a ternura e a misericórdia compassiva do Pai. Ele desenvolveu uma sensibilidade especial para com os pobres, os indefesos, as crianças, os doentes, os pecadores, as mulheres, os excluídos e com todos os carentes, necessitados e desumanizados de seu tempo. Sua missão voltava-se precisamente para as pessoas pobres, excluídas e marginalizadas (cf. Mt 9,10-13). Sua meta era implantar o Reino da justiça do Pai com a prática do amor misericordioso e compassivo e a essa missão foi fiel até o fim.

No cultivo de uma autêntica espiritualidade de seguimento, os cristãos(ãs) buscarão luz e força para lutar contra a injustiça e colocar-se a serviço dos pequenos, enfraquecidos e indefesos. A espiritualidade do seguimento dá-lhes também força e coragem para não se deixarem intimidar pelas forças do anti-Reino, mas a encarnarem a boa-nova do Reino no compromisso libertador com as vítimas, atualizando a misericórdia compassiva de Deus com gestos de ternura benevolente.

Concluindo, constata-se que a teologia da misericórdia, encontrando eco no coração dos cristãos(ãs), leva-os a revestirem-se do amor benevolente de Deus, a exemplo de Jesus de Nazaré em quem a misericórdia encontrou a sua máxima expressão histórica. Leva-os a testemunhá-lo, atualizadamente, dentro da realidade de pobreza que requer, certamente, a humilde e generosa disposição de descer da cruz os pobres vítimas deste mundo, com reverência e coração misericordioso, fortalecendo-os(as) na fé e animando-os na esperança no Deus da misericórdia. Leva os cristãos(ãs) a revestirem-se da atitude prática de ternura, de acolhida solidária, de misericórdia compassiva, ancorada na fé e na esperança, no Deus que quer a vida, a liberdade e a salvação de seus filhos(as).

---

<sup>442</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Dives in misericórdia*, n. 14.

## BIBLIOGRAFIA

### a) Bibliografia instrumental

ALMEIDA, J F. *Chave Bíblica*. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1970.

BARBAGLIO, G. *Os evangelhos* (I). São Paulo: Loyola, 1990.

*BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA*. *Deutsche Bibelgesellschaft*, Stuttgart, 1969/77. *Fünfte, verbesserte Auflage*, 1997.

*BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA*. São Paulo: Loyola, 1997.

*BIBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: Paulus, 2002.

CERBELAUD, D. Misericórdia. In: *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola/Paulinas, 2004, pp. 1150-1152.

CHEVALIER, J. / GHEERBRANT, A. Pastor; Tatuagem. In: *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1999, pp. 691-692. 871.

EICHER, P. (Dir.). Opção pelos pobres. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, pp. 598-608.

FABRIS, R. *Os evangelhos* (II). São Paulo: Loyola, 1992.

FENGER, A. L. Pobreza. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, pp. 696-712.

HARRIS, R. L. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

KESSLER, H. Redenção. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.

MACKENZIE, J. L. Isaías; Misericórdia. In: *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984, 3ª ed., pp. 449-455. 615-617.

MONLOUBOU, L. / DU BUIT, F. M. Dêutero-Isaías. In: *Dicionário Bíblico Universal*. Petrópolis: Vozes, 1997, pp. 191-192.

MORICONI, B. Compaixão. In: *Dicionário interdisciplinar da pastoral da saúde*. São Paulo: Paulus, 1999.

VAN DEN BORN, A. (Org.). Isaías; Misericórdia. In: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1987, pp. 740-745. 994-995.

#### **b) Bibliografia sobre o Dêutero-Isaías**

ALONSO SCHÖKEL, L. / SICRE DIAZ, J.L. *Profetas*, vol. I. São Paulo: Paulinas, 1991.

AMPUERO, A. *Isaías 40-55: el desierto florecerá*. Pamplona: Fundación Gratis Date, 1998.

AMSLER, S. / ASURMENDI, J. / AUNEAU, J. e MARTIN-ACHARD, R. *Os Profetas e os Livros Proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

ARANGO, J. R. Deus solidário com seu povo. O *Go'el* no Dêutero-Isaías. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*. Petrópolis, n. 18, 1994, pp. 46-54.

BERGANT, D. / KARRIS, R. J. (Org.) *Comentário Bíblico*, vol. II. Profetas Posteriores Escritos Livros Deuterocanônicos. São Paulo: Loyola, 1999.

BLENKINSOPP, J. Alcance e profundidade da tradição do Êxodo no Dêutero-Isaías, 40-55. *Concilium*. Petrópolis, n.10, dez. 1966, pp. 37-46.

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. *A Leitura Profética da História*. Coleção "Tua Palavra é Vida", n. 3. São Paulo: CRB/Loyola, 1992.

CORDERO, M. G. *Bíblia Comentada*. Texto de la Nácar-Colunga III Libros Proféticos. Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid: La Editorial Católica, 1961.

CROATTO, J. S. "Isaías": *A palavra profética e sua releitura hermenêutica*, vol. II: 40-55. A Libertação é possível. Petrópolis: Vozes, 1998.



\_\_\_\_\_. “O Dêutero-Isaías, profeta da utopia”. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, n. 24, 1996, pp. 38-43.

\_\_\_\_\_. “Composição e querigma do livro de Isaías”. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, n. 35/36, 2000, pp. 42-76.

ELLIGER, K. *Deuterojesaja*. Biblischer Commentar Altes Testament. Band XI/1. Teilband Jesaja 40,1-45,7. Neukirchener: Neukirchener Verlag, 1978

FISCHER, J. *Das Buch Isaias*. Bonn: Peter Hanstein, 1939.

KLEIN, R. W. *Israel no Exílio*. Uma interpretação Teológica. São Paulo: Paulinas, 1990.

MESTERS, C. *A Missão do Povo que sofre*. Os Cânticos do Servo de Deus no Livro do Profeta Isaías. Petrópolis: Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. *Estudo sobre Isaías*. “O Dêutero-Isaías”. São Paulo: Paulinas, 1985.

MORIARTY, F.L. La Sagrada Escritura. Texto y comentario Antiguo Testamento. *Biblioteca de Autores Cristianos*. Madrid: La Editorial, 1967.

NÁPOLE, G. M. “Mi Salvación por siempre será y mi Justicia no caerá”. Salvación en Is. 40-55. *Revista Bíblica*. Buenos Aires, 50 Nueva Epoca nn. 30/31, 1988, pp. 143-164.

RAD, G. V. *Teologia do Antigo Testamento*, vol. II. São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1974.

RIDERBOS, J. *Isaías: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2004. (Cultura bíblica, vol. 17).

SCHWANTES, M. *Sufrimento e Esperança no Exílio: História e teologia do povo de Deus no séc. VI a.C.* São Paulo: Paulinas, 1987.

STEINMANN, J. *O Livro da Consolação de Israel e os profetas da volta do exílio*. São Paulo: Paulinas, 1976.

VASCONCELLOS, P. L. “Profecia: Resistência e Esperança”. In: *A História da Palavra I*. São Paulo: Paulinas, 2003, pp. 95-131.

WESTERMANN, C. *Isaia (cap. 40-66)*. Antico Testamento, vol. 19. Brescia: Paideia Editrice, 1978.

WIÉNER, C. *O Profeta do Novo Êxodo*. “O Dêutero-Isaías”. São Paulo: Paulus, 1980. (Coleção: Cadernos Bíblicos/7).

ZENGER, E. O Deus do Êxodo na Mensagem dos Profetas. À mão do Livro de Isaías. *Concilium*. Petrópolis, n. 204, 1987, pp. 25-37.

ZIMMERLI, W. La palabra de Jahveh en el Segundo Isaías. *Selecciones de Teología*. Barcelona, vol. 22, 1983, pp. 316-320.

### **c) Bibliografia de Jon Sobrino: Livros**

SOBRINO, J. *Jesus na América Latina: seu significado para a fé e a cristologia*. São Paulo/Petrópolis: Loyola/Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. *Jesus, o Libertador. I – A História de Jesus de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *O Princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. *A fé em Jesus Cristo. II – Ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Espiritualidade da Libertação: Estrutura e Conteúdos*. São Paulo: Loyola, 1992.

### **Escritos inseridos em outras publicações e artigos publicados em revistas**

SOBRINO, J. Teología desde la realidad. In: SUSIN, L. C. (org.). *O mar se abriu*. Trinta anos de teologia na América Latina. São Paulo: Loyola, 2000, pp. 153-170.

\_\_\_\_\_. Como fazer teologia. Proposta metodológica a partir da realidade salvadorenha e latino-americana. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, n. 55, set/dez 1989, pp. 285-303.

\_\_\_\_\_. El seguimiento de Jesús pobre y humilde. Cómo bajar de la cruz a los pueblos crucificados. *Revista Latinoamericana de Teología*. San Salvador, n. 24, set/dez 1991, pp. 299-317.

\_\_\_\_\_. El Vaticano II visto desde América Latina. *Selecciones de Teología*. Madrid, n. 98, abril/junio 1986, pp. 140-144.

\_\_\_\_\_. Lá opción por la vida, desafío a la Iglesia de El Salvador. *Diakonía*. Manágua, n. 31, septiembre 1984, pp. 249-273.

\_\_\_\_\_. La Iglesia de los pobres, concreción latinoamericana del Vaticano II. *Revista Latinoamericana de Teología*. San Salvador, n. 5, mayo/agosto 1985, pp. 115-146.

\_\_\_\_\_. América Latina, lugar de pecado, lugar de perdão. *Concilium*. Petrópolis, n. 204, 1986/2, pp. 46-58.

\_\_\_\_\_. A injusta e violenta pobreza na América Latina. *Concilium*. Petrópolis, n. 215, 1988/1, pp. 60-65.

\_\_\_\_\_. A fé de um povo oprimido no Filho de Deus. *Concilium*. Petrópolis, n. 173, 1982/3, pp. 35-43.

\_\_\_\_\_. Meditación ante el pueblo crucificado. *Diakonía*. Manágua, n. 49, marzo 1989, pp. 3-16.

\_\_\_\_\_. Liberación misericordia, justicia. Homilía en honor de Gustavo Gutiérrez. *Diakonía*. Manágua, n. 49, marzo 1989, pp. 75-82.

\_\_\_\_\_. Justicia para las víctimas de este mundo. Una vivencia desde El Salvador. *Diakonía*. Manágua, n. 52, diciembre 1989, pp. 355-384.

\_\_\_\_\_. Quinto centenario: pecado estructural y gracia estructural. *Revista Latinoamericana de Teología*. San Salvador, n. 25, enero/abril 1992, pp. 43-57.

\_\_\_\_\_. La misericordia, principio configurador de lo cristiano y lo humano. *Diakonía*. Manágua, n. 65, abril 1993, pp. 25-34.

\_\_\_\_\_. El mal y la esperanza. Reflexión desde las víctimas. *Christus*. México, n. 694, mayo/junio 1996, pp. 12-20.

\_\_\_\_\_. Relação de Jesus com os pobres e marginalizados. *Concilium*. Petrópolis, n. 150, 1979/10, pp. 18-27.

\_\_\_\_\_. Reflexões a Propósito do Terremoto de El Salvador. *Convergência*. Rio de Janeiro, n. 339-343, março/2001, pp. 110-118.

\_\_\_\_\_. Um Jubileu total: “Dar esperança aos pobres e deles recebê-la”. *Concilium*. Petrópolis, n. 283, 1999/5, pp. 149-161.

#### **d) Bibliografia geral sobre o tema misericórdia - ternura - compaixão**

JOÃO PAULO II. *Dives in Misericordia*. Petrópolis: Vozes, 1980.

MATOS, H. C. J. Uma espiritualidade de misericórdia. *Convergência*. Rio de Janeiro, n. 305, set 1997, pp. 412-419.

MOREIRA, G. *Compaixão Misericórdia*. Uma espiritualidade que humaniza. São Paulo: Paulus, 1996.

NOUWEN, H. J. / McNEILL, D. P. / MORRISON, D. *Compaixão*. Reflexões sobre a vida cristã. São Paulo: Paulus, 1998.

ROCHETA, C. *Teologia da Ternura*. “Um ‘Evangelho’ a descobrir”. São Paulo: Paulus, 2002.

#### e) Bibliografia complementar

BARREIRO, Á. Opção pelos pobres. A propósito de uma objeção teológica. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, n.38, 1984, pp.9-30.

BOFF, L. *Do lugar do pobre*. Petrópolis: Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_. *Nova Evangelização*. Perspectiva dos Oprimidos. Petrópolis: Vozes, 1990.

\_\_\_\_\_. *São Francisco de Assis: Ternura e vigor*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOMBONATTO, V. I. Rever e atualizar o conceito de seguimento. In: *Há uma esperança para o teu futuro*. Palestras da XIX AGO. Rio de Janeiro: CRB, 2001, pp.74-79.

CASAGRANDE, M. “O seguimento de Jesus na Inserção. Espiritualidade”. *Convergência*. Rio de Janeiro, n. 306, out 1997, pp. 496-511.

CAZELLES, H. *Introducción Crítica al Antiguo Testamento*. Barcelona: Editorial Herder, 1981.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*: conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Medellín, 1968. Petrópolis: Vozes, 1970.

\_\_\_\_\_. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*: conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Puebla, 1979. Texto oficial da CNBB. Apresentação: J. B. Libanio. São Paulo: Loyola, 1979.

GUTIÉRREZ, G. *O Deus da vida*. São Paulo: Loyola, 1992.

\_\_\_\_\_. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. *Onde dormirão os pobres*. São Paulo: Paulus, 1998.

\_\_\_\_\_. *Beber em seu próprio poço*. Itinerário espiritual de um povo. São Paulo: Loyola, 2000.

HAMMES, É. J. Abba - ó Pai! O Filho – o Pai – a Misericórdia. In: HACKMANN, G. L. B. (Org.). *Deus Pai*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, pp. 75-91.

HERNANDES PICO, J. / SOBRINO, J. *Solidários pelo reino: Os cristãos diante da América Central*. São Paulo: Loyola, 1992.

KONINGS, J. “A memória de Jesus e a manifestação do Pai no quarto evangelho”. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, n. 20, 1988, pp. 177-200.

RICHARD, P. “A Igreja que opta pelos pobres e contra o sistema de globalização neoliberal”. *Convergência*. Rio de Janeiro, n. 342, maio 2001, pp. 203-214.

PALÁCIO, Carlos. Uma Cristologia Suspeita? *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, n. 25, 1993, pp. 181-196.

SIMIÁN-YOFRE, H. (Org.) *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2000.

SUSIN, L. C. *Jesus Filho de Deus e Filho de Maria*. Ensaio de Cristologia narrativa. São Paulo: Paulinas, 1997.

#### **f) Dissertações e Teses**

HAMMES, É. J. *Filii in Filio: A divindade de Jesus como Evangelho da filiação no seguimento. Um estudo em Jon Sobrino*. Tese. Facultate Theologiae Pontificiae Universitatis Gregoriana, Roma: 1995.